

Título O escravo
Autor José Evaristo d'Almeida
Prefácio Manuel da Veiga
Capa Judite Cília
Colecção Para a História das Literaturas Africanas
de Expressão Portuguesa
Direcção, organização e orientação Manuel Ferreira
Editor ALAC — África, Literatura, Arte e Cultura, Lda.
Av. Dom Pedro V, 11-2.º Dto.
2795 Linda-a-Velha
Portugal — Tel. 4192274
Execução gráfica Tipografia Lousanense, Lda.
Rua da Imprensa — 3200 Lousã
Acabado de imprimir em fevereiro de 1989
2.ª edição
Tiragem 1000 exemplares
Distribuição Diglivro
Rua Ilha do Pico, 3-B — Pontinha — 1675 Lisboa
Ref. 8
Depósito legal n.º 24108/88

COLECCÃO
Para a História das Literaturas Africanas
de Expressão Portuguesa

Direcção, organização e orientação de Manuel Ferreira

Nenhuma força, por mais repressiva ou violenta que seja, logra impedir que os povos pautem as suas acções pela fidelidade ou busca da sua identidade étnica e cultural. Ciosamente constroem e partilham da sua consciência nacional: que sendo um inesgotável rio é também o ponto de encontro da comunidade, radicados que permanecem os seus membros a uma origem e história comuns.

É das linhas essenciais do rosto literário e cultural dessa longa gesta dos povos africanos que desejamos deixar registo neste corpo denominado Colecção para a História das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa.

JOSÉ EVARISTO D'ALMEIDA

O ESCRAVO

ROMANCE

2.^a EDIÇÃO

NOTÍCIA

O APARECIMENTO DO ÚNICO EXEMPLAR CONHECIDO DE *O ESCRAVO*, ROMANCE CABOVERDIANO DE JOSÉ EVARISTO D'ALMEIDA

A composição tipográfica deste romance fez-se a partir de uma fotocópia de um exemplar propriedade dos descendentes de José Evaristo d'Almeida, mais especificamente dos irmãos Silvestre e Amiro Faria.

Em 1965 encontrávamo-nos em Luanda, à volta da revisão das provas da 1.^a edição de *A aventura crioula*. Nessa altura tivemos a felicidade de conhecer Amiro Faria, então mobilizado como alferes miliciano do exército português.

De uma das vezes em que, amiúde, nos encontrávamos no Café Monte Carlo*, em Luanda, ali na fronteira entre a cidade do asfalto e a cidade de macadame — a cidade europeia e a cidade de pau a pique (musseques) — a falarmos da literatura caboverdiana, e da escassez de obras do século XIX, acentuando a dificuldade enorme de se obterem elementos concretos para o preenchimento dessa «zona mal iluminada» que era o século XIX —, Amiro Faria, como que puxando pela memória, disse-nos que se lembrava de andar lá por casa como que um antigo romance de nome *O Escravo* ou coisa assim.

Os que andam neste mundo da investigação e da história literárias poderão calcular a ansiosa curiosidade que nos percorreu. Entretanto Amiro Faria comprovaria o nome do romance, o nome do seu autor e a data da publicação: *O escravo*, 1956, José Evaristo d'Almeida.

Com estes primeiros dados foi-nos possível registar a obra na 1.^a edição de *A aventura crioula*, tudo indicando ter sido a primeira vez que essa obra fora nomeada nestas últimas seis ou sete décadas.

Logo que chegámos a Portugal, tivemos ocasião de verificar que nas principais bibliotecas nacionais, incluindo a Biblioteca Nacional de Lisboa, não existia aquela obra. Nos Estados Unidos, também não, considerando-se, portanto, o exemplar de posse dos irmãos faria, o único exemplar conhecido. Até hoje.

* O Café que, nos anos 40 e 50, era frequentado pelos jovens intelectuais angolanos, tais como, entre outros, António Jacinto, António Cardoso e Luandino Vieira.

Amiro Faria, porém, havia-nos prometido, logo que chegasse a Cabo Verde, trataria de obter uma cópia do romance. E, com efeito, nós em Portugal, ele em Cabo Verde, continuámos em contacto por intermédio de uma espaçada correspondência, mas suficiente para que a certa altura Amiro Faria nos informasse que, em breve, chegaria a Lisboa, levando-nos a cópia de *O escravo*. E assim foi, para alegria nossa.

De resto, nas edições posteriores de *A aventura crioula*, bem como em outras obras, e a propósito, sempre fomos referindo o romance, até que, finalmente, apresentámos uma comunicação ao Simpósio sobre Cultura Caboverdiana, realizado no Mindelo, em 1986, integrado nas comemorações do 50.º Aniversário da fundação da *Claridade*, comunicação a que demos o título de «A propósito de duas obras: 'O escravo' e 'Contos singelos'; dois autores: José Evaristo d'Almeida e Guilherme da Cunha Dantas, fundadores da ficção caboverdiana».

Quisemos, porém, que esta edição, pela qual esperámos mais de 20 anos, tivesse um prefácio de Manuel da Veiga, que nos honrou aceitando o convite. Pela sua leitura ver-se-á a importância de *O escravo* na historiografia romanesca não só de Cabo Verde como dos cinco países africanos onde se fala a língua portuguesa.

M. F.

DADOS BIBLIOGRÁFICOS

Com base em alguns elementos que por nós próprios foram obtidos e com base em dados fornecidos, a nosso pedido, pelo engenheiro Amiro Faria, elaborámos esta escassa cronologia:

José Evaristo d'Almeida, nasceu em Portugal, no século XIX e faleceu na Guiné-Bissau no século XX. Esteve radicado em Cabo Verde, durante muitos anos, onde deixou descendentes, alguns ainda hoje vivos, como os poetas Silvestre Faria e Amiro Faria, o primeiro, funcionário bancário, aposentado, residindo actualmente nos E.U.A., o segundo, engenheiro presentemente em Moçambique numa comissão de serviço.

Além de *O escravo*, impresso em Lisboa, na Tipografia de G. M. Martins, em 1856, com 213 páginas, o Autor publicou, também, no mesmo ano, impresso na Imprensa Nacional, Lisboa, um folheto intitulado *Epístola a...*, que tem uma referência a Cabo Verde.

O escravo foi publicado in *A Voz de Cabo Verde*, Praia, desde o n.º 244, 22 maio 1916, ao n.º 294, 21 maio 1917.

Prefácio de
Manuel da Veiga

UMA LEITURA PLURAL

Costuma-se dizer que uma das características fundamentais de uma obra de arte é a sua dimensão plural. Não sendo ela ciência, no sentido rigoroso do termo, o seu objectivo é revelador mais de uma alteridade do que de uma fechada identidade. Lendo O escravo, de José Evaristo d'Almeida, pela pertinência e alteridade do seu conteúdo, ficou-nos a impressão de ter descoberto uma obra de arte — apesar da sua singeleza e economia de contrastes — publicada há mais de cento e trinta anos e que, por razões que desconhecemos, é pouco conhecida no nosso meio.

Fomos convidados a prefaciá-lo e, embora sem referências do seu autor, da sua época e do seu meio, sentimos a tentação de responder afirmativamente. Ao dizermos sim, sabíamos do risco que corríamos, mas sabíamos também que a obra de José Evaristo d'Almeida, ainda que fosse só pelo facto de ser o primeiro romance de temática caboverdiana, tinha sobejas razões para merecer a nossa atenção — e porque não também? — as nossas interrogações.

A leitura do livro, embora com um colorido e ritmo não muito variados, entusiasmou-nos desde as primeiras páginas e, ao penetrarmos no subterrâneo da sua gramática, na subtilidade das suas palavras e no mistério das suas imagens e do seu estilo, descobrimos que o sim dado foi para nós não só um privilégio como também uma honra.

A leitura plural que vamos fazer é-o porque plural é também a mensagem do autor. Falamos da nossa leitura e não da nossa crítica, porque não queremos fazer o papel nem de advogado, nem

de juiz de O escravo. Há quem critica quando já não é capaz de fazer obra de arte e há quem cria obra de arte com a crítica que faz. Se neste prefácio tivéssemos que recorrer à inspiração das musas, não hesitaríamos em pedir o dom de criar com a crítica que gostaríamos de fazer; porém, dispensamos este pedido já que a nossa intenção é tão-somente diagnosticar a obra para melhor a compreender e torná-la mais compreensível para outros. Neste sentido, não pretendemos semear nem podar, mas fecundar a sementeira do autor. Não vai interessar-nos o que o livro tem e não deveria ter, ou que não tem e conviria que tivesse. A nossa preocupação é a de um descobridor que procura e desafia novos mares, novos mundos e novos horizontes, sem planificar, de antemão, o que gostaria de descobrir; sem julgar — embora movido pelo desejo de compreender — o objecto do seu achado. Na análise que vamos fazer, não preconizamos dizer o que a obra é, mas sim o que ela pode ser e a ressonância que em nós provocou.

Não sabemos se, pela curta e exploratória viagem que vamos fazer através da obra de J. Evaristo d'Almeida, poderemos, à semelhança do seu amigo Henrique José d'Almeida, «entender (o seu canto) e compreender o «quanto (sua alma...) sofreu». O autor de O escravo nos perdoará se não conseguirmos atingir a intensidade da sua mensagem e a profundidade do seu mistério.

Lendo O escravo, ficou-nos a sensação de que a obra, mais do que uma história de escravatura, é uma saga de amor. João, seu herói principal, é um escravo negro que se sente agrilhado e despedaçado mais pela dor de um amor «impossível» do que pelo sofrimento da condição de escravo, cuja situação de impiedade é dulcificada pela própria intensidade de um amor antes espiritual do que carnal. Curiosamente, apaixonou-se por Maria, uma mestiça livre, neta de sua mãe negra, e sua própria «patroa».

Sabendo da impossibilidade desse amor fatal, João, com a cumplicidade da escrava Luíza — que o ama sem ser correspondida — pôde adorar e beijar a sua «patroa amada», enquanto dormia, na intimidade do seu próprio quarto. Por este acto, o escravo foi expulso e Maria, que não podia amá-lo, fê-lo fôro, como prenda de um amor sincero a que ela não podia corresponder.

A dor desta separação foi para João maior do que a alegria da liberdade. Livre, João procura pela sua mãe Júlia, uma negra que fez pacto com o Demónio porque lhe parecia que a escravatura, não sendo aceite por Deus, seria banida da Terra. Júlia acolhe o

filho negro, mas amaldiçoa a neta mestiça por ser filha de um filho «seu», que ela rejeita, por ter sido obra (imposta) do branco Pimentel. Porém, João não deixa de amar a «sua» Maria, um amor cujo clímax atingiu na altura em que cai fulminado pela espada do Sr. Lopes, um português bandido que tinha raptado a mestiça Maria. Esta, que entretanto tinha fugido durante o combate, voltou para o João, depois da fuga do seu raptor que foi perseguido por um grupo de gente do interior de Santiago e que veio em socorro do João.

Nesta hora derradeira, Maria percebe a magnanimidade do amor do João que se sente feliz por estar a expirar nos braços da pessoa amada:

«— Maria, expirar nos teus braços, era quanto n'este mundo podia apeteecer. Se tu soubesses quanto neste momento sou feliz! Olha, olha para mim: notas acaso no meu rosto algum sinal de sofrimento? algum indício de susto por ver aproximar-se a hora do passamento? Não, porque o gozo que desfruto é indizível! A morte, senhora, vai tornar-me teu igual; o anjo da agonia, que eu vejo adejar em torno a mim, diz-me que eu posso, sem atender-te, apertar entre as minhas esta mão, sobre a qual tu permites — não é assim — que eu descanse muitas vezes meus lábios...

Eu amo-te, Maria... oh! eu posso dizer-t'ó sem pejo, porque a morte vai purificar o amor do escravo»...

Não podendo resistir, Maria, desobedecendo os preceitos (ou antes os preconceitos) sociais, caiu também amorosa do seu «escravo» moribundo

«E seus labios, quais folhas de descorada rosa, orvalhados pelo rocío da manhã, foram unir-se à pálida boca de João; e os beijos deste, extremecendo a tão delicioso contacto deixaram exhalar-se a vida por entre um sorriso d'estreme prazer»...

Com esta morte, ao mesmo tempo trágica e lírica, termina a história de «O ESCRAVO» cuja leitura plural gostaríamos de propor nas linhas que seguem.

A INTELIGÊNCIA DO TÍTULO: À primeira vista, o título da obra faz-nos pensar na dura situação dos que nasceram na situação de escravatura. À medida que a leitura avança, o nosso pressentimento inicial se dilui no emaranhado da trama que tem a ver menos com a escravatura de condição do que com a do coração. O escravo, pois, encerra um conteúdo pluridimensional portador mais de uma significação do que de um significado. A alteridade que, de maneira clara ou encoberta, encontramos atrás do conteúdo evocado por um título aparentemente simples, é revelador de uma polissemia cujo inverso semântico não cabe no círculo estreito da sua identidade.

O autor, ao escolher o seu título, quis antes fazer dele a «expansão de um nome» orientado para diversos horizontes e campos semânticos do que a «história de um único predicado» circunscrito na estreiteza de um conceito unidimensional. É assim que ele reflecte a escravatura de amor, em primeiro lugar, mas também a de condição, a de ignorância e ambição. A obra é como que um caleidoscópio em que o brilho das pedras depende, em grande parte, do sol interior do próprio leitor.

A EXPRESSÃO UTILIZADA: Se exceptuarmos o caso da Grécia antiga, dominada pelos romanos, em todas ou quase todas as sociedades vítimas de dominação, o problema da expressão literária é um dos grandes «handicaps». Se para alguns intelectuais essa lacuna representa um sofrimento e uma angústia cultural, para outros ela é, tão-somente, uma oportunidade para se instalar antes na filosofia do «parecer» do que na do «ser».

É vivendo a angústia de uma situação sem saída (pelo menos num dado contexto) que obrigou Léon Laleau — citado pelo autor de «KUMA», o senegalês M. GASSAMA — a desabafar-se nos seguinte termos:

*«...Sentez-vous cette Souffrance
Et ce désespoir à nul autre égal
D'apprivoiser, avec des mots de France,
De coeur qui m'est venu du Sénégal?»*

Embora para o autor de O escravo a situação seja um pouco diferente, contudo o problema de expressão («le mot juste») é patente na sua obra; e isto porque o veículo utilizado é o português, mas a vivência e o conteúdo da mesma são recheados de criouli-

dade. E como aprender o sentir de uma vivência através do palpar de um coração estranho ou da ressonância de um instrumento pouco conhecido ou mesmo inapropriado? José Evaristo de Almeida não esconde a sua dificuldade quando ao querer reproduzir, no capítulo IV, um diálogo entre Luiza e João, diz:

«Tudo isto foi dito em creoulo: nós porém não estamos senhores d'essa linguagem a ponto de poder referir, no dialecto empregado pelos dois interlocutores, a conversação que vai ter lugar. Sentímo-lo pelo que respeita a Luiza; por quanto algumas das expressões d'ella não terão no portuguez — que está ao nosso alcance — a força que no creoulo se lhes deve ligar».

No capítulo VI, o autor de O escravo continua a não sentir-se à-vontade com o problema de expressão, quando afirma:

«Dissemos que lamentamos não saber manejar a linguagem creoula, quando tratámos de reproduzir as phrases de Luiza»...

Não há dúvidas de que traduzir a alma de um povo é, de algum modo, descaracterizá-la. E como conciliar o ser da essência com o parecer da tradução? A angústia é grande, sobretudo quando se tem uma mensagem e não se possui uma expressão própria para a comunicar. Porém, o drama só é vivido quando se tem a consciência da consubstanciação que deve existir entre a mensagem e o seu veículo.

À primeira vista, pode parecer que o sofrimento de Léon Laleau e as lamentações de José Evaristo são modismos, ou então situações já ultrapassadas em África, nos tempos que correm. Isto é o que pensam os enfeudados de uma cultura emprestada ou hipotecada. O problema não deixa de existir mesmo quando se trata de uma cultura estrangeira (entenda-se língua) assumida, como é o caso do português em Cabo Verde.

Não é exagero dizer-se que, enquanto a expressão (escrita) dos países «dominados» continuar subdesenvolvida e subvalorizada, a produção literária dos mesmos continuará sendo uma tradução, com fortes riscos de originalidade e mesmo com possibilidade de deturpação. Já no recuado ano de 1835, José Evaristo d'Almeida

viveu e teve a consciência do problema. E hoje?! Dissemos que não íamos julgar e, por isso, passemos à frente.

LEITURA DE ALGUNS CONTEXTOS: Variadíssimos são os contextos de O escravo e cada um deles poderia ser abordado de diversos ângulos e de ópticas diferentes. Debruçar-nos-emos sobre alguns deles, como o temporal, o geográfico e o social.

A história começa e recomeça, embora sem tanta preocupação de explorar os diversos contrastes, particularmente os psico-sociológicos. Por vezes, há uma sobreposição de planos. Há o primeiro que é a história a desenrolar-se nos limites do seu próprio horizonte temporal, e há o segundo (ou mais) plano que é o tempo da narração, o tempo da história contada pelo autor ou pelo narrador. Porém, a sensação com que se fica é que, muitas vezes, há uma justaposição dos dois planos, sobretudo se tivermos em conta que a história se situa em 1835 e que a sua publicação se verifica em 1856, mediando um curto espaço de tempo entre as duas datas. Tudo isto para dizer que, se exceptuarmos algumas ocorrências — como por exemplo a do «Gomeseannes» no capítulo VI — a história contada parece quase fazer parte da vivência do seu autor-narrador. Começando em 1835, ela «recomeça» em 1797 com «a história da feiticeira» (capítulo VII); o narrador é o mesmo e parece ser do tempo da própria história, o que poderá significar que se trata de uma autobiografia, ou então de uma história vivida, sofrida por quem a narra. Aliás, a dedicatória feita nas primeiras páginas deixa entender que a história do livro tem algo a ver com a do seu autor.

Um outro contexto que muito nos ilumina para a compreensão da obra é o geográfico. Este situa a história num determinado espaço, reconhecendo-lhe aquilo que podemos caracterizar como identidade ambiental. Desde a primeira página, não só fala do lugar onde a mesma se desenrola, mas também das características desse lugar. É assim que fala da seca das achadas, da aridez da «Vila da Praia, da Ilha de São Thiago» e, ao referir-se ao «sítio B...», que provavelmente deve ser uma das férteis ribeiras desta mesma Ilha, diz não haver aí ameixieiras e pereiras, mas sim «fartas lorangeiras, abundantes bananeiras, o cajueiro, o zimbrão, a norça, os tamarrindos, as palmeiras... Nem faltava ahi o rubicundo café, a canna do assucar...»

As referências não param por aí. O autor fala ainda da purgueira, pinhões, coqueiro, maniplo, espinheiro, mandiqueira.

Não há dúvidas de que a flora referenciada é um dos elementos caracterizadores que identificam e situam a história. Mas o autor, para ser mais preciso, fala também da toponímia, e é assim que se refere ao Monte Vermelho, ao Pico d'Antónia, à Vila da Praia, a Ponta Temerosa, à Nora, à Fonte Ana, à vargem da Companhia, à Santa Catarina, à Boentrada, às Ilhas do Fogo, Maio e Santo Antão.

O enquadramento geográfico não deixa margem para dúvidas quanto à localização da história no espaço caboverdiano, particularmente na ilha de Santiago.

Porém, se o autor se recorre à geografia como um dos elementos caracterizadores da sua história, não se esquece do húmus social que forma e enforma a sua narração.

É assim que fala da relação senhor/escravo, do relacionamento entre o branco, o negro e o mulato, das manifestações do batuque e do torno, dos instrumentos musicais típicos, do uso do Crioulo e do Português, da cachupa e dos cuscus, da saudade, do valor da virgindade, enfim, dá uma amostragem significativa da paisagem social caboverdiana.

A leitura ou as leituras dos diversos contextos da obra parecem deixar entender que o autor não pretendia criar uma ficção, mas sim contar uma história — e quem sabe? — talvez a sua própria história, e parece ser esta a razão por que a sua narração, em muitos aspectos, se caracteriza mais por uma estrutura (auto)paradigmática do que sintagmática.

Sem pretender esgotar toda a mensagem dos contextos, iremos debruçar-nos sobre a leitura de alguns dos eixos fundamentais para a apreensão e compreensão do universo semântico de O escravo, como: o Amor e a Escravatura; a fraqueza do Branco e o Triunfo do Mestiço, em terras de Cabo Verde, na segunda metade do século XIX.

Como dissemos já, o livro é uma autêntica saga de amor. Nele, a dor do amor parece ser muito mais pungente que a da escravatura. A escravidão exercida pelo amor sobrepõe-se àquela que é exercida pela condição de escravo. Quase todos os personagens sofrem de amor ou por causa do amor. Porém, a cada personagem um amor diferente. Assim, o amor de João é quase platónico, o de Maria é extremamente espiritual, o de Luiza é largamente humano e, finalmente, o do Sr. Lopes é carnal, egoísta e criminoso.

João ama, à distância, e talvez sem tanto desejo de possuir, mas morrendo de angústia por não ser possuído. Caracterizando o seu amor por Maria o narrador afirma:

«Elle amava!... amava d'aquelle amor que nos corroe a alma — que nos absorve o pensamento — que nos veda a vontade para tudo quanto possa afastar-nos do objecto querido!... Amava, considerando na distância immensa, que o apartava do ente único, que podia encher o vacuo da sua vida! Amava, sem que podesse manifestar o seu amor — tendo de calar, de esconder as mais deliciosas sensações do seu peito!»

Mesmo sabendo que se tratava de um amor impossível — o do escravo para com a sua senhora — João não desiste porque o seu amor, melhor dizendo, a sua paixão, era mais forte do que todo o palpitar do seu ser. A densidade desse amor transparece nas suas próprias palavras quando faz a seguinte declaração à sua amada:

«... por maiores que sejam as torturas que imaginardes; por mais dolorosos que vos pareçam os tormentos por que houverdes de fazer passar o escravo, acreditai que esses tormentos parecer-me-hão bem suaves comparativamente ao padecer que até hoje tem atormentado meu peito! Porque eu amo-vos, adoro-vos como o idolatra o seu idolo, como o mahometano o alcorão, como o puritano a sua Biblia, como Jacob a Rachel, como a immaculada Virgem cujo nome possuíis ama a Christo, seu filho!... Amo-vos com todo o entusiasmo da minha alma, com toda a força do meu sentir, com todo o poder da minha vontade! Este amor apossa-se dos meus sonhos assenheora-se do meu pensar, domina finalmente todas as sensações da minha vida!»

O amor do João era tão altruísta que, pelo «crime» de ter tanto amado, supplica à sua amada:

«ferí, senhora, dai-me a morte que mereço; dai-me a morte, que eu a aceito com reconhecimento; dai-me a morte que considero preferível ao meu viver; daim'a, mas

por piedade! seja a vossa mão que me fira; matai-me vós mesma para que eu morra dizendo-vos quanto vos amo; para que possa acabar conservando vosso nome sobre meus beiços!!»...

Porém, se o amor de João sobressai pelo seu «masoquismo» altruísta, o de Maria era banhado de poesia e de espiritualidade. Escutemos o teor de uma carta-desabafo que ela escreve ao pai, relembrando os conselhos que este costumava dar-lhe:

«Maria — me disseste — o amor é uma necessidade da vida: elle faz as delicias da existência e quando a alma recebendo-o pouco a pouco, pode firmar-se sobre as virtudes do ente que nol-o inspira: santificado depois pelo altar, elle promove o deleitoso viver que disfructamos, eu e tua mãe. Quando porém elle se apresenta frenético, fogoso e deslumbrante, fallando à sensualidade e não ao coração; quando ele nasce de pensamentos impuros e arrasta a vitima innocente ao crime... então esse amor criminoso é a origem de imensos males, faz sofrer mil torturas o coração d'aquella que lhe não soube ser superior — torturas pungentes, às quais só a morte pôde pôr termo».

À primeira vista pode parecer que o amor de Maria se opõe ao do João; porém, embora diferentes, eles se tocam pelo lado da espiritualidade. A diferença reside, talvez, na intensidade, uma intensidade que, no caso do João, ofusca a sua personalidade. Ela pode residir ainda na própria orientação dada ou assumida: para Maria, o amor parece ter dois sentidos e a felicidade consiste no equilibrio dos dois movimentos. Em João não se sabe ao certo onde é que pode situar o ponto do equilibrio porque o sentido do seu amor é mais unilateral do que bilateral.

Quanto à Luiza, o seu sentimento (por João — não correspondido) tem as características de um amor normal. Ela ama, mas sem perder a razão. O mesmo não se pode dizer do amor do Sr. Lopes, um branco que, talvez por eufemismo político, o autor apresenta-o como um ilhéu, presumivelmente de uma das ilhas adjacentes a Portugal. O seu amor não possui o romantismo de João, nem a poesia de Maria, nem o humanismo de Luiza... Trata-se de um «amor» egoísta e venal.

Resumindo o comparando ainda o amor dos diversos personagens, diríamos que o de João se aproxima muito do ideal trovadoresco e cavalesco da Idade Média; o de Maria, pela sua poesia e virtude, tem muito do ideal romântico do século XVIII e, em certos aspectos, se confunde com o ideal de amor de um dos personagens de «La Nouvelle Héloïse — de J. J. Rousseau» — quando afirma diante da pessoa amada: «... quand je cesserai d'aimer la vertu, je ne t'aimerai plus; à ma première lâcheté, je ne veux plus que tu m'aimes». Quanto à Luiza, o realismo do seu amor é atemporal, podendo verificar-se em qualquer época. Finalmente o amor criminoso do Sr. Lopes é contextual (entenda-se colonial) e se manifesta lá onde o sentimento de amor se confunde com a própria força física ou brutal.

Se a narrativa do autor não fosse de carácter histórico, nós procuraríamos fazer interrogações sobre as insinuações quanto às características do amor (ou sentimentos) dos negros e mestiços em relação às do amor do «branco». Mas a mensagem é clara, porque histórica também. Só que o Sr. Lopes, presumivelmente, não será, para o autor, o símbolo do Branco, mas apenas de uma determinada categoria de brancos.

Porém, deixemos o tema do amor e retomemos o da escravatura. A leitura que se faz da situação de escravatura, na narrativa do autor, é dupla, para não dizer múltipla. Há a «doce» escravatura exercida pelo «amor» e que, apesar de tudo, é mais tirânica. Há a triste «escravatura de condição» que quase se eclipsa diante da primeira. A que é devido esse escalonamento? Talvez porque na situação concreta (ia dizer histórica) da narração as coisas passavam mesmo assim. Talvez porque os personagens, salvo alguns rasgos de consciência, sobretudo em Luiza e Júlia, não tinham compreendido o valor e o significado da condição de liberdade, e do sentido da igualdade fundamental que deve existir entre os homens. Talvez ainda porque pode-se ser escravo de condição e livre de pensamento e de sentimento e, neste sentido, a escravatura de coração pode ser mais difícil que a de condição.

A resposta do autor pode, inclusivamente, não fazer parte de nenhuma das hipóteses apresentadas. Nada de mais normal. Porém, o que importa, é que cada leitor encontre a sua própria resposta.

Outra interrogação não menos importante é o tipo de escravatura exercida sobre o negro João pela mestiça Maria. Com efeito, ele que chegou a ser um brinquedo nas mãos de um outro senhor, ele

que chegou a ter o chicote por mestre e a tortura como incentivo para o trabalho, passou a ter a sua própria «senhora» por mestre e professora. Esta não só lhe ensinou a ler como reconhecia nele a nobreza de sentimentos, prática que não é muito frequente, nem normal, na filosofia da escravatura.

Outra interrogação é o facto de João ser, ao mesmo tempo, escravo negro de alguém que é, simultaneamente, sua tia (mestiça) e sua apaixonada. Porventura será isto uma lição de interdependência de raças e de culturas? É provável.

Pode-se ainda interrogar sobre o facto do João ser escravo, recentemente liberto, e que rapidamente se transforma num valente cavaleiro que morre, de espada abraçada ao peito, em defesa da mulher de quem fora escravo e «amante».

Todas estas perguntas podem deixar entender que a escravatura estava a caminhar para o seu fim, que a exercida pelo mestiço era mais suave e mais humana que a do branco, que o negro estava a conquistar terreno pelos seus próprios méritos ou ainda que se encontrava cultural e sentimentalmente mais perto do mestiço que do branco. O texto não é explícito nem categórico. O mesmo não se pode dizer do intertexto.

Mas o autor não quis circunscrever o sentido da escravatura na vivência apenas do João. Fala também da escrava Luiza que reclama:

«... maldição sobre os brancos, que primeiro vieram devassar nossos climas; que chamaram selvagens a nossos costumes; e que — despertando a ambição em nossos pais — os levaram a sacrificar seus filhos à posse de vis ouropéis... chamam-se humanos e suas mãos mandam o chicote retalhar nossas carnes, como se o sangue que d'ellas corre não fosse igual ao d'elles! Chamam-se humanos, e ordenam que pezadas algemas venham torturar nossos pés!»

Ainda, como que a dar lição, Luiza continua: «A côr é um atributo do corpo, e não da alma; a côr é um indício do paiz e não do espírito»...

O autor não fica por aí. Retrata também a escravatura vivida e sofrida pela Júlia, mãe do João e avó da Maria. Se em Luiza há rasgos de consciência que desvenda e denuncia a verdade da escravatura, em Júlia essa consciência é ainda mais aguda, talvez por

lições do intertexto. Aliás, se o seu autor fosse um negro ou um mestiço, a mensagem do livro poderia não ser tão isenta como de facto parece ser. Não há dúvidas de que a obra de José Evaristo d'Almeida poderia, perfeitamente, ser escrita por um caboverdiano. Aliás, se não tivéssemos aprendido com Manuel Ferreira, que ele era português, nós, depois da leitura de O escravo, não teríamos dúvidas sobre a sua caboverdianidade. Cremos que, sendo ele originário de Portugal, a sua vivência, porém, era caboverdiana. E, se a probidade dessa vivência (que desconhecemos) coincide com a da sua obra, não hesitamos em considerá-lo — muito mais do que um amigo — um irmão.

Praia, 4 de maio de 1988.

I

JOÃO — O ESCRAVO

Em 1835 o sítio de B..., pouco mais de meia légua distante da Vila da Praia da ilha de São Tiago — uma das ilhas de Cabo Verde — não tinha ainda experimentado os melhoramentos, que hoje lhe dão a aparência de uma quinta europeia. Contudo, apesar da falta de arte no seu amanho, com quanto não houvesse ali outra cultura além da das plantas indígenas, nem por isso deixava de ser aquele sítio — na época a que nos referimos — um dos mais aprazíveis para quem saía da Vila da Praia, cuja aridez contrasta singularmente com a vegetação constante de um ponto que lhe fica tão próximo. E quem sabe? Talvez alguém, entendendo que a arte, à força de regularizar, estraga muitas vezes a poesia dos campos, e torna monótono o que a natureza criara romântico, achasse mais novidade — e por consequência maior deleite — em contemplar a ribeira, ora espreguiçando-se à vontade; ora caprichosa afastando-se do seu leito; serpenteando acolá, subdividindo-se aqui; umas vezes ligeira, outras demorando-se a brincar com o arbusto, a que ela dá vida, com o ramo que a beija, com a pedrinha, que poliu à custa de afagos: talvez — diremos — achasse mais prazer em observá-la assim — tal qual a natureza a formara — do que vê-la subordinada a certos e determinados regos, que a enfraquecem, que a torturam, que a forcem desde a sua origem — já fazendo-a subir mais do que ela pode — já obrigando-a a desprender-se de uma parte de si mesma, para assim mais facilmente ser engolida pela terra sequiosa, de que ela queria escapar-se.

Em 1835, ainda ali não havia, nem as azedinhas, nem as ameixeiras, nem as pereiras, nem outras árvores, que, em seis anos têm crescido muito, copado pouco, e que — como saudosas de seu país natal — permanecem tristes, temendo expor seus frutos aos raios abrasadores de este sol africano. Mas, em seu lugar vereis fartas laranjeiras, abundantes bananeiras, o cajueiro, o zimbrão, a norça, os tamarindos, as palmeiras altas, tão altas que podia dizer-se eram as primeiras a saudar o sol. Nem faltava aí o rubicundo café; a cana-de-açúcar, que parece ornar-se — quando florida — com as elegantes penas das aves-do-paraíso. Não existia, é verdade, um jardim tão matizado, tão fértil, tão variado como o de hoje; mas no local aonde actualmente está uma horta, haviam então três canteiros, e alguns vasos, dispostos de maneira, e contendo flores tão frescas e viçosas, que ao vê-las facilmente se adivinhava, que mereciam os desvelos de femininas mãos.

E assim era; por quanto, na manhã de 2 de Fevereiro do referido ano, quem aí chegasse, observaria uma cena pouco vulgar na zona tórrida — a conversação quase familiar da senhora com o escravo. Aquela estava ao pé dos canteiros, em que falámos, e aonde se balouçavam contentes algumas flores que, com quanto pouco merecessem na Europa, não deixavam, todavia, de ser apreciáveis num país, aonde um sol ardente mata os melindrosos cravos do Meio-dia. Bem pequeninas e torneadas eram as mãos da jovem senhora, mas nem por isso desdenhavam de empregar-se no árduo mister de arrancar as ervas parasitas. Pouco distante segurava o regador um de esses entes votados de nascença à escravidão. Em seu preto rosto havia alguma coisa de singular que levava a persuadir, que naquela alma se debatiam bem opostos sentimentos — que naquele coração existia um pesar que a espaços se escondia para dar lugar a um fugitivo prazer; tão fugitivo, que o dissereis a luz do pirilampo: — era a chama brilhante que acendia um ideal sublime, para ser logo extinta pelo vendaval do positivo: — era um desses pensamentos ocultos, cujo complemento fizera a felicidade do ente que os criou!

Ela, a jovem que tratava de objectos tão queridos ao seu coração, de objectos inocentes como a sua alma, puros como o seu pensar — ela, dizemos, toda entregue a essa ocupação tão grata às almas, que as flores simbolizam — não reparara que um *cem-pés* lhe subira pela manga do roupão, e estava a ponto de invadir-lhe o colo, que — por estar nu — a brisa beijava a seu belo prazer.

De um salto transpôs o escravo o espaço que o separava de sua senhora, e subtil — como o hábil operador, cujo escalpelo apenas corta a porção que lhe é destinada — ele deitou por terra o venenoso insecto, sem que com os dedos tocasse, nem de leve, em sua senhora.

— Que é isso, João? lhe diz ela, olhando-o com expressão de bondade.

— Não é nada, senhora, apenas um malévolo que pretendia aproximar-se de vossos ombros, mas que pagou bem cara tal ousadia.

E dizendo isto apontou para o chão mostrando esmagada a sua vítima.

— Eu te agradeço, meu João. Quem me diria que entre estas flores, que eu tanto prezo, se havia de esconder tal sevandija! Mas, nem por isso, eu quero menos às minhas flores: se elas pudessem falar, de certo me teriam avisado do perigo que me estava iminente; ter-me-iam prevenido de que se serviam delas para me molestarem. Mas elas não falam; podem só manifestar-me a sua alegria, apresentando-se-me viçosas e belas; e eu compreendo todo o seu pesar, quando após uma noite tempestuosa as encontro flácidas e tristes. Se Deus lhes tivesse dado o dom da compreensão, como lhes doou um tão delicado sentir, ensinar-lhes-ia tudo quanto lhes pudesse ser útil: dir-lhes-ia que não se fizessem fortes com o vendaval que as mata; e que — em vez de resistirem — dobrassem o colo, erguendo-o só quando estivessem bem certas de que o seu inimigo estava longe. Praticava com elas o mesmo que pratiquei contigo, meu João; far-lhes-ia aprender quanto meu pai me ensinou; e, assim como cultivei o teu espírito, eu desenvolveria o de essas inocentes flores, que me dão instantes de pura satisfação.

— Ah! exclamou João depois de um curto silêncio —, quanto é grato ouvir-vos! Como se dilata o coração de quem luta, quando a vossa harmoniosíssima voz se lhe cõa na alma! É ouvindo-vos que se pode, na terra, conhecer a voz dos anjos, é sendo vosso servo que se chega a compreender a elevação de vosso sentir; que se podem apreciar vossas virtudes, a bondade de vosso coração, a multiplicidade de sublimes sentimentos que ornem vosso peito; é tratando convosco que se pode bem avaliar quanto é imenso o Deus que vos formou, e cujo culto vós me ensinaste; de esse Deus supremo, a quem eu dirijo incessantemente preces por vós, senhora; por vós, a quem eu devo a cultura de minhas ideias! E, contudo, há momentos em que eu deploro que o meu espírito tenha saído da

esfera do de meus semelhantes; há momentos em que eu de boa vontade trocava o saber que devo a vossos cuidados, pela ignorância daqueles que como eu nasceram escravos. Ai de mim! Perdoai, senhora, a franqueza do escravo: não olheis para mim com esse olhar de repreensão que me faz estremecer! Conheço que as minhas palavras podem ser olhadas como humedecidas pelo veneno da ingratidão; conheço quanto fel, quanta amargura destila a frase que ousei avançar: mas ouvi-me, e estou certo que o vosso coração — justo como é — não se recusará a absolver o captivo da culpa de falar tão livremente a sua senhora.

— João, não te condenarei sem te ouvir: fala pois; e peço a Deus que te inspire palavras que dissipem a impressão desagradável que me fizeram as expressões que soltaste.

— É a minha história que eu pretendo contar-vos; a minha história, que começa quando eu tinha apenas nove anos. Nessa idade juvenil, já eu sofria os maus tratamentos a que nesta terra estão condenados os escravos. Tinha sido destinado para o serviço de vosso irmão; e vós sabeis, senhora, quanto eu involuntariamente vos fazia padecer, nas expressões desagradáveis que ele vos dirigia, quando tomáveis a minha defesa, e que vinheis — qual anjo benéfico — tirar-me das mãos de uma criança, cujo gênio — já de natureza arrebatado — não era possível reprimir, em razão da doença que aos oito anos o levou à sepultura. Perdoai, se me remonto a uma época, cuja recordação vos deve ser dolorosa; mas era preciso que vos fizesse sentir que me não esqueço, nem mesmo dos benefícios que me progalizastes numa idade, em que esquecem facilmente semelhantes coisas. Era pois, como dizia, um ente destinado a servir de juguete a uma criança, que me repetia a cada passo o que ouvia aos demais senhores de escravos: Estes negros são uns animais superiores aos macacos só no falar — o seu mestre deve ser o chicote — a tortura o incentivo para os fazer trabalhar. O amargor destas palavras não fez com que eu deixasse de votar uma lágrima à sua memória. Logo depois da morte dele, vosso pai quis vender-me, porque de uma constituição fraca, não podia eu servir-lhe para o trabalho da lavoura, único a que destinava os escravos: vós vos opusestes a essa venda; e aquele que tinha recentemente perdido um filho, entendeu que devia anuir cegamente aos desejos da única que lhe restava. Foi então que uma nova existência raiou para mim: aos maus tratos, sucederam-se as expressões de bondade; e amigáveis conselhos vieram substituir as repreensões aviltantes. Um dia

em que buscava aprisionar uma linda borboleta, tive a infelicidade de a esmagar. Vós estáveis presente, e com um gesto irado — qual atéli jamais vos vira — dissestes-me: João, não te julgava dotado de mau coração: como ousaste extinguir a vida dessa inocente? Se te era impossível havê-la às mãos conservando-lhe a existência devias deixar a coitadinha procurar suas companheiras. Estas palavras vossas fizeram-me uma impressão difícil de contar. Eu, que julgava meus superiores com jus a esmagarem-me, não podia explicar-me o motivo por que não reconhecíeis em mim o direito de matar um vivente que me era tão inferior. A penetração do vosso espírito, como que leu no meu coração; adivinhou — pela expressão do meu rosto — a dúvida que eu nutria; e de vossos lábios saiu esta pergunta sucinta — composta de duas palavras, mas que influiu em todo o meu futuro. Disseste-me: Queres estudar?

— Estudar; era uma palavra que tinha ouvido muitas vezes, sem lhe ligar importância alguma; e na obediência cega que vos devia, respondi que sim, sem saber ao que me sujeitava. Estudei; se aproveitei das vossas lições, a vós, senhora, pertence decidi-lo. Ao passo que se aclarava a minha inteligência, eu sentia desenvolver-se em mim a ambição do saber, e haveis de estar lembrada, que, quando vinheis explicar-me a lição do dia, eu vo-la repetia toda inteira; porque, em quanto vosso pai vos leccionava, eu colava à porta o meu ouvido, e partilhava assim das lições que recebieis. No remanso da noite, quando todos dormiam, eu velava; — e, sozinho à luz de uma lamparina, lia no primeiro livro que encontrava. Numa ocasião deparei com a história da revolta dos negros na ilha de São Domingos. Ah! essa noite foi para mim de um prazer indefinível! A narração das proezas daqueles negros despertou em meu peito sensações, até então, para mim desconhecidas. A ambição da glória entrou no meu espírito; esqueci o que era: julguei-me livre!... Oh! e tão livre, que a meu lado pendia uma espada... o delírio apossou-se do meu cérebro... e eu corria... corria com o fim de libertar meus irmãos do cativeiro! De então para cá, mal podeis imaginar, senhora, de quantas dores tem sido vítima o meu coração! Desenvolvestes em mim sentimentos que se não compadecem com a condição do escravo — mostraste-me o caminho do saber, entrei nele — caminhei a passos agigantados — mas chegando ao meio, uma voz sinistra me brada: «escravo» e eu recuo horrorizado! Abristes-me as portas do entendimento, mas quando busco ler no livro do meu futuro, encontro em todas as páginas a palavra

«escravo» escrita em caracteres pretos, oh! pretos como o meu semblante!...

Aqui os soluços embargam a voz de João. Maria — que assim se chamava a senhora — escutava-o com uma admiração profunda. Poucos instantes depois, ele continuou:

— Ai de mim, senhora! Para que desenvolveste o meu raciocínio a ponto de reconhecer que o escravo pode nutrir heróicos sentimentos? Para que clarificaste a minha inteligência de maneira, que ela me leve a considerar o coração de uma nitidez bem oposta à escuridão do meu rosto?...

João apertou a cabeça entre as mãos, como para evitar que ela lhe estalasse. Maria contemplava-o; e seus olhos húmidos davam claras mostras de que não era indiferente ao pesar de João.

— João — lhe diz ela — faço justiça às tuas palavras; aprecio-as mesmo, porque elas me provam a nobreza de teus sentimentos. Aquela que não se desdenhou de estender a mão ao escravo, e dar-lhe a protecção que os seus lhe negavam, não deve, por forma alguma, concorrer para a tua desdita. Que precisas, para que possas apreciar a educação que possues? Para que consigas aproveitar da elucidação do teu espírito? A liberdade?... És livre, e queira Deus que nunca tenhas motivo para te lembrares com saudade do tempo em que foste escravo.

Para as almas verdadeiramente sensíveis, são as lágrimas um refrigério, que minora o padecer. João havia chorado; a narração de suas penas tinha dado, pois, um lenitivo à sua dor. Mas as palavras de Maria fizeram-lhe novamente espirrar sangue todas as feridas do coração. Os olhos entumeceram-se-lhe prodigiosamente; conhecia-se que queria falar, mas que a voz não acudia a seus pálidos beijos; via-se pelo arquejar do peito que havia aí um padecimento agudo, que o vexava de uma maneira atroz. As lágrimas vieram novamente em seu auxílio: caiu de joelhos, e foi nesta posição, humilhante para qualquer outro, que não um escravo, que ele exclamou:

— Acreditava ter esgotado até às fezes o cálix da amargura; julgava ter tocado a metade desdita! Vós porém, senhora, me provais que as penas neste mundo não têm limite! Ainda há pouco, eu julgava não ser possível haver golpe que redobrasse o meu sofrimento — tão agudo era ele, tão violentas as torturas por que me fazia passar! — Enganei-me: tudo quanto havia experimentado, não foi mais que o prelúdio da maior desgraça que vós me anunciais.

Ai de mim! eu não julgava que a narração de meus males merecesse um tão violento castigo! Não era a liberdade que eu vos pedia; não: a liberdade?! De que me serviria? Tirar-me-ia ela de sobre a fronte o ferrete da ignomínia que o destino ali imprimiu ao meu nascimento? Tirar-me-ia a liberdade o olvido do meu passado? Não; porque as vossas leis tiram ao liberto as prerrogativas que concedem ao homem nascido livre. Ah! que não fizeste justiça às minhas palavras! Elas queriam despertar em vós um sentimento de compaixão; queriam explicar-nos quanto é triste a condição daquele que não pode nutrir um sentimento puro, abraçar heróicos projectos, sem que venha antepor-se-lhe a ideia de que a vontade do escravo pertence ao querer de seu senhor. A liberdade era deixar-vos; e deixar-vos fora para mim martírio ainda mais cruel do que todos por que até aqui tenho passado. Servir-vos, senhora, é um dever sobre modo grato à minha alma. Servir-vos com todo o desvelo do meu coração, é quanto posso fazer para mostrar-vos o meu reconhecimento. E sendo a gratidão o mais belo predicado de meu peito, avaliai quanto me fora doloroso, se me tirásseis os meios de poder mostrar-vos — pela dedicação do meu serviço — toda a extensão do meu agradecimento.

— João, não te compreendo: depois que te olhei como meu protegido, parece-me não ter nunca soltado uma expressão que pudesse indicar que eu te considerava na esfera aviltante em que te supões colocado. O homem não tem culpa da condição em que nasceu: as más acções, a ignorância e a maldade, é que deviam torná-lo indigno ante a sociedade. Se esta o não julga assim, não serei eu de certo, que siga o seu exemplo. Teu coração é nobre, tua alma bem formada; pela inteligência és superior a muitos que nasceram livres; mereces pois a minha estima, nem me envergonho de ouvir-te. Tenho-me demorado mais do que devia; minha mãe deve já estar levantada, e sem dúvida se terá admirado de que eu não fosse ainda beijar-lhe a mão.

E nisto lançando um olhar de ternura sobre as suas flores, foi, qual ligeira gazela, demandando a casa.

João ficou imóvel, olhando Maria, até que esta desapareceu à sua vista. Então pegou no regador, e tomou pelo caminho, que havia pouco transitara sua ama. Ao dar dois passos, um suspiro chegou a seus ouvidos: virou-se, porém nada viu; notou contudo o som de passos apressados, como de pessoa que se ausentava com precipitação.

II

EXPLICAÇÕES PRECISAS — MARIA

No ano de 1812 governava a Província de Cabo Verde D. António Coutinho de Lencastre. Os governadores, nessa época, intitulavam-se Capitães-Generais, e tinham prerrogativas, que hoje se não consentem aos actuais governadores. Uma, de não pequena monta, era a de poderem promover os oficiais subalternos até à patente de Capitão inclusive.

Havia nas Companhias de linha da Província um sargento indígena, a quem seus camaradas muito respeitavam, em razão do seu irrepreensível comportamento, e subida instrução de que dispunha. Não se sabia quem eram seus pais; apenas constava que viera de Santo Antão, de onde era natural, recomendado pelo Bispo dessa época ao Governador de então, o qual, tendo-lhe feito assentar praça, bem depressa o fez subir os postos inferiores, e a final o promoveu a Capitão, sem que tão rápido acesso arrancasse uma queixa àqueles a quem preteria; tal era a homenagem que prestavam ao muito merecimento do que recebia assim tão manifestas provas de protecção. Casara na idade de 18 anos, e na vida privada não desmereceu nunca do conceito que a pública lhe granjeara. Todo dedicado a sua esposa, que era uma linda mulata, filha de um rico proprietário de São Nicolau — prodigalizava-lhe os maiores extremos, os quais ela do coração lhe retribuía. Ele era mestiço — porém bastante claro, de maneira a poder passar por um trigueiro europeu. Do seu casamento resultaram dois filhos: um menino, que morreu aos oito anos de idade — vítima da doença de entranhas, que de nascença padecia; agravada depois pelas febres

do país; e uma menina, com quem já travámos conhecimento, pois era a interessante Maria.

Tendo sentido bastante a morte do filho, concentrou todos os seus desvelos e cuidados na filha que lhe restava; e para a livrar das febres da Vila da Praia, comprou uma propriedade rústica no sítio de B, onde passava todo o tempo que lhe permitiam as exigências do serviço militar. Ali ele se ocupava em transmitir a sua filha a educação que havia recebido do Bispo que o protegera; e aquela adquiria, com prodigiosa facilidade, a instrução subida de que seu pai podia dispor.

Maria, dotada de uma compreensão fácil — de uma penetração de causar inveja aos mais talentosos — possuía — além dos lisonjeiros dotes físicos — um coração de tèmpera sumamente delicada. Dera-lhe a natureza uma daquelas almas, fortes na dor, sensíveis na compaixão, modestas na alegria. Dores, não as tinha ela experimentado depois da morte de seu irmão, a qual sucedeu sendo ela ainda bem jovem; — pesares, não os havia ela sofrido, a não ser os que lhe motivara o achar desfolhada no seu canteiro alguma das rosas que destinava a sua mãe. A ingenuidade da sua alma levava-a a acreditar nas flores uma sensibilidade igual à sua; e por isso sentia uma perfeita alegria, quando — à custa de assíduos cuidados — conseguia dar vida a alguma das suas plantas, que — por muito nova — ameaçava sucumbir ao ardor do sol. Era preciso vê-la para acreditar no interesse, desvelo e carinho com que Maria juntava a terra ao frágil pé da tenrinha flor; — como depois a cobria de um copo de transparente vidro, o qual abrigando-a da intempérie, não obstava, contudo, a que fosse vista pela sua protectora; — finalmente, era um gosto ver a pressa, a ansiedade com que, no dia seguinte ela ia observar a sua doente. João — o escravo — havia alcançado a estima de Maria, por ter ido, numa noite de tempestade, cobrir com folhas de bananeira as inocentinhas flores do canteiro, e recolher os vasos onde havia algumas perpétuas roxas — rubicundas dalias — e odoríferas baunilhas; porque as flores, que ela possuía, eram modestas, como sua dona: não tinham a aristocracia da camélia — a soberba da tulipa — nem a altivez do cato. não; as suas rosas, com quanto não rescendessem, tinham para ela o atractivo de nunca se lhe esconderem: — gostava do aroma da baunilha — amava a pequenez e união das folhas da perpétua — e olhava as dalias como rainhas das suas flores, pelo rubicundo e aveludado das folhas, e mais ainda pela sua natural elegância.

Seus cuidados, pois, dividiam-se pelo amor que consagrava a seus pais — pela amizade às suas flores — e finalmente, pela instrução que dava ao seu escravo João — o qual aproveitava consideravelmente das lições de sua senhora.

Na ocasião em que começámos esta história, o pai de Maria estava ausente; tinha ido em comissão a Guiné. Era a primeira vez que se ausentava de casa, e por consequência fácil é de imaginar as abundantes lágrimas que semelhante partida faria derramar! Mariana, sua esposa, nunca tinha pensado na possibilidade de uma separação, e por isso encarou a partida de seu marido, como uma verdadeira desgraça. Maria, depois da morte de seu irmão, era o primeiro golpe que experimentara, e como tal ele lhe foi sobre modo doloroso.

Havia seis meses que Cláudio — o pai de Maria — tinha partido. Escrevera já duas vezes, e na última — recebida pouco antes da conversação relatada no capítulo antecedente — ele participava que, em razão de uma pequena desinteligência entre a tropa e o gentio de Geba, ia partir para aquele ponto, de onde esperava em breve regressar ao seio de sua família.

.....
Ao chegar a casa, Maria encontrou sua mãe já levantada: corre a ela, apodera-se-lhe da mão, sobre a qual emprega mil beijos, e depois seus lábios — ainda não satisfeitos — foram juntar-se aos daquela que lhe havia dado o ser.

E o quanto elas se amavam, só podia compreendê-lo quem ouvisse as conversações affectuosas com que embalavam a existência; — quem presenciasse os assíduos cuidados, os extrémosos carinhos que se dispensavam mutuamente! Eram duas almas, que se combinavam a ponto de não haver entre elas mais que um desejo, mais que uma vontade. E quando ideias sinistras produzidas pela ausência do esposo, e pai, vinham enuviar aquelas fronteiras — tipos de bondade e candura — qual delas mais se empenhava em dissipar a melancolia da que primeiro a manifestava: — trocavam-se então frases consoladoras — e ambas diligenciavam esconder as lágrimas, a fim de que estas não fossem orvalhar e dar vigor à saudade que ambas nutriam.

Era, João — o escravo — aquele que, pela natureza do seu serviço dentro de casa, mais vezes presenciava estas cenas de ternura; — era ele o que podia recolher e identificar-se com essas frases sentidas, que iam muitas vezes despertar em seu peito sensações, que,

só as lágrimas podem traduzir. E ele compreendia quanto se passava naquelas almas; porque a sua inteligência — clarificada pelo estudo, depurada no crisol do sofrimento — possuía a penetração concedida aos infelizes, que vai ler no mais íntimo do coração atormentado pelo desgosto.

Quando estava na presença de sua ama, verieis em seu preto rosto uma expressão de melancolia tão pronunciada, que, de certo, vos entristecera; notareis o fulgor de seus olhos, a mudança rápida que se exercia em suas feições, quando Maria — com o sorriso nos lábios — lhe dirigia a palavra.

Ele amava!... amava daquele amor que nos corrói a alma — que nos veda a vontade para tudo quanto possa afastar-nos do objecto querido!... Amava, considerando na distância imensa, que o apartava do ente único, que podia encher o vácuo da sua vida! Amava, sem que pudesse manifestar o seu amor — tendo de calar, de esconder as mais deliciosas sensações de seu peito! Quando acontecia ter com Maria alguma dessas conversações, que só o bom coração desta menina podia conceder ao escravo, ele esquecia seus pesares; — olhava sua ama, como senhora, sim, mas senhora de seu coração, de seus pensamentos, e da sua vida; escravo pelo amor, mais que por nascimento. E se neste delirar da imaginação ele se aventurava a soltar palavras com referência — ainda que remota — ao seu amor, ele sentia fender-se-lhe o peito, quando Maria lhe dava uma resposta que indicava o estar ela bem longe do verdadeiro sentido que ele lhes ligava; ao passo que, antes de a ouvir, receava ter dito mais do que convinha à sua condição de escravo. E contudo, o descreer ainda se não havia apossado da sua alma: ele acreditava no porvir; tinha ainda uma esperança — a que não abandona nem mesmo o náufrago, quando este no meio do oceano, à mercê das vagas, vê a morte nas serras de água que se elevam sobre sua cabeça. Não — dizia ele, quando ideias de suicídio lhe cruzavam a mente — não é possível que tanto amor, tanta dedicação, hajam de ficar sem recompensa. E então — fortalecido pela esperança, que cercava o seu amor de uma auréola magnífica — entregava-se, com uma espécie de frenesi, às distrações permitidas aos da sua classe.

.....
Maria — depois de ter beijado sua mãe — retira-se ao seu quarto. Aí ela confiou a cabeça à sua escrava Luiza, a qual tratou de alisar-lhe o cabelo, que — com quanto áspero de natureza —

nem por isso deixava de obedecer ao pente, descendo-lhe às fontes em bandos ondeados, fê-lo depois seguir por sobre as orelhas, até esconder-se debaixo do que lhe descia ao colo — e segurou tudo com uma fita estreita de veludo preto, que lhe passava pela extremidade superior da testa. A bela mulata substituiu depois o roupão de chita — com que saíra de manhã cedo — por um outro de fina e alvíssima caça, que — deixando ver uma cintura talhada com todo o esmero — dava a pensar as lindas formas de um corpo, que se escondia debaixo de uma multidão de pregas.

Um sapato de pelica preta foi cobrir uma finíssima meia de linha, a qual vestia um pé, que — por não ser mutilado — causara inveja à mais aristocrática china. Em seu rosto — que Eugénio Sue dissera — dourado por um raio do sol dos trópicos — havia a expressão da candura, manifestada por um involuntário sorriso, que amiúde brincava com seus beiços levemente purpurinos. Em sua boca, que podia chamar-se um mimoso cofre de onde se exalavam suavíssimos perfumes, haviam preciosos dentes, com esse esmalte de brilhante alvura, que a arte não pode imitar. Seus olhos eram rasgados; e ora se apresentavam lânguidos e amortecidos, revelando um terníssimo pensar, ora se animavam a ponto de tornar impossível o seguir os rápidos movimentos de suas negras pupilas.

Depois de ter empregado alguns quartos de hora em ornar-se com essa simplicidade, que tanto faz realçar o verdadeiro belo — dirigiu-se para o gabinete de costura, aonde a esperava um bastidor — e ocupava-se em matizar um lindo ramo, quando foi interrompida por sua mãe, a qual entrou, manifestando no rosto visíveis sinais de alegria.

Maria, pouco acostumada — depois da ausência de seu pai — a ver sua mãe satisfeita, levantou-se rapidamente, dizendo:

— Minha mãe, minha mãe! não me engana a vossa alegria. É verdade que chegou meu pai?

— Não, minha filha; porém a causa do meu contentamento tem relação com a vinda dele.

— Oh! por quem sois! explicai-vos depressa, a fim de que eu possa partilhar do vosso prazer.

Acaba de chegar de Lisboa muita tropa — muitos oficiais — e uma bela música.

— Não sei de certo, minha mãe, que relação possa ter a tropa recém-chegada com a vinda de meu pai.

— Não te lembras, pois, de qual tem sido sempre a resposta do Prefeito às minhas instâncias, para mandar render Cláudio?

— Sei, porque muitas vezes lhe ouvi dizer, que a falta de um oficial de confiança — próprio para o substituir no delicado serviço de que o pai está encarregado — era o motivo único por que não podia — por em quanto — aceder às minhas súplicas.

— É isso mesmo: ora como actualmente estão aqui muitos oficiais, já ele não tem desculpa para se eximir ao nosso pedido.

— Assim parece, minha mãe; não obstante permiti que não acompanhe a vossa alegria, em quanto não puder apertar nos meus braços o autor de meus dias. Mas, quem vos deu essa notícia?

— Um indivíduo que está na sala, e que veio com a tropa recém-chegada. Segundo diz, traz uma carta para Cláudio; e bem pesaroso ficou ele, quando eu lhe disse que não estava cá quem procurava.

— E é oficial esse indivíduo?

— Não sei, pois está vestido à paisana, e o bigode — que ele tem bem grande — nada indica; por quanto, hoje não serve ele só para distinguir os militares. Mas o homem já há-de estar aborrecido de se ver só por tanto tempo; vamos para a sala.

III

A VISITA — CONVERSÇÕES

O Sr. Lopes era um homem alto e grosso em proporção. Ithéu de nascimento, havia em suas maneiras alguma coisa que revelava uma educação acima do vulgar. Sua fisionomia masculina era o verdadeiro tipo português: faces proeminentes — olhos pequenos e muito vivos — a testa alta deixando ver, pela ausência dos cabelos, as características bem pronunciadas de audácia desmedida, ambição e orgulho. A barba e bigodes espessos, fortes e pretos como azevi-che, dariam a seu rosto — de um trigueiro sanguíneo — o aspecto da ferocidade, se um sorriso — que podia tomar-se indistintamente por ironia, ou bondade — não modificasse um pouco a influência repulsiva, que exercia seu rosto — quando sério.

Distraía-se olhando para o campo — que, nesta quadra do ano, lamenta a ausência da virente relva — quando entraram Mariana e sua filha.

— Mil perdões, por vos ter feito esperar tanto tempo — disse Mariana — permiti que vos apresente minha filha.

— Em extremo lisonjeado pelas atenções que vos dignais dispensar-me, ser-me-à contudo bem sensível e saber que vos causei incómodo.

— Bem pelo contrário; — a vossa visita apraz-nos bastante. Estamos aqui tão sós, tão isoladas, que nos dá sempre muito prazer quem com a sua presença nos vem provar que se lembra de nós.

— E deve — acrescentou Maria — tomar-se como um favor, digno de agradecer-se, o sacrifício de algumas horas à insipidez destes lugares.

— Pois eu entendo — observou Lopes — que será um desejo incessante o vir a estes sítios, tendo a certeza de encontrar neles pessoas tão amáveis.

— Dissestes-me, senhor, que trazíeis uma carta para meu marido: é ela de algum amigo nosso? É de Lisboa ou aqui da Província?

— É de Lisboa, de um amigo do Sr. Cláudio Pimentel. Esta carta só de mim trata; e por isso pouco interesse vos deve promover. Todavia como o meu dever é entregá-la, eu a deposito em vossas mãos, pedindo-vos lhe deis o destino que julgardes oportuno.

— Como — segundo declarastes — o seu conteúdo vos diz respeito; e podendo acontecer que, pela sua leitura, eu ache meios de tornar-vos menos sensível a ausência de meu marido, consenti que eu a abra e leia na vossa presença.

Lopes inclinou-se; e em quanto Mariana lia, ele insensivelmente levou os olhos sobre Maria, a qual — pejo ou distração — dava aos seus uma direcção bem oposta aos do estrangeiro. Lopes contemplou uma por todas as perfeições que nós já conhecemos, e cuja reunião formava dela um composto encantador; — e — dominado pelo poder irresistível pela força magnética, que exercem algumas belezas sobre quem as contempla — ele se deixou ir após uma ideia de amor, que lhe desceu — rápida, como cadente estrela — do cérebro ao coração. Fascinado pelo poder da atracção — esquecendo o local, a posição em que estava — levado pela audácia, que o dominava a ponto de o tornar incapaz de subjugar, de esconder os impulsos das paixões, ia romper numa exclamação, quando a voz de Mariana o fez dar um pulo sobre a cadeira — como se houvesse comunicado com uma corrente eléctrica.

— Sabeis o que diz esta carta?

— Sei que trata de mim; ignoro porém o seu conteúdo.

— Então permiti que vo-la leiam, a fim de melhor avaliardes o que sobre ela tenho a dizer-vos.

E entregando a carta a Maria, disse a esta que a lesse em voz alta, talvez para mostrar ao seu hóspede a boa leitura da filha: se assim é, desculpe-se-lhe este orgulhinho de mãe.

Maria satisfez ao que dela se exigia, lendo a carta, assim concebida:

«Amigo Cláudio — Depois da última que te escrevi, bastantes desgostos têm passado pelo teu amigo. A desgraçada convenção de Évora-Monte, roubou-me — assim como a muitos — os postos

superiores, de forma que me vejo reduzido à patente de alferes, que me foi dada quando parti em serviço para essa Província. Contar-te-ia todos os pormenores da campanha, se te não soubesse alheio à política, que — felizmente para vocês — não exerce na África a mesma influência que na Europa. Africano de origem e coração, não tens querido sair da tua terra natal, para vir visitar este belo país, e gozar algum tempo de seu saudável clima. Mas, fazes bem: se viesses, entrarias — por força ou vontade — na maldita política; — e far-te-iam deslizar do princípio, que te ouvi sempre sustentar, de que o bom militar deve obedecer cegamente ao governo constituído. Ora pois, que continues a ser feliz, é o que do coração te desejo. O portador desta é o meu amigo, e correligionário político «Lopes». De Capitão que era, vê-se reduzido ao grau de inferior, que aceitou, para com mais facilidade se transportar a essa, onde espera — mediante o auxílio de alguns amigos — adquirir fortuna; porque — debes saber — que ainda aqui existe a mania de se acreditar que no Ultramar se fazem fortunas loucas em pouco tempo: — e se algum desgraçado aparece — como eu — depois de ter estado seis anos no outro mundo — como aqui chamam às possessões — mostrando, em vez de dinheiro os estragos da febre, chamam-lhe tolo, estúpido e... que sei eu! Ora, como nenhum partido se tira de ser único contra a opinião geral, calo-me; e à força de lho ouvir, quase me chego a persuadir do que eles dizem, isto é, que me não soube aproveitar, ainda que — a falar a verdade — não sei de quê. Mas — tornando ao meu amigo — as suas vistas são, chegando a essa, adquirir algumas relações, e solicitar a baixa, a fim de empregar-se no comércio. Eu cumpro um dever de amizade recomendando-te esse amigo, o qual estou certo, corresponderá à confiança que nele depositares. Faz por ele, o que farias por mim, e por tudo te será sempre reconhecido o teu do coração — Caetano da Silva».

Maria, acabando de ler a carta, restituiu-a a sua mãe, a qual, dirigindo-se a Lopes, disse-lhe com aquele modo civil, mas franco, que faz crer na sinceridade de qualquer oferecimento.

— Posso afiançar-vos que meu marido não deixará de satisfazer ao que dele se exige; e em quanto não vem confirmar o meu dizer, aceitai desde já — como garantia — a nossa amizade. Nesta casa sereis sempre recebido com gosto; e se precisais de empenho para o Prefeito, não duvidarei fazer valer em vosso favor os pequenos serviços de meu marido.

— Agradeço, senhora, o interesse que me mostrais; e se não temesse abusar da vossa bondade e delicadeza, seria nestes sítios — que me parecem tão belos — que eu viria muitas vezes dar tréguas ao pesar, que me faz sentir a lembrança de um melhor passado.

— Vinde pois: tratar-vos-emos como amigo; e bem sabeis que um amigo jamais incomoda. Todavia não achareis aqui as belezas, que imaginais; e em quanto não são horas do almoço — que espero aceitareis — ide passear e ver os nossos domínios. Minha filha vos servirá de guia.

Lopes assentiu ao convite; e em quanto oferecia o braço a Maria, a mãe desta dava ordem a que prevenissem João de que devia acompanhar *nhanhinha*.

.....
Quem não tiver visitado as plagas africanas, achará, talvez, pouco verosímil esta hospitalidade — toda beduína — concedida por uma senhora a um estrangeiro, cujo fundo ela ainda não conhece bem. Mas nós — que escrevemos num país africano — podemos — por experiência própria — afiançar que, o acontecimento com Lopes é menos do que costuma praticar-se aqui. Lopes trazia uma carta de recomendação — assinada por um amigo de Cláudio — na qual se abonavam as qualidades do portador: ora, se a responsabilidade tomada por um amigo pelas acções do indivíduo, que recomenda, motiva a este uma cordial recepção — ainda mesmo nos países de mais difícil hospitalidade — a quanto não obrigará igual recomendação aqui — onde as portas se abrem, e a mesa se franqueia a todos os europeus decentes, que a sorte traz a estes insalubres climas? E que seria do mísero europeu, se lhe faltasse aqui a mão benigna, que o ajuda a combater a adversidade? Quando, levado ao leito de dor pela violenta febre do país — sentindo o cérebro em fogo — o epigástrico torturado por agudíssimas dores — que fora dele — dizemos — se houvesse de contar unicamente com os seus próprios recursos? Os dedos gelados da morte viriam breve imprimir-se-lhe sobre o coração! Mas, felizmente, ele encontra aqui — não a beneficiência esmolar que humilha — mas a caridade pura e desinteressada, que suaviza e minora o padecer. Umavez é o amigo, que vela à cabeceira de seu leito; — outras, é a esposa desse amigo, que não duvida de descer ao quarto do moribundo — e mãos delicadas e piedosas lá vão refrigerar com vinagre aromático as fontes em brasa do padecente; — lá vão aplicar as sanguessugas, os estímulos — e não se retiram, sem deixarem

escravos inteligentes, que dão pronto aviso, ao menor sintoma assustador.

.....
Esta digressão fez-nos esquecer dos nossos passeantes: porém, como ainda não vão longe, depressa os alcançaremos. Descem uma íngreme ladeira, que conduz — à direita para as fornalhas do acúcar — em frente, para a nora, de que hoje apenas restam vestígios, se bem que o local conserve dela ainda o nome — torcendo um pouco para a esquerda, depara-se com a ribeira, que será obrigado a atravessar, saltando de pedra em pedra, quem quiser ir ao mandiocal, aos arrozais, finalmente a esse cantinho de terra, aonde existem as inocentes flores de Maria. Porém esta não levou o seu hóspede por nenhum destes caminhos: antes de chegar ao fim da ladeira abriu uma pequena cancela à esquerda — e, saltando ligeira o rego formado por uma telha de água que ali ainda hoje corre, entrou num comprido e largo passeio, em cujo princípio está — como de atalaia — uma soberba palmeira, que se ostenta sobranceira a algumas dezenas de árvores, cujos ramos entrelaçados tornam agradavelmente sombrio e de uma deliciosa melancolia esse passeio tão próprio a um meditar de amor.

Parando neste aprazível lugar, que, com quanto mais baixo que o local da casa, domina, porém, toda a parte cultivada desta propriedade, Maria convidou Lopes a sentar-se num dos bancos que ali estavam, e fez-lhe em seguida notar o lindo panorama que se desenrolava a seus olhos.

— Dizei-me, senhora, que plantas são estas, que — como pelotões de disciplinados soldados — se perfilam e alinham com uma perfeita igualdade?

— Estas plantas — respondeu Maria — chamam-se mandioqueiras, cujas raízes são neste país o pão do pobre: é delas que se faz a farinha a que vós outros chamais de pão — é delas igualmente, que se fabrica a goma e tapioca. Além, aquele campo que se nos mostra ora verde, ora gaio — conforme as ondulações a que a brisa o força — contém a doce cana, da qual podeis extrair indistintamente o acúcar ou aguardente; esta fazendo destilar seu melífero sumo — aquela, congelando, por meio do fogo, a fluidez desse mesmo sumo. Este é o café saboroso; suas flores miudinhas, alvas, e suavemente odoríferas, produzem multiplicidade de esféricos bagos que abrigam em sua púrpura capa cada um dois gémeos perfeitamente iguais. Aqueles arbustos que se seguram à rocha, que se

inclinam de maneira a fazer persuadir que vão despenhar-se, e que vegetam com uma força espantosa, como se lhes bastasse o sustento do suco das pedras, é a purgueira, a qual nos oferece em seu oleoso fruto azeite só próprio para alimento da luz; os pinhões, contidos em sua noz, são saborosíssimos — mas ai daquele que — iludido pelo paladar — prova três ou quatro desses pinhões! dores agudas lhe farão conhecer em breve, que engolira um activo veneno. Estas árvores, que banham seus pés na água cristalina da ribeira, é o acidulado maniplo. Aquela que manifesta a idade nos riscos circulares que, de ano para ano, vai apresentando em seu tronco, é o coqueiro, do qual neste país se não sabe tirar o partido, que lhe dá tanto valor na Índia. Vêde ali o nespereiro, a mais copada e airosa de todas as árvores, a qual nos dá em cada ano tantos gostosos frutos, quantas as folhas que a revestem. A norça oferece-vos além suas doces pinhas; mas tomai sentido, pois que — qual donzela de romance — arrebatada — segundo dizem — o juízo a seus adoradores. Olhai; aquela que se apresenta robusta em seu tronco, é o espinheiro estéril, verdadeiro retrato do covarde; por quanto — apesar dos agudos espinhos, com que nos ameaça — vêde-o todo curvado e tímido, e como querendo fugir à brisa que o açouta. Esta de tronco escabroso, e que disputa na altura a primazia ao coqueiro, é a tamareira, fecunda só quando vê companheiras suas. Aquela é o tamarindo refrigerante; esta outra o caju, cujo vinho medicinal tão procurado é; além são os mamões, as papaieiras, os zimbrões — finalmente, muitas outras utilíssimas árvores, que nossa vista daqui não alcança, brota o nosso solo, como para nos compensar da falta das que na Europa fazem, com seus frutos, as delícias da mocidade.

Lopes havia escutado com uma espécie de arrebatamento esta voz suave, que lhe calava na alma milhares de sensações deliciosas — desejos veementes, que dominaram prestes toda a extensão do seu peito. Maravilhara-o ao princípio a facilidade com que se exprimia a jovem africana; depois a elegância da frase, a fluidez da expressão, e finalmente, a graça e amenidade da voz, despertaram nele essa diferença que alcançam sempre os talentos elevados. Em breve as diversas sensações, que experimentara, reuniram-se num só sentimento — no amor. — Mas o amor que naquela organização singular adquiria — na sua primeira infância — o grau de violenta paixão; mas os desejos, que aquela natureza orgulhosa não podia subjugar, vieram breve arrancá-lo à contemplação a que se entregara por alguns momentos; — e fazendo suceder à timidez — que

por um pouco o possuía — a audácia habitual do seu carácter — auxiliado pelo amor próprio — que não menos se pronunciava em suas acções — disse a Maria, dando à voz toda a graça de que podia dispor.

— Se houvesse, senhora, de presumir o país em que estou pelo que me tendes feito notar; se tivesse de avaliar os seus habitantes pelos encantos, atractivos, e superiores conhecimentos, que em vós deviso, acreditar-me-ia no país das fadas. Estou porém convencido de que vós sois um dos entes privilegiados, a quem o céu concede o poder de fertilizar e encher de agrado os sítios que habitam; e o que tenho aqui observado, estou certo que não encontrarei no resto da ilha.

— E eu — observou Maria — se tivesse de julgar os vossos contrêrrâneos pelo que vos acabo de ouvir, diria que os da Europa não são difíceis no emprego da lisonja.

— Sois injusta — replicou Lopes — se duvidas da sinceridade das minhas palavras; pois que — affianço-vos — bem longe estão elas de significarem tudo quanto neste momento me povoa o coração. Que julgaríeis então, se — obedecendo à voz imperiosa da minha alma, subjugando o pejo à força do sentir — eu vos dissesse, que meu peito — outrora livre — está hoje cativo, sendo vós a senhora dele?

— Presumira que estáveis zombando; nem vós me poderíeis nunca fazer acreditar na intensidade de um sentimento, que conta apenas horas de existência.

— Mas — senhora — que precisão tinha eu de mentir-vos? Para quê expor-me à vossa cólera? A temeridade de dirigir-vos uma declaração tal no começo da nossa amizade, deve — melhor que minhas palavras — fazer-vos compreender toda a extensão do meu affecto; e...

Lopes não pôde continuar: ele viu em pé, na sua frente, Maria, mostrando no semblante uma expressão de rancor indefinível — expressão só comparável à da mulher fulminando uma rival. Viu-a, impondo-lhe silêncio com a mão, com o braço, com o gesto — por que a voz fugira-lhe arrebatada por um acesso de ferina cólera.

Nenhuma mulher se ofende por lhe dizerem que a amam; mas quando ela vê, na confissão precipitada desse amor, uma falta de respeito; — quando suspeita nela um pensamento ultrajante, oh! então o pundonor ofendido dá a seu coração — de natureza brando — a ferocidade do tigre.

Maria estava neste último caso: a declaração de Lopes vinha tão fora de propósito — revelava uma incivilidade tão pronunciada, que mulher alguma — por mais simples que fosse — se iludira com ela. — Maria — por tanto — tomou como um insulto as palavras de Lopes. Mulata, como era, persuadiu-se que a sua cor — mais que nenhuma outra circunstância — animara Lopes a fazer-lhe uma declaração, que ela olhou, desde logo, como a manifestação implícita de que ele presumia que uma mulata aceitava sempre com reconhecimento o amor de um branco — por mais impuro que esse amor parecesse.

Após alguns segundos a voz veio em seu auxílio; e com o tom do despeito requintado ela fulminou a Lopes estas palavras — as quais penetraram no coração dele, como pontas de buídos punhais.

— Basta senhor — disse — semelhante linguagem no começo — não da nossa amizade, como dissestes — mas sim do nosso conhecimento, depõe muito pouco em vosso favor. Julgastes que a mulata se sentiria orgulhosa por merecer as finezas de um branco. Entendestes que bastava uma palavra de amor, uma manifestação, um indício de estima, para que ela caísse rendida a vossos pés, agradecendo-vos, talvez, a honra que lhe fazíeis de descer até ela. Enganastes-vos: nas veias da mulata gira um sangue mais nobre, mais puro que o vosso; e seu coração — hoje dominado unicamente pelo amor filial — não entrará jamais afeição que não seja inspirada por quem possua o alvor das acções — embora o rosto seja retinto.

E dizendo isto — veloz como a corça quando sente perto a matilha assassina — ela desapareceu na direcção da casa. João quis segui-la, porém, um gesto indicara-lhe que devia acompanhar o branco.

Ao vê-la entrar só, Mariana veio ao seu encontro; e notando-lhe as feições alteradas, perguntou — com aquela inflexão carinhosa, que só as mães sabem empregar.

— Que tens, minha filha? Porque vens só?

— Acho-me um pouco indisposta, minha mãe: permiti pois que me retire ao meu quarto; e dispensai-me de comparecer ao almoço. Encarreguei João de conduzir o estrangeiro.

.....
Lopes ficara aniquilado; mas breve o orgulho e amor próprio ofendido o arrancaram à prostração momentânea, a que o reduziram as enérgicas palavras de Maria. Vira-se ultrajado pela mulher única que o havia estremecido; — e ele amava-a a ponto de o fazer

— como vimos — passar por cima de todas as conveniências: mas — como os machados de fina têmpera que em vez de se embotarem mais se afiam no rijo madeiro — assim o amor de Lopes — exagerado como é tudo quanto forma a excepção de um carácter — em vez de arrefecer com o desprezo de Maria, aqueceu de modo a fundir naquele coração de bronze os pequenos átomos de generosidade que a educação tinha para aí lançado; e, assumindo toda a ferocidade de que é susceptível uma paixão contrariada, disse:

— Ora pois, orgulhosa Rebecca, encontrareis em mim um outro Bois-Gilbert.

A brisa levou esta ameaça aos ouvidos não de Maria — que essa já ia longe — mas aos de João, que, sem ter podido ouvir nada da conversação que referimos, havia contudo notado a animação com que Maria ultimamente se expressara.

A frase de Lopes revelou-lhe tudo. Ele tinha lido Ivanhoe; conhecia a história de Rebecca, e por isso pôde avaliar todo o alcance da ameaça que ouvira.

IV

LUIZA

Em frente da casa de Cláudio — quatro passos distante — havia um rampa defendida por um muro, que servia de encosto a um assento, de igual comprimento, construído de tijolo. Esta espécie de canapé dobrava os cantos paralelos aos lados do edifício, formando assim, na frente deste, um pátio quadrilongo, o qual aformoseavam algumas amendoeiras de Cuba.

Dias depois da cena que deixamos relatada — numa dessas noites amenas, em que tanto abunda este ponto da zona tórrida — um homem estava para aí sentado, não no lugar próprio, mas sim na extremidade superior do muro. Os cotovelos firmados sobre as coxas, e o rosto entre os punhos, olhava para uma janela que — por pertencer a edifício abarracado — lhe ficava ao nível dos olhos. Alguns raios de luz, que partiam do interior, penetravam a custo o tecido da cortina anteposta à vidraça, deixando ver a sombra de pessoa, que passeava no interior do quarto.

Tinham dado dez horas: o silêncio da noite era apenas interrompido pelo cantar do grilos, pelo murmúrio da ribeira, ou pelo sussurro dos ramos, embalando-se à mercê da viração. Minutos depois, a sombra cessou de passear em frente da janela, e uma suave melodia, produzida pelas cordas de um piano — vibradas por hábeis dedos — foi povoar a amplidão dos ares, e convidar os génios da noite a escutarem os harmoniosíssimos acentos de uma voz angélica, que seguia a melhor e a mais terna das inspirações de Belini. E a natureza silenciosa parecia comprazer-se de ouvir essas notas repassadas de melancolia! O grilo imudecera, a viração afo-

gara seus suspiros, a ribeira suspendera o murmúrio das suas águas, como para interrogarem sobre o motivo por que, assim de noite, cantava o rouxinol.

Horas depois de ter cessado o canto, o indivíduo — que até ali parecera absorvido num profundo meditar — levantou-se, soltando um daqueles suspiros que revelam o intolerável aperto da alma. Um outro suspiro foi responder ao primeiro; e de tal forma, que facilmente se tomara pelo efeito do eco, se soluços abafados não viessem denunciar a sua verdadeira origem.

João — o escravo — pois era ele o dono do primeiro suspiro — voltou-se como cedendo ao impulso de uma mola; e, divisando um vulto sobre os degraus do peitoril, bradou:

— *Quem é bô?* (Quem és tu?)

Ninguém lhe respondeu; repetiu a pergunta, e uma voz de mulher proferiu um «*é mim*» (sou eu) quase imperceptível.

— *Mim* quem? — replicou João aproximando-se.

— A *mim* Luiza.

— Tu?!... Mas que fazes aqui a estas horas? Porque deixaste o quarto da senhora? Porém, tu choras? Que é isso, Luiza, quem motiva o teu desgosto?

Tudo isto foi dito em crioulo: nós porém não estamos senhores dessa linguagem a ponto de poder referir, no dialecto empregado pelos dois interlocutores, a conversação que vai ter lugar. Sentimo-lo pelo que respeita a Luiza; por quanto algumas das expressões dela não terão no português — que está ao nosso alcance — a força que no crioulo se lhes deve ligar.

Luiza respondeu: Queria ir amanhã à festa que dão na Praia *gentes de nhô Goi* (família do senhor Gregório); mas *nhanhinha* (a senhora mais jovem) não quer deixar-me.

Estas palavras saíram de tal forma destacadas, e foram pronunciadas de maneira, que fácil era adivinhar que Luiza não dizia a verdade. No entanto, João — cujas ideias convergiam a um ponto único, o seu amor por Maria — não se apercebeu da hesitação da escrava. Tomando-lhe uma das mãos, disse-lhe que não chorasse, porque ele se encarregava de obter a licença desejada.

— Oh! não peças por mim. Demais que me importa a festa? Enganei-te, João, não é isso que me faz estar triste.

— Então que tens, Luiza? Porque choras? Diz-me o teu mal; qualquer que ele seja, buscarei consolar-te, e se o não puder conseguir, chorarei contigo.

— Minha tristeza... meu mal... queres sabê-lo? Ah nunca! para que to diria eu?

— Para quê? Pois não sou eu teu irmão na desventura? A desgraça que sobre um pesa, não esmaga igualmente o outro? E a quem havemos — nós, míseros escravos — confiar nossas penas, se não for a nossos irmãos? Quem nos virá consolar, inspirar-nos resignação, se a não pedirmos àqueles que sofrem como nós; àqueles que não podem erguer a cabeça, sem que vejam suspenso o açoute, tantas vezes injusto?

— É verdade: porém tu, João, não estás nesse caso; tu não és infeliz. Não gozas tu da confiança de teus senhores? Não te preferem, não te tratam eles de modo a despertar a inveja em teus companheiros? E devo eu ir afligir-te com a narração de meus males; desviar-te do caminho da felicidade, para te fazer entrar na melancólica vereda que trilho?

— Eu feliz?!... Ah Luiza! não queiras nunca experimentar as angústias que eu padeço! Prefere antes ser obrigada a dormir sobre um leito formado de agudos ramos de espinheiro, que, ainda assim, fora teu sono mais sossegado do que aquele a que estou condenado! Teu corpo sangrara menos que as úlceras do meu coração; as dores causadas pelos espinhos penetrando tuas carnes, seriam menos fortes, arrancar-te-iam menos gemidos, do que as torturas, do que os queixumes a que te obrigara o padecer de meu peito!...

Havia tanta dor, tanta melancolia nestas frases — traduziam um pesar tão profundo, que Luiza esqueceu-se de si para cuidar só de levar o consolo das palavras àquela alma, que parecia suportar neste mundo todas as penas do inferno. Olhou para João: este, com os braços cruzados sobre o peito, a cabeça inclinada para o chão, deixava cair de seus olhos abundantes lágrimas, que a lua transformava em fios de luzentes aljôfares. Depois fitou os olhos no céu, e os aljôfares — que deles se soltavam — como que se fundiam para deixarem impressas nas faces do escravo duas listas fulgentes, que dirieis prata sobre o azeviche de seu rosto.

Luiza não ignorava a causa do padecer de João — as palavras que proferira, soltara-as com intenção; — queria que ele, confiando-lhe segredos, que para ela o não eram, lhe desse ocasião de mostrar-lhe toda a dedicação, todo o afecto que ela lhe consagrava: porque Luiza amava o escravo, desde que suas ideias poderam firmar-se num pensamento de amor. Amava-o aos quinze anos, e — assim como todas as paixões — esse amor fez de princípio as

delícias da sua existência. Lisonjeava-a a ideia de que João corresponderia ao puro sentimento que inspirara, logo que o descobrisse; e por isso todas as vezes que o encontrava, ela buscava — com a muda linguagem dos olhos — significar-lhe o que a boca tinha pejo de exprimir. E nos *batuques* — uma das poucas distrações concedidas aos escravos — era sempre diante de João, que Luiza — fazendo valer toda a graça com que a dotara a natureza — ia desenvolver o seu talento artístico nos requebros do *torno*. Esta preferência, tão claramente manifestada, havia promovido o ciúme em alguns dos escravos que competiam na posse de Luiza. Só João ignorava a paixão de que era objecto; porque, naquelas reuniões nocturnas existia dele só a matéria, que o espírito adejava em torno de Maria. Luiza conheceu em breve que João vergava sob o peso de uma angústia perene, e — por isso que as almas bem formadas julgam pelos seus os corações alheios — ela adivinhou que o escravo sofria um padecimento de amor. Ao firmar-se em tal suposição, a escrava sentiu o ciúme comprimir-lhe o coração, como se lho apertasse com um anel de ferro em brasa.

Quando João lhe aparecia triste — indiferente ao que passava em roda dele — um sentimento de piedade conduzia a seus olhos uma lágrima sentida; mas bem depressa um suavíssimo prazer lhe ia dilatar o peito, porque a esperança — a quem tantas vezes apraz iludir-nos — lhe mostrava João vingando-se, com o olvido, do desprezo de que ela o imaginava vítima; — apresentava-lho disposto a correr aos braços dela, e ali lhe permutava por beijos os seus imensos carinhos. Quando, porém, o via chegar contente na aparência, entregar-se com um frenesi vertiginoso, com toda a ânsia de um delírio febril, ao prazer de batuque — a que ele se dava, como sabemos, todas as vezes que uma cintila de esperança bruxoleava na escuridão da sua alma — oh! então o anjo tornava-se demónio; e se naqueles momentos uma rival se apresentasse, ela a estrangulava.

Buscou descobrir entre suas iguais a amante de João; mas breve se convenceu de que não existia ali a rival que procurava. Demais, a tristeza de João procedia de um amor não correspondido; e qual, de entre as escravas — segundo o pensar de Luiza — não acolhera com gosto o dulcíssimo amor daquele por quem ela suspirava!

Esteve, pois, muitos meses sem descobrir o ente que João preferia; até que uma manhã, passando próximo dos canteiros de Maria, ela — reconhecendo a voz do escravo — escutou toda a

conversação, com que encetámos este romance; conversação que — foi contudo bastante para que Luiza descortinasse toda a verdade. Foram-lhe explicadas então as vigílias do escravo, quando — durante horas inteiras — o via sentado em frente da janela de Maria.

Um suor frio lhe percorreu o corpo. Considerou num relance a furiosa tempestade que pairava sobre a cabeça de João; mediu o imenso abismo que ele mesmo cavava a seus pés! Teve medo! porque o prestígio que ela ligava à pessoa de um *senhor*, fez-lhe ver no amor do escravo como um sacrilégio que não devia ficar impune. E ela tremeu! não por si, mas por João, a quem tanto amava. Salvá-lo — arrancando-lhe do peito um amor, que o perdia — foi a sua primeira ideia. Mas como? Levar a desesperança, o desconforto, o descrer àquele coração, e matar subitamente o amor em seu peito, não seria aniquilar igualmente aquela existência, pela qual ela oferecera a sua?

Ela sabia que João — não tendo jamais conhecido pai, mãe, irmãos — conservara sua alma estranha a todas as afeições que desde a infância costumavam aquecer nosso peito; e que, por isso, o amor havendo encontrado seu coração ainda virgem, reinava aí como senhor absoluto e despótico. A existência pois do escravo devia considerar-se segura aos sonhos de indizível deleite que lhe dava o amor, como compensação ao muito que o fazia padecer em frente da realidade: destruir-lhe esses sonhos fora arrancar-lhe a vida; por quanto a paixão era no escravo o mesmo que o anfião é para o chim, que — se bem que lhe amolente e encurte a existência, fornece-lhe contudo tantas ilusões de ventura, transporta-o tantas vezes a um mundo ideal onde lhe realiza todos os desejos da sua alma, ministra-lhe, finalmente, sensações de tal maneira deliciosas — que, de certo, privá-lo de tudo isso fora arrancar-lhe a vida em mais curto espaço.

Luiza construiu a seu modo — se não da maneira por que o apresentamos — o raciocínio que deixamos escrito; e com aquela abnegação sublime — de que é capaz a mulher que muito ama — imaginou despertar em João uma afeição toda pura, um sentimento de amizade, que, espalhando-se-lhe pelo peito com toda a suavidade de um affecto inocente, fosse ali neutralizar — sem que ele o presentisse — a ilimitada força do seu amor. Era um sacrificio sobre modo doloroso este a que a escrava se propunha; por quanto para alcançar o seu fim, ela tinha de renunciar para sempre a esses ideais de ventura, que tantas vezes lhe consentiam estreitar João em seus

braços; precisava dispor-se a alimentar a esperança do escravo, falar-lhe muitas vezes no objecto amado, auxiliá-lo mesmo naqueles pequenos nadas que são muito para um coração que adora, tais como a posse de um lenço que foi dela, da fita que apertou seus cabelos, uma parte, um fio desses mesmos cabelos, que conduz a nossos beijos porções de infável gozo.

A jovem preta tratou pois de pôr em prática o plano que coordenara. Imaginou mil meios para captar a confiança do escravo: mas ai! ela crera demasiado na força do seu ânimo! Quando via João na muda contemplação em que o notamos — ou passeando solitário e imerso num profundo meditar, ora ao longo da ribeira, ora à sombra dos frondosos maniplos — a coragem sucumbia-lhe à veemência do sentir, e uma imbecilidade extrema sucedia à força fictícia, que momentos antes a animara.

Até que finalmente, nesta noite, um suspiro que não pôde segurar, gemidos que debalde buscou conter, despertaram — como vimos — a atenção do escravo; e ela achando toda a sua coragem, na presença da dor manifestada por João, pôde — com uma inocente mentira — trazê-lo a esse começo de confidências, já por nós conhecido.

V

UMA AMIGA

Luiza — dando à voz uma segurança de que ela estava bem longe de poder dispor — fazendo confluír ao coração as lágrimas que lhe afogavam os olhos, disse:

— Não sei como te animas a oferecer-me consolações, quando — segundo vejo — és tu que mais delas precisas. Todavia, como nos achamos nas mesmas circunstâncias, regularéi pela tua a minha resposta. Que responderas tu a quem — com o fim de consolar-te — te pedisse a confissão das tuas mágoas?

— Dir-lhe-ia que há sofrimentos que não podem ser revelados, e sobre os quais nenhum poder têm as palavras do amigo. Dir-lhe-ia que há pesares que devem ficar sempre ocultos, porque a sua publicação seria uma nova desgraça.

— Pois eu julgava — tornou Luiza — que quanto maior é o desgosto, tanto menor é no peito o espaço para o conter; e que neste caso se procurava um coração amigo para nos ajudar a suportá-lo.

— Assim é. Mas há entes privilegiados — tanto na desdita, como na ventura — a esses parece que se lhes duplica o peito, a fim de poderem suportar — só por si — dores que, repartidas, fariam o sofrimento de muitos. E, depois, quando há a convicção íntima de que não podemos ser socorridos, fora um requinte de crueldade o ir gratuitamente penalizar um amigo.

— E quando esse amigo conhece a origem de nossas penas; quando é ele que vem oferecer-nos um consolo que lhe não pedimos?

João abanou a cabeça em ar de dúvida, e respondeu:

— Ninguém, ninguém neste mundo pode conhecer a origem do mal que me punge.

— Conheço-a eu, João.

— Tu?!... não, não é possível.

João pronunciou estas palavras com a inflexão que produz a cólera reunida ao receio; e qualquer outra que não estivesse — como Luiza — disposta a levar ao cabo o sacrifício que se tinha imposto, houvera emudecido em presença do efeito que a sua declaração tinha produzido no escravo. Ela porém não desanimou; e de antemão resignada ao cilício, suportou o olhar escrutador de João, sem deixar perceber nas pálpebras o mais ligeiro bulir. E depois com um sossego simulado, bem oposto ao estado da sua alma, disse:

Sim, João; esse segredo que tu julgas ignorado de todos, que não ousas confiar — nem às árvores que te defendem dos raios do sol, nem à brisa, que refresca tua testa em fogo, nem à ribeira, que vai casar seus murmúrios aos ais, aos suspiros, que do peito soltas, temendo que ribeira, árvores, e brisa to não saibam guardar — esse segredo, João, é hoje do meu domínio.

— Impossível! quem podia dizer-to?

— Quem? Teus olhos volvendo-se sempre que podem para aquela que é senhora de nós ambos, e da qual és tu duplicadamente escravo. Quem mo disse? os teus lábios, tocando rápidos objectos dela; os teus dedos, formando na terra repetidos MM. Oh! queres saber quem mo disse? A conversação além da ribeira, junto às peréguas que ela própria rega.

— Eram pois teus os passos que me pareceu ouvir naquela manhã? Mas, supremo Deus! Se as palavras que então proferi te manifestaram um segredo que eu quisera fazer morrer comigo, ela também devia compreender, também...

— Insensato! Não vês que para adivinhar a verdadeira causa, por que amaldiçoavas a posição aviltante em que nascemos, fora preciso que Maria já houvesse lido em teus olhos; e que isso não acontecerá, porque a senhora jamais há-de acreditar semelhante ousadia no escravo.

— Cala-te! oh cala-te! não digas que o meu amor há-de sempre ser ignorado dela; não me faças crer que tanto affecto, tanto extremo e paixão, terão de descer comigo ao túmulo, sem que hajam obtido em prémio um olhar seu que me diga: conheço quanto por mim tens padecido.

Nisto os soluços tomaram-lhe a fala; levou as mãos convulsas ao rosto, e assim permaneceu, até que um grito agudo — um grito

que era a explosão resultante do embate horrível, que se davam as paixões naquela alma — soltou-se-lhe do peito, e ele exclamou como fora de si.

— Maldição! oh! maldição sobre os brancos, que primeiro vieram devassar nossos climas; que chamaram selvagens a nossos costumes; e que — despertando a ambição em nossos pais — os levaram a sacrificar seus filhos à posse de vis europeus! Ah! maldição sobre aqueles que vêm escravizar-nos, chamando-se humanos, porque — dizem eles — nos livram da morte quando em nossas guerras caímos prisioneiros — sendo aliás certo que essa morte fora o paraíso, em relação ao inferno que eles nos reservam! Chamam-se humanos, e suas mãos mandam o chicote retalhar nossas carnes, como se o sangue que delas corre não fosse igual ao deles! Chamam-se humanos, e ordenam que pesadas algemas venham torturar nossos pés! Deixem-nos livres seguir nossos instintos; ou então eduquem-nos e verão que nossos génios podem ombrear com os seus. A cor é um atributo do corpo, e não da alma; a cor é um indício do país, e não do espírito; a cor não obsta a que a nossa pele seja tão acetinada como a deles — nem a que possuam nossas mulheres olhos e dentes tão belos como os seus mais belos. Mas eles em vez de cultivarem a nossa inteligência — o que lhes tornara mais útil o serviço do escravo — tratam de estultificar-nos o espírito, impondo-nos a obediência passiva — de embrutecer-nos o entendimento pelo excesso de trabalho — tudo porque temem que nós pugnemos por uma liberdade, que é nada em comparação da que eles querem para si. Tens razão, Luiza, ela nunca compreenderá a paixão que me merece; jamais dará valor à profunda dedicação, ao supersticioso culto que lhe consagro; e minha vida — que eu alimentava num vislumbre de fugitiva esperança — vai finir-se, sem que o padecer que a atribulou alcance uma lágrima à minha memória... Luiza, adeus! O sol de amanhã mostrará o meu cadáver; em poucos dias a lembrança do escravo sairá da memória dos vivos!...

Luiza, seguindo o aforismo médico, de que, para curar um padecimento crónico, convém torná-lo agudo, tratara de agravar — com as desanimadoras palavras, que lhe ouvimos — o já nímio pesar de João. Todavia, ela estremeceu — e quase se arrependia do que dissera — quando o escravo manifestou a ideia do suicídio. Apressou-se, pois, em levar àquele peito — cujo padecimento ela ia tornando mortal — o bálsamo salutar e vivificante de uma esperança firmada em bases possíveis.

— Morrer! — diz ela — quando a vida apenas começa! E será esse o único recurso para fugir ao padecer? É tão fraco o poder da tua vontade, que não possas ordenar à tua alma, que sofra resignada? E não compensará o martírio da vida a ideia de que, existindo, poderemos defender, guardar e proteger o ente que adoramos, o qual — por um sinistro qualquer — pode carecer da protecção mais ínfima — ainda mesmo a do escravo?

Às últimas palavras de Luiza, os olhos de João, de amortecidos que estavam, volveram a um brilho extraordinário: — lembrara-se da ameaça do estrangeiro. Mas pouco depois, recaindo na apatia de que esta lembrança momentaneamente o tirara, disse como falando consigo.

— Afinal virá a amá-lo: ele é branco e livre.

— Ele quem? perguntou Luiza.

— O Sr. Lopes, que a ama, que lhe declarou a paixão que lhe inspirara, e que — sem embargo de ser repellido — não desiste da conquista de um coração, que ele jurou possuir, de força ou vontade.

— Como pode ele nutrir tão louca esperança, se, quando aqui vem, *nhanhinha* quase que nem lhe aparece!

— É verdade; mas nem por isso ele abandona os seus projectos, que — a corresponderem à ameaça que lhe ouvi — devem ser terríveis. Demais, ele é amigo do senhor, e alcançará pela vontade do pai a posse do coração que a filha lhe nega. Mas — quando mesmo perigasse o sossego de Maria — em que podia aproveitar a esta a dedicação do escravo?

— Quem sabe! Mas, abandonando essa suposição, não será bastante para fazer-te tolerar a vida, a certeza de que uma amiga dedicada te auxiliará em teus amores — trazendo-te o conforto, não das palavras, mas sim o da posse de objectos, que hajam tocado seu corpo — sobre os quais tenham pousado seus lábios — que participassem em fim do calor de seu casto seio? Avalia, João, avalia se o prazer de beijar, de unir ao coração esses objectos, não te fará esquecer muitas horas de martírio! E se numa noite propícia a dedicação da amiga chegar a ponto de se expor a abrir a porta do quarto onde *ela* pernoita — conduzir o escravo em frente do leito da senhora — e conceder-lhe ali a contemplação de alguns segundos!

— Luiza, Luiza! se o que te ouvi não é um quadro de fantástica ventura, que a piedade te faz desenrolar a meus olhos, como próprio a atenuar minhas penas; se é verdade que podes e queres realizar o único ideal, que me fora permitido, votar-te-ei — não digo

a minha vida, que não te valerá ela a recompensa merecida — mas o meu braço — a minha amizade — o meu reconhecimento, tudo deponho a teus pés.

E nisto tomando as mãos de Luiza cobriu-lhas de lágrimas, bem outras daquelas que só ia derramar. Depois, encarando-a em face, perguntou: E quando?

— Quando?... Dir-to-ei amanhã no *batuque*.

— E porque não hoje?

— Porque desejo que tu vás à festa; e mesmo porque preciso de tempo para tomar algumas medidas de prudência. É já tarde, João: adeus, e não deixes de comparecer amanhã no *batuque*.

Depois de apertar com inefável reconhecimento a mão de Luiza, o escravo retirou-se.

E era tempo: porque Luiza não poderia por maior espaço abafar a dor, que no seu peito havia tocado a meta do possível. Quando se viu só, quis chorar, mas não pôde; tentou levantar-se, mas faltaram-lhe as forças — o peito comprimiu-se-lhe; e uma vertigem — vindo tomar-lhe o cérebro — foi lançá-la examine sobre os degraus do peitoril.

VI

REUNIÃO DE ESCRAVOS — UMA HISTÓRIA

Conduziremos o leitor à Vila da Praia, para o fazermos entrar numa casa — pouco decente, é verdade — mas com as dimensões próprias a deixá-lo respirar à vontade; pelo menos em quanto se não enche dos convidados ao grande *batuque*, que ali vai dar-se.

A pequena porção de candeiros, cuja luz era absorvida em parte pelo escuro das paredes, revestidas somente do preparo para o reboco — preparo a que a areia preta, com que traçam aqui a cal, dá uma cor triste — tornava sombrio este local, e pouco próprio a uma partida de prazer.

O sino da Praça — que obedece à mão do sentinela — havia dado nove horas, posto que marcasse dez o relógio regulador. Todavia uma badalada — com um som de fazer crer que chegava cansada de correr em alcance de suas companheiras — veio, minutos depois, declarar aos ouvidos mais atentos, que o sentinela era homem de consciência; por quanto, tendo-lhe rebentado a corda à nona pancada, ele gritara para que viessem prendê-la; e logo que o habilitaram, não se demorou em pagar ao público uma dívida de que o mesmo público, seguramente, já se não lembrava.

Seja efeito desta ocorrência — ou porque a maior parte dos donos de casa se recolhessem mais tarde nesta noite — pouca gente estava ainda reunida; — o que não devia admirar sabendo-se que os batuques neste país, parecem-se com os bailes do grande mundo — verdade seja só no que respeita à hora da entrada: e o motivo é porque os escravos encarregados do serviço mais íntimo da casa de

seus senhores, e sem os quais não se começa — que são eles os mais considerados — só podem reunir-se a uma hora adiantada da noite.

Todavia os nossos conhecidos João e Luiza já tinham chegado; e ao passo que o escravo deixava transparecer satisfação através da melancolia que lhe era habitual — Luiza traía pungentes angústias por entre a máscara prazenteira que seu rosto a custo segurava.

Com que fim Luiza impusera ao escravo a obrigação de vir a este batuque? Como conciliar a presença dela num lugar de prazer, com uma lágrima que de quando em quando lhe humedecia as pálpebras? Como explicar a sua vinda a este ajuntamento, quando sabemos que seus desgostos pediam a solidão?

Ela nada nos disse — nada nos explicou — mas costumados como estamos a ler no mais recôndito da sua alma, não nos custou a adivinhar que Luiza — tendo consumado o sacrificio de renunciar para sempre à posse do escravo — queria gozar da única recompensa, que podia alcançar neste mundo, a sublime abnegação, de que dera provas. Quis observar as feições do escravo — outrora intérpretes de excessivas mágoas — feições que ela gravara com indeléveis tintas no seu pensamento, a fim de roubar-lhes milhões de beijos durante o delírio, a que tantas vezes a levava um formoso ideal — quis vê-las, não com o prosaico deslumbramento da alegria que não pensa — mas sim com a poesia que dá a melancolia combinada à suavidade das ideias. Queria, obrigando João a comparecer ali, compeli-lo a manifestar-lhe em público um reconhecimento que ela sabia merecer-lhe; — e então entregar-se inteiramente à ilusão que buscava; — esconder, sob o véu das aparências, a realidade do seu pensar; e, acreditando-se amada, gozar, oh sim! gozar uma noite de suposta ventura!...

.....
— Ó Cacilda, os teus convidados demoram-se bem. Isto disse em crioulo *fundo* a voz áspera de um escravo, com evidentes sinais de enfado.

Dissemos que lamentávamos não saber manejar a linguagem crioula, quando tratámos de reproduzir as frases de Luiza; não nos acontece porém o mesmo no que respeita ao crioulo dos homens. O crioulo passado por femininos lábios toma uma expressão doce, agradável, terna e própria a revelar o mimo, a ingenuidade e a meiguice da alma; porém, nas bocas masculinas, ela — não só perde toda a graça — senão que torna-se ridícula, se acaso — com a afec-

tação — o homem busca dar-lhe uma suavidade, que, ainda assim, ele não pode prestar-lhe.

Cacilda, dona da festa, tratou de desculpar os retardatários, dizendo que ainda não tinham dado onze horas, e que antes delas não era provável que fossem dispensados por seus senhores.

Assim será — tornou o impaciente — mas lá está João, que veio à meia hora, e que além de não ter em casa menos que fazer, mora longe daqui.

— Ora, com que tu vens! João é escravo privilegiado, faz o que quer. Seus senhores gostam tanto dele, que até o mandaram ensinar a ler. É verdade, ó João, bem podias tu, em quanto esperamos, fazer-nos parecer o tempo mais breve, contando-nos alguma das histórias que tens lido.

João franziu o sobrolho ao ouvir a declaração de tal desejo; satisfazê-lo seria roubar à sua imaginação os fagueiros pensamentos com que se embalava: respondeu, pois, metendo outro na arena, ao qual estimulou os brios com as seguintes palavras:

— Tenho fraca memória para poder-me recordar do que li. Porém eu vejo daqui o velho Domingos que as sabe sempre fresquinhas, e que possui o talento de narrar tão apurado, que sempre encanta a quem o escuta.

Domingos — velho como era — sentia o maior prazer em conseguir chamar a atenção sobre si, por meio das histórias que sabia; não se fez pois rogar, e começou desta sorte:

GOMESEANNE

— A história com que vou entretê-los é de um caso acontecido há mais de um século; e tão verdade é o que vou contar-lhes, quanto é certo conhecerem vocês o caminho que foi testemunha de uma rixa, que levou deste mundo um guapo cavaleiro.

Miguel Coelho Gomes era um rico lavrador na Boa Entrada, freguesia de Santa Catarina. Ele tinha uma filha muito formosa, mas algum tanto *fresca* (corresponde ao vocábulo francês *coquette*), de forma que, apesar do muito aperto em que vivia, e da educação quase de freira que lhe dava sua mãe, nem por isso deixava ela — nas horas mortas da noite — de abrir a janela do seu quarto, e conversar muito tempo com um certo moço, que lhe queria *cheu* (muito), e o qual foi visto bastantes vezes saltar o muro de pedra

solta que cercava a casa. Parece que as tenções do rapaz eram boas, e que se não fosse pobre teria pedido a pequena; mas a muita soberba de Gomes atemorizava o amante, o qual não se aventurava a fazer um pedido, cuja rejeição de antemão previa, atenta a escassez da sua fazenda. Resignou-se portanto a esperar que um melhor futuro lhe desse lugar a obter a posse da dona do seu coração.

Animados pela esperança, passaram os dois amantes meses de ventura, até que sucedeu vir à Boa Entrada um tal Manuel Dias Annes, filho do Sargento Mór daquele tempo, residente então na cidade da Ribeira Grande. Annes foi recebido em casa de Gomes como era de esperar dum senhor que possuía mais de duzentos escravos; e logo que Gomes lhe apresentou Margarida, sua filha, Annes sentiu no coração um *tic tac* que o levou a estimá-la de modo que — sem curar de saber se ela lhe queria tanto, quanto ele a adorava — tratou sem mais de a pedir. Gomes era daqueles homens que entendem que a família não pode ter outra vontade que não seja a deles; e portanto — convindo-lhe tanto dar à filha um tão bom partido — concedeu-lhe imediatamente a mão de Margarida, sem indagar se esta levava em gosto o casamento que lhe destinava.

Ora, quando Gomes disse à filha que daí em diante devia olhar Annes como seu futuro marido, fácil é de imaginar o muito que ela chorou e pediu para que ele não efectuasse um casamento que faria a desgraça da sua vida. Mas, que valem as lágrimas de uma filha diante da ambição de um pai? Gomes a nada atendeu; e o que mais deve admirar é que a mãe de Margarida não se comovesse ao pranto da filha; e, antes sim, se regozijasse com a ideia do noivado — que foi resolvido celebrar-se daí a poucos dias.

Margarida, de fresca, folgasã e divertida que era, tornou-se triste, triste que era mesmo um dó vê-la; e o seu amante desapareceu, logo que ela lhe participou o casamento a que a violentavam.

Chegou o dia tão ardentemente suspirado por Annes, tão apetecido pelos pais de Margarida e tão amaldiçoado por esta. Toda a gente de Santa Catarina veio com suas bandeiras, de muitas cores, assistir a um casamento que se anunciava com uma pompa até ali não vista; e era tanto o povo, que, já a noiva estava na igreja quando saía a última bandeira de casa de Gomes, posto que mediasse uma grande distância da casa à freguesia; e *afoguearam* com tantos tiros, tantos que, sem mentira, o sol não se pôde ver claro, em razão do muito fumo.

A noiva estava vestida com tanta riqueza que era mesmo um estalar de inveja. Trazia colares, cordões e contas tudo de ouro: uns descendo-lhe a cintura e outros diminuindo, diminuindo até que o último lhe ficava unido ao pescoço. E na cabeça! oh que lindas flores! não se via o cabelo: havia-as aí de todas as cores — vermelhas, azuis, roxas, brancas de mistura como recortadas folhas verdes — e foi pena que o fumo não deixasse mostrar-se o sol com todo o seu brilhantismo, porque devia ser uma bela coisa ver os seus raios darem em chapa sobre a noiva tão ricamente enfeitada. Mas, apesar de muito *rascoa* que estava, via-se-lhe no rosto uma tal expressão de dissabor que tornava triste quem para ela olhava.

Havia oito dias que em cinquenta pilões se *cozia* milho (*) para dar a gente forra e escravos que vinham à festa; e para a mesa dos convidados mataram-se quinze bois — cento e cinquenta perus — cinquenta carneiros — trinta *chibarro*s — cinquenta leitões — e galinhas, essas não têm conta: tudo isto além dos presentes que é da ordem mandarem os convidados, e que — como vocês sabem — devem ser gastos durante a função, que isso dura ela quinze e às vezes mais dias. Aquela, porém, não durou infelizmente mais de oito, com quanto houvesse o que não se comeria em trinta. Mas, na manhã que se seguiu ao casamento, vieram dizer a Gomes, que da janela do quarto dos noivos não tinham saído os dois tiros que — segundo o costume de tempos imemoráveis — o marido deve disparar, quando esteja satisfeito com a noiva.

Uma tal notícia fez de raiva estremecer Gomes, pois que ele calculou quanto a sua honra perigaria pela falta dos tais dois tiros. De um salto ele foi ter ao quarto dos noivos: achou a filha assentada, chorando quentes lágrimas, sózinha com as suas mágoas. Annes não estava ali. O pranto da filha, a ausência do genro explicou-lhe tudo. Travou do pulso da filha — com força capaz de lho fazer estalar — e disse-lhe, com uma voz de eriçar os cabelos:

— É verdade que nos desonrastes?

A pobre menina não soube responder: a aflição e o susto impediam-lhe a fala; abaixou a cabeça, e continuou a chorar. Mas depois, parece que a consciência lhe disse que a cólera de seu pai era justa — parece que compreendeu toda a hediondez do seu cri-

(*) Prepará-lo para certas comidas, como cachupa, cuscus, etc.

me — todo o horror da sua posição — porque ela foi cair aos pés de Gomes bradando:

— Perdão, perdão, ó meu pai!

O primeiro pensamento de Gomes foi lavar no sangue da filha a nódoa da sua casa; mas considerou logo que, matando-a, justificava o procedimento de Annes; e ele tinha muito a peito o destruir as suspeitas que a falta dos tiros devia necessariamente despertar para abraçar semelhante ideia. Com o joelho empurrou a filha — a qual foi cair como morta no chão, que conservava ainda os sinais das lágrimas — e montando logo num formoso cavalo, Gomes correu a todo o galope, caminho da cidade em alcance de Annes.

Annes aflito pela desgraça que vinha de experimentar — desgraça que lhe era tanto mais sensível, quanto que ele não podia esquecer as feições de Margarida — caminhava ao passo do seu cavalo, sobre cujo pescoço flutuavam as rédeas. Os braços cruzados sobre o peito, pensava na mulher que o enganara. Ai! — dizia ele consigo — porque não teve ela a coragem de me confessar tudo antes de um casamento, que vai fazer a infelicidade de toda a minha vida? Porque, em vez de buscar enganar-me, não apelou ela para a minha generosidade, contando-me tudo, quando se soube por mim perdida? Ah! Margarida! Se houvesse assim praticado, hoje tu serias minha; porque eu desculparia uma falta, que o teu silêncio transformou num crime, que eu não posso perdoar.

E ele apertava o peito, como temendo que o coração lhe fugisse: outras vezes levava as mãos aos olhos, e aí as conservava talvez para suster as lágrimas; mas não, a sua dor era daquelas a que o pranto não socorre!

Ia para descer o Gomeianne — que nesse tempo tinha outro nome — quando chegou a seus ouvidos um pára, pára, que o fez voltar a cabeça. Reconheceu Gomes que corria para ele, quanto o cavalo podia. Esperou.

Apenas chegaram à fala, Gomes dirigiu a Annes estas palavras:

— A minha filha está desonrada, e a nossa vergonha foi por ti publicada: preciso pois da tua vida para nela esconder a nódoa da minha casa.

— Queres então assassinar-me?

Gomes estremeceu ao ouvir a suposição de Annes. Ele que era incapaz de uma acção de covarde, sentiu-se mordido por uma raiva

própria a aconselhar-lhe o crime que Annes de antemão lhe censurava. Conteve-se, porém, e disse-lhe:

— Não quero assassinar-te: o meu intento é arrancar-te a vida num combate leal.

— Como? observou Annes, se eu não tenho espada comigo? e, a menos que não tragas duas, o combate que desejas é impossível.

Gomes cismou alguns segundos: depois, como iluminado por uma ideia súbita, disse:

Dá-me a tua palavra de honra que, se eu te deixar partir, estarás aqui em quatro horas com a tua espada.

— Palavra de cavaleiro, respondeu Annes. E enterrando as esporas na barriga do cavalo, foi à brida solta para as bandas da cidade.

Era preciso correr muito para ir à cidade, e voltar à hora prometida. Gomes considerou que Annes, não faltando à sua palavra, chegaria fatigado de maneira, que lhe daria uma vergonhosa vantagem. Pensou então sobre o modo de estabelecer igualdade de forças no combate de morte que ia ter lugar, para que a todo o tempo a sua consciência o não repreendesse de um assassinio. Ora, que pensam vocês que ele fez? Apeou-se, amarrou o cavalo a um pé de purgueira, e entregou-se ao violento exercício de carregar pedra, com a qual construiu um muro ao longo da ladeira, que — como vocês sabem — é íngreme como não sei que diga.

Quando Annes chegou, Gomes apontou para o muro, dizendo-lhe:

— Já vêes que me não conservei ocioso, e que por consequência devo estar tão cansado como tu. Eia, põe-te em guarda.

Cruzaram-se as espadas. Cinco minutos depois Annes caía morto, tingindo com seu sangue a íngreme subida que de então para cá se ficou chamando Gomeianne, em memória dos dois combatentes: Gomes e Annes.

Gomes ainda não estava satisfeito, precisava conhecer o sedutor da filha. Quando, porém, chegou a casa, Margarida tinha fugido, provavelmente nos braços do seu amante.

— Viva Domingos! gritaram de todos os lados os escravos, a quem muito tinha agradado a história do preto. Cacilda, porém, curiosa, como dizem que são as saias, não pôde conter-se que não perguntasse:

— E nunca mais se soube de Margarida?

— Nunca, respondeu Domingos, pelo menos que eu saiba; e isto aconteceu há tantos anos que, estou certo, ninguém hoje nos poderá informar sobre qual fosse a sorte de Margarida; a menos que não seja alguma feiticeira.

Cacilda apertou o braço de Domingos, e disse-lhe, de maneira a ser ouvida unicamente pelos que lhe ficavam mais próximos: Cuidado com o falar em feiticeiras: não vêes que está ali a do Monte Vermelho?

A esta observação, tanto Domingos como os demais escravos que a ouviram, voltaram os olhos para onde indicava Cacilda; e de facto depararam com uma velha conhecida de todos os escravos, porque todos a ajudavam, visto que para sustento da vida ela só contava com a caridade pública. A sua velhice, o desarranjo das faculdades intelectuais — do que dava provas muitas vezes — e finalmente uma presciência de que alguns a julgavam dotada, junto ao prestígio que o vulgo liga sempre aos entes cuja vida sai fora do comum — fez com que a apelidassem a feiticeira do Monte Vermelho — por ser este o local onde morava.

A velha — que prestara uma atenção quase religiosa à história que Domingos contara — ouviu a última observação deste, e percebeu, pela direcção que tomaram alguns olhos, que as palavras ditas em voz baixa por Cacilda lhe eram relativas. Contra o costume das supostas feiticeiras, que se escandalizam quando lho chamam, ela não se ressentiu por ser objecto dos segredinhos de alguns: e primeiro, como falando consigo mesmo, e depois para o auditório, ela disse:

— As feiticeiras!... oh! as feiticeiras sabem muitas histórias. Querem vocês que lhes conte uma?

Alguns houve — e nesse número entrou o bom Domingos — que se arrepiaram a semelhante pergunta. Outros porém mais desabusados responderam: — Conta, boa velha; mas olha lá não te demores muito, que já pouca gente falta, e nós queremos dançar.

— Se há por aí algum branco, que se retire — disse a velha — pois o previno de que não gostará de ouvir-me.

De feito, encostado ao umbral da porta estava um branco. Havia sido visto pela maior parte, mas a ninguém importou a sua presença, porque não era extraordinário ver brancos espectadores dos *batuques*; e mesmo alguns tomam neles um não pequeno interesse.

João e Luiza, quando — pela reflexão da velha — olharam para o branco, estremeeceram: haviam reconhecido nele o sargento Lopes. Este, em vez de aceder ao convite da velha, ficou e ouviu impassível a história que a feiticeira contou pela seguinte forma.

VII

A HISTÓRIA DA FEITICEIRA

— O facto, que pretendo narrar-vos, não aconteceu nesta ilha, mas sim na de Santo Antão, onde — em 1797 — ninguém deixava de conhecer o muito nobre senhor Jerónimo Pimentel!

A velha pronunciara este nome com um gesto que dirieis que — ao passar-lhe pelos lábios — ele lhos queimava. João ao ouvir o apelido de Pimentel deu um pulo, como se fora mordido por um *cem-pés*. Ninguém notou o gesto da velha, ninguém reparou no pulo de João, e a feiticeira tomou o fio da sua história.

Este muito nobre senhor entendia que as escravas deviam ufanar-se, quando escolhidas para servirem de joguete aos desejos sensuais de seu senhor; e acreditava — o orgulhoso — que à menor manifestação da sua parte, elas não podiam deixar de pagar-lhe com paixão uma preferência, a que deviam ser reconhecidas. Pobre louco, que julgava poder alcançar corações que fazia sangrar com tratamentos cruéis — tratamentos que em nada se compadeciam com o sentimento que pretendia inspirar!

Houve uma — Júlia se chamava ela — uma jovem preta — oh! tão jovem, que apenas treze maios contava! — a qual, apesar dos seus poucos anos, soube resistir por algum tempo aos desejos de seu senhor. Mas, ai! uma noite ela sentiu sobre o peito a boca duma pistola; a vida considerava-a ela o seu único bem — teve medo de morrer — desmaiou... e... depois, uma existência cruel, meses de pungente tortura — qual a de ser forçada a abraçar aquele que se não ama — fizeram-lhe lamentar bem cedo não ter antes preferido a morte à vida, que se lhe tornava de insuportável peso.

E quando sentiu que ia dar ao mundo o fruto do crime de seu senhor, ela rojou-se por terra, e amaldiçoou, antes de nascer, o ente que alimentava em suas entranhas!...

Como era de presumir, a criança nasceu enfezada e magrinha — que era uma dor de alma olhar para ela — tinha as feições do pai — e clara que facilmente passaria por branca, se não se opusesse a isso a aspereza do seu cabelo. Pimentel não consentiu que Júlia alimentasse o filho, porque a tristeza e desgosto haviam-na tornado doente, e ele temia que a criança bebesse no seio da mãe o gérmen de moléstia incurável. Daí por diante Pimentel fez respeitar a mãe de seu filho; e como o sofrimento houvesse desterrado das feições de Júlia e frescor e viço que lhe valeram a escolha de Pimentel, este esqueceu-a, e foi levar a outra parte um amor, que ela jamais lhe pôde retribuir.

Júlia, assim esquecida, viveu catorze anos feliz; de forma que aos vinte e oito — tendo completamente recobrado a saúde — era mais bela que nenhuma outra de suas companheiras.

Pimentel notou — para infelicidade de Júlia — a mudança que nesta se operara; e, oh desgraça! lembrou-se de a fazer entrar outra vez no número de suas amásias.

Nesse tempo Júlia amava Luís — jovem preto, escravo como ela, o qual lhe pagava com uma dedicação sem limite o muito amor que ela lhe prodigalizava. Júlia nunca lhe contara a sua desgraça; porque o seu amante pertencia ao mesmo cativo, e ela — boa alma como era — não queria despertar em Luís um ódio de morte por seu senhor. Mas quando se viu compelida a acolher novamente as torpes carícias de Pimentel, a coitada teve de relatar tudo a Luís. Ao saber tal, todas as fúrias do ciúme imprimiram no rosto do escravo a expressão de uma sanha feroz; e fazendo em continente brilhar uma faca, ele corria para assassinar Pimentel, quando Júlia — lançando-se-lhe aos pés — lhe pediu que respeitasse a vida do pai de seu filho, dela. A tais palavras, Luís fitou a triste amante, a qual de rojo lhe segurava os joelhos, mostrando-lhe as lágrimas abundantes que por suas faces se deslizavam. Raiva, despeito, ódio, ciúme e desgosto, todas estas paixões se traíram no rosto de Luís. Ele reflectiu em que aquela que tinha a seus pés — sem embargo do muito amor que dizia professar-lhe — não lhe havia dado um filho, ao passo que o concedera ao que a mergulhara no pego imenso da desdita — àquele que ela escudava então com o próprio fruto do seu crime! O desgraçado esqueceu o padecimento da

mulher que o amava com tanto extremo — escutou unicamente a voz do seu amor despeitado — e desprendendo com força os joelhos dos braços de Júlia, bradou: Infame, voto-te o meu ódio. E desapareceu, deixando a infeliz entregue a todo o horror do seu destino.

Oito meses depois Júlia dava à luz um menino, preto como seus pais. Pimentel estava ausente e só veio dois meses depois do nascimento do filho de Júlia. Quando ele viu o recém-nascido, uma cólera — que eu mal soubera expressar — tornou roxas suas feições; e agarrando com uma das mãos a criança, e com a outra o pulso de Júlia, perguntou a esta com uma voz, que tremia de raiva:

— Porque é preta esta criança?

Júlia — sabendo seu amante fugido desde a fatal explicação — calculou que a sanha de seu senhor sobre ela somente poderia exercer-se; respondeu por tanto com a maior presença de espírito:

— Ele é preto porque seus pais o são.

— Pretos! pretos! — diz Pimentel. — Então não sou eu seu pai?

— Não, respondeu Júlia com voz firme.

Pimentel rangeu os dentes; e apertando com mais força o braço da infeliz, bradou: Desgraçada, que traíste teu senhor!

— Eu trair-vos! observou Júlia. Como, se nunca vos amei?

— Quem amavas pois? Quem é o pai desta criança?

— Que vos importa?

— Importa-me, para lhe fazer experimentar à tua vista o horrível castigo que ele merece. Responde já, desprezível negra.

Júlia deu uma daquelas gargalhadas insensatas, que fazem tremer a quem as ouve; e disse como falando consigo.

— Sim, que prepare os ferros em brasa — ponha de molho o chicote — apronte as cordas — que a vítima está de à muito resignada ao martírio. Mas o nome dele, do meu querido, do meu amante, nunca, nunca o saberá.

— Nunca? vejamos se eu acho meio de to fazer declarar.

E nisto sacou de um punhal, e embebendo a buída ponta no peito da criança, disse:

— Júlia, o sangue de teu filho já corre, queres que enterre o punhal até ao cabo — ou preferes conservar-lhe a vida? O nome do pai salva a existência do filho — escolhe.

Júlia estremeceu: ela via o sangue do inocente tingir as vestes do algoz. Sabia — como já disse — que o amante estava fugido: — não se demorou na escolha; e o nome de Luís, o escravo, saiu sumido da sua boca.

Pimentel atira a criança para o regaço da mãe, e desaparece, deixando esta feliz por estreitar em seus braços o filho que duas vezes lhe devia a vida. O ferro tinha corrido, e não profundado no peito da criança, de forma que fizera uma ferida — grande à primeira vista — mas sem outras consequências, além de uma cicatriz que ali devia ficar.

Júlia beijava seu filho quando — ó horror! — ela vê entrar Pimentel seguido de todos os escravos; e Luís — Luís, que ela julgava longe — seguro por dois companheiros, e amarrado como negro fugido!

Aqui a narradora fez uma pausa. Viram-na chorar daquelas lágrimas que exprimem uma dor incurável: suas mãos açoutavam as faces com um desespero, com um sentimento — que a disséreis presa do remorso. Uma convulsão violenta apossou-se-lhe do corpo, e seus dentes batiam, batiam como se ela estivesse a braços com uma dessas sezões puramente africanas. Alguns escravos buscaram sossegá-la, dizendo-lhe: Que é isso, boa mulher, porque choras assim?

— Porque choro? É que Júlia sacrificou o pai à existência do filho, cuja vida nem por isso foi mais respeitada. Choro porque a vingança do bárbaro Pimentel foi espantosa. Mandou amarrar sobre o leito a infeliz Júlia, para que assim não pudesse resistir aos escravos, a quem ordenou saciassem seus desejos brutais.

— Oh! — bradaram a um tempo todos que ouviam esta terrível história. — É impossível que existisse um semelhante monstro!

— Ai de mim! existiu para desgraça da desditosa Júlia! Luís, achando a força que dá o desespero, pôde soltar uma das mãos; e agarrando do chão o punhal, ainda tinto do sangue de seu filho — cravou-o sobre o coração — e caiu redondamente morto.

— E Júlia? perguntaram de todos os lados.

— Júlia não presenciara a morte do amante: ela estava sem sentimento sobre o leito da vergonha, e de certo não sobrevivera à brutalidade, de que a tornavam vítima — se um anjo benéfico não viesse — como mandado do céu — pôr termo a esta cena revoltante. Era o Bispo, tio de Pimentel, que bradara de dentro: suspende, vil assassino; e entrando no quarto, fulminou com um olhar terrível o algoz da desventurada Júlia. Mandou imediatamente desamarrar a vítima — que só recobrou o conhecimento vinte e quatro horas depois — e — conforme contaram os escravos — agarrou do braço de Pimentel, e disse-lhe: Tu és um monstro que devias espiar o teu

crime sobre o cadafalso; deixo-te, porém, o remorso, que é mais que o patíbulo: e Deus tenha piedade de ti, se nessa alma perversa poder algum dia penetrar o arrependimento. Assina já a carta de alforria à mãe de teu filho: ele não te amaldiçoará, porque eu farei com que ignore sempre a maldade de seu pai. O filho de Júlia ficará escravo, para que espie neste mundo o suicídio daquele que lhe deu o ser. Teu filho sairá quanto antes desta ilha, pois não convém que ele permaneça nos sítios que foram testemunhas das atrocidades do pai.

Pimentel assinou a alforria de Júlia; e o Bispo, mandando transportar esta e seu filho para a residência episcopal, tomou o papel das mãos do monstro, e saiu fazendo-lhe suportar todo o peso de um olhar tremendo.

— E porque casualidade chegou o Bispo — se bem que tarde — contudo ainda a tempo de evitar a continuação do horrível atentado? perguntou um dos ouvintes.

— Um dos escravos de Pimentel o tinha ido avisar; porque — seja dito em honra deles — nenhum presenciou esta cena sem manifestar viva repugnância.

— E Júlia, que foi feito de Júlia?

Um grito agudo foi a única resposta da velha. Ela lutava com uma dessas crises violentas, que tantas vezes lhe arrebatavam a razão para um ideal todo de sangue.

— Vingança! vingança! — bradou ela. — Morte, maldição sobre os brancos!

Há na voz de uma louca alguma coisa de elevado e sublime, que impõe àqueles que a ouvem. Alguns escutam-na com um respeito religioso — impelidos a isso pela convicção de que a voz da louca é intérprete da vontade doce: outros, levados por sentimentos de piedade, fingem ceder à vontade de uma razão perdida, temendo que a contradição lhe agrave o mal. Este brado de vingança ecoou — por tanto — na maior parte dos corações, a quem muito havia contristado a história da infeliz Júlia. Não havia ali escravo, que — por melhores que fossem seus senhores — não tivesse experimentado os golpes do açoite; as dores do castigo lembram sempre, em quanto que facilmente se esquece a justiça que muitas vezes presidiu a esse mesmo castigo; não deve pois admirar, que os escravos respondessem às palavras da louca com um grito uníssono, imenso e horrível, que clamava vingança! vingança!

Lopes ouvira a história — assistira ao acesso de loucura — notara a sensação que produzira nos escravos a exclamação da feiticeira.

Um inqualificável sorriso foi contrair-lhe os cantos da boca — e, esquecendo o motivo que ali o trouxera, saiu — conservando sempre esse riso feroz, que respondia a uma ideia de sangue.

VIII

O TORNO

Se Lopes se tivesse conservado por mais tempo entre os escravos, talvez estes lhe fizessem sentir toda a raiva que naquele momento os possuía contra os brancos; como porém não vissem sobre quem cevar a sua ira, os escravos — cujo número tinha crescido, pelos que entraram durante as histórias — esqueceram facilmente as ideias assassinas, para darem lugar a outras mais lisonjeiras, que a dança em expectativa devia sugerir-lhes.

Os sons pouco harmoniosos de três guitarras — que estavam em completo desacordo entre si — foram serenar aquelas almas, cujas molas — gastas e enfraquecidas pelo hábito do sofrer — não podiam dar impulso a pensamentos de força, que por isso tinham aí efêmera duração.

Forma-se a roda: trinta ou mais bocas femininas se abrem e dão liberdade às vozes, que elas possuem de uma extensão a causar inveja ao mais abalizado barítono; — mas a música! a música era infernal! Sem cadência, sem harmonia e sem gosto, julgareis ter na frente a cópia viva do quadro de Hoghar «O músico desesperado». Os sons das guitarras não podiam ouvir-se; mas à falta desse, um outro acompanhamento mais positivo, mais igual e mais conforme ao canto, vinha casar-se a este, de maneira a torná-lo mais alegre — mais estrepitoso — e mais próprio a fazer esquecer velhos pesares. Este acompanhamento compunha-se do bater das mãos sobre os panos, que cada uma passara por sobre as coxas, amarrara junto às curvas, e, com a separação dos joelhos, esticara qual pele em afinado tambor. E esse bater tinha uma cadência toda sua, uma

toada para a qual nós não achamos comparação que a explique: — em quanto que uma das mãos caía com regularidade — extraindo do pano sons compassados e secos, a outra fazia ouvir um tremido, uma espécie de rufo, que é onde está toda a delicadeza do *xabeta*.

Este alarido convida uma delas a saltar para o meio do círculo, o qual se vai estreitando a ponto, que mal deixa o espaço preciso para as evoluções da rainha do momento. Vê-la-eis então medir o compasso com o corpo, cingir o pano à cintura, juntar-lhe aí as pontas em nó, que desata logo, com uma indolência perfeitamente representada. Vê-la-eis — dizemos — torcer-se, requebrar-se, impor aos quadris movimentos — demorados no princípio — mas que vão progredindo, exaltando-se à proporção que — de mais em mais — se acelera o compasso do *xabeta*. E quando o ente preferido — aquele sobre quem ela emprega os seus olhares — grita com um entusiasmo de possesso *ripundá xabeta*, oh! então ela despe a modéstia com que até ali se ornara; o *xabeta* assume um *crescendo furioso*; e ela — amarrando o pano de maneira a deixar esculpidas as formas do corpo — levando as mãos umas vezes à cintura, outras ao ar, onde faz ouvir os trincos de seus dedos — olhando alternadamente o céu e a terra — ela se inclina, se dobra, se eleva, se torce, se volta, se arqueia, tudo com agitação febril — com transportes frenéticos — com furor vertiginoso — com movimentos tantos, tão rápidos e lúbricos; que julgareis ver nela a lascívia personificada!...

.....
Lugar, lugar a Luiza — grita-se de todos os lados — e ela entrou na arena do baile.

Assim como sucede aos grandes actores, cujo mérito já conhecido lhes granjeia aplausos, mal se mostram sobre o palco — assim aconteceu a Luiza, cuja presença foi bastante para despertar a geral atenção — manifestada por um murmúrio aprovador. A jovem preta conservava ainda sobre os ombros o custoso pano de retroz *lambudo* com uma negligência — talvez estudada — mas que lhe ia divinamente: a cabeça trazia-a coberta com um lenço de seda, em cujo fundo branco sobressaía um lindo matiz de bem combinadas cores. Este lenço estava amarrado com aquela graça elegante, de que as crioulas tanto partido sabem tirar; imaginai entre o toucado e o turbante alguma coisa de bom gosto, e formareis uma justa ideia da disposição das pregas, do entrançado das pontas, dos apinhados do lenço de Luiza. Uma saia de bonita chita descia-lhe da cintura aos pés, os quais se escondiam dentro de bem feitos sapatos

de couro bronzeado. Pendiam-lhe das orelhas meias luas de filigrana de ouro, e segurava ao pescoço um fio de contas de finíssimo coral vermelho. Alta, quanto o deve ser uma mulher, dera-lhe a natureza — que não a educação — um donaire de senhora, que em nada se compadecia com a sua condição de escrava.

O *xabeta* já começara a fazer-se ouvir, e Luiza conservava-se imóvel com os olhos — que ela possuía rasgados, e de uma expressão magnífica — fitos em João. Um imperceptível sorriso deste — que respondia seguramente a uma ideia de fagueira esperança — veio animá-la; e ela deu princípio a essa dança, que só Luiza podia tornar interessante. O calor obrigou-a a privar-se do pano — o qual atirou para o regaço de João: — ela sabia não carecer daquele ornato para fazer realçar as graças de que era dotada. A ausência do pano patenteou a camisa, que da cintura aos ombros se mostrava guarnecida de finíssimas rendas, as quais dispostas com artifício e gosto se pronunciavam sobre o preto de seu seio: a este incomodava-o sem dúvida a leve pressão das rendas, por quanto percebia-se-lhe o ligeiro impulso com que amiúde tentava afastá-las.

Luiza começara o *torno* com a languidez e indiferentismo próprio de quem não cura do que está fazendo. Contudo — através da pálida e sombria luz da sala — fulguravam seus olhos vivíssimos, cujas negras pupilas tomavam uma direcção única — a que mais facilmente as colocava sobre o rosto de João. — Este encontrara os olhos da escrava; e admirado da obstinação com que Luiza o fixava, quis ver — como sempre acontece nestes casos — se a obrigava a volver os olhos para além: conservou, pois, os seus imóveis e fitos sobre os da escrava. Após alguns segundos, João experimentou a influência do magnetismo daquele olhar: a corrente de electricidade estabeleceu-se entre ambos; e ele — cedendo ao encanto que o fascinava — vencido por essa atracção magnética que nós, pelo menos, não sabemos explicar, deixou-se insensivelmente aproximar de Luiza. Esta gozava de um prazer extreme, sublime, e imenso: um sorriso alvejava por entre seus lábios ligeiramente púrpuros, em quanto que no cérebro lhe brincavam dulcíssimos pensamentos. E como não? se ela via o escravo tão perto, que estendendo-lhe a mão podia tocar-lhe! Como não? se era em frente de João que ela dançava — de João que correspondia ao seu amoroso olhar — do escravo, que se deixava atrair, e que vinha talvez pedir-lhe perdão do muito que a fizera sofrer! Delirando ao excesso da ventura — deslumbrada pelas chamas de amor, que acreditou ver

relampejar nos olhos do escravo — fechou as pálpebras, e dançou com arrebatamento, delírio e paixão. Oh! mas o que nas outras era lascivo e prosaico, nela tornava-se voluptuoso e poético! Depois apoderou-se de João, que não teve força para resistir; e lá o arrasta, numa valsa vertiginosa, por entre seus companheiros — que batiam as mãos, e repetiam entusiásticos bravos. Oh! e quanto ela se julgava feliz por unir ao seu peito o peito de João — por confundir com o dele o seu respirar — por comprimir nas suas as mãos do escravo!!!

Assim cedeu ao cansaço; e, porque não largasse João, este sentou-se a seu lado. Após uma pausa de alguns segundos ela disse-lhe com a meiga e fácil expressão de quem prevê uma resposta feliz:

— João, estimar-me-ás tu sempre?

— Luiza, como posso eu deixar de te estimar? Ainda mesmo que a simpatia não tomasse nisso uma viva parte, podia eu deixar de ser reconhecido ao muito que por mim prometes fazer? Mas Luiza, é tempo de cumprires a tua promessa: quando me conduzes em frente do leito de Maria?

Luiza não pôde responder; a ilusão tinha-se desfeito: as palavras do escravo foram despenhá-la do elevado ideal, a que se remontara, para o profundo abismo da pungente realidade! A reacção foi penosa, acerba e desesperada. Mas breve ela pôde chamar a si a coragem que a abandonara; e impondo um aparente sossego à inflexão da voz, deu a João esta simples resposta:

— Na próxima noite.

— Oh! eu te agradeço, Luiza.

Mas esta tinha desaparecido sem esperar o agradecimento de João.

O dia anunciava-se pela presença da aurora, quando os escravos trataram de abandonar a sala. João, ao ir para a porta, deparou com a feiticeira — que depois do acesso de loucura se deixara adormecer sobre uma esteira. — O escravo ao vê-la estremeceu, parou; mas reflectindo disse consigo: — Depois buscarei aclarar este mistério — e saiu, lançando um último olhar de piedade sobre a pobre louca.

IX

NA TAVERNA DO TIO TESOURA

Na rua que da Igreja Matriz vem em linha directa interromper-se no largo do Pelourinho da Vila da Praia, havia em 1835 uma taverna, situada quase em frente da casa da Câmara e Cadeia da Vila; edificio que — naquela época — estava bem longe de presumir que de suas ruínas surgissem os elegantes e sólidos Paços do Concelho, que hoje aformoseiam o largo.

Esta taverna pertencia a um degredado, que dava pela alcunha de tio Tesoura. Imaginai um homem alto, bastante gordo, feições grosseiras, tez doentia, e tereis o fiel retrato do dono da taverna, onde teve lugar a cena que vamos relatar.

A falta absoluta do botequins, obriga a que na Vila da Praia, certa gente — que não sendo da ínfima plebe, não está contudo nas circunstâncias de entrar na roda escolhida — frequente casas a que noutros países de certo fugiria. Não deve por tanto admirar que no princípio da noite de 20 de Março do ano a que nos referimos, estivessem — numa das poucas casas interiores pertencentes à dita taverna — alguns sargentos, cabos e soldados, formando grupos, sentados em frente de mesas de pinho, sobre as quais havia profusão de garrafas e copos.

Ser-nos-ia impossível seguir ao mesmo tempo a conversação de cada um dos três grupos; permita pois o leitor que o levemos à mesa onde a conversa parece mais animada, e que a presença de um velho conhecimento nos obriga a preferir.

— Afianço-vos que dos escravos nada temos que reccar; e por tanto se o temor dessa resistência era o único motivo que vos fazia

vacilar, agora não tendes razão alguma para deixar de acolher o projecto que vos propus.

Era Lopes o que pronunciara estas palavras, dirigindo-se aos seus três companheiros.

— Mas vejamos — disse um dos que o escutavam — repete-nos o teu plano para melhor o considerarmos.

Lopes encolheu os ombros com visíveis mostras de impaciência.

— Não sei de que serve repetir coisas que tanta precisão há de esconder: parece que estou falando com tímidos paisanos! Vocês, militares, vocês, que têm provado o seu valor em tantas acções campais, como duvidam pôr ombros a uma empresa, cujo bom êxito lhes desenvolverá um futuro de glória? Acaso já não amam o rei proscrito? Aqueles que tantas vezes ofereceram por ele o peito às balas do inimigo, duvidarão hoje erguer um brado em favor desse mesmo rei? Duvidarão, quando nenhuma consideração de perigo se opõe à realização de um projecto que tão útil deve ser à nossa causa? Não vos direi que poderemos formar aqui um baluarte, qual os malhados tornaram a ilha Terceira: mas teremos ouro, muito ouro — quanto aqui existir — porque, espalhando o terror, não nos será difícil haver às mãos as burras, que, segundo me consta, fazem vergar com seu peso os sobrados desta Vila. Temos dois navios no porto, dos quais facilmente nos poderemos assenhorear; e, por eles conduzidos, iremos depor aos pés do nosso soberano ouro para intentar a guerra, e braços dedicados capazes de o defender. Que dizes a isto, José Joaquim?

— Digo que é bonito o quadro que nos apresentas; porém não me acho disposto a arriscar a minha vida para colocar a coroa sobre a cabeça que a não soube sustentar, quando defendida por oitenta mil baionetas. Contudo se me puderes convencer de que a coisa não oferece as dificuldades que eu imagino, não duvidarei cooperar para a revolta que nos propões, a fim de sair da posição difícil em que me vejo colocado. Mas entenda-se que para eu me comprometer a revoltar a companhia é preciso que nos segurem — a mim e aos meus — igual partilha no saque, e a faculdade ampla de ir gastá-la onde bem nos parecer.

— Vós outros, qual é a vossa opinião?

— A mesma que a de José Joaquim — responderam os dois outros interlocutores.

— Pois eu, camaradas — continuou Lopes — também na sublevação que imaginei, confesso que levava em vista um fim particu-

lar que lhes não declarei logo, por julgar persuadi-los mais facilmente pelo deslumbrante quadro da glória. Sim, amigos, o que me instiga a levar avante meus sanguinários projectos, é a vingança! Oh! porque eu odeio esses homens que nos impõem de uma maneira aviltante a subordinação que lhes devemos — sem se lembrarem do que nós fomos — sem atenderem a que bandas melhores que as suas já apertaram nossa cinturas! E depois, eu quero ouro, muito ouro, para o gastar bem longe da pátria, junto da mulher — que hoje me odeia — mas na qual espero mudar os sentimentos hostis num amor que se lhe antolhará feliz em presença da riqueza, que irá depor a seus pés aquele que lhe pede em troca unicamente o seu coração.

— Pois que, cativou-te alguma mulata? — disse Carvalho metendo o caso a ridículo.

— Exactamente: prendeu-me uma mulatinha, que tem tanta soberba quanta pode possuir uma rainha de alva beleza.

— Então foi o seu orgulho que te fascinou? — observou Aleixo.

— Oh! se eu lhes disser que amo essa mulher quanto neste mundo se pode amar a criatura! e que a ideia de possuí-la é a que mais me lisonjeia a imaginação!...

— E se ela, apesar do brilhante futuro que te prometes, não quiser amar-te? — redarguiu Aleixo.

— Vingando a revolta — respondeu Lopes, dando ao rosto uma expressão sombria — a perspectiva de um faustoso provir, reunida às súplicas de quem podia mandar, demoverá o seu orgulho. Mas se apesar de tudo ela for inabalável, se os dardos de desprezo que hoje me fulmina se não transformarem nas chamas de amor, que eu pretendo ver fulgurar em seus olhos, oh! então ela não deve esperar de mim piedade! Levá-la-ei comigo, e na plaga estrangeira a abandonarei impura!

Havia tanta maldade nas palavras de Lopes — traíam um cinismo tão revoltante, que seus auditores não puderam reprimir um movimento de repugnância.

— Mas, que mal te fez essa jovem que possa justificar um procedimento tão bárbaro? Não será de certo a antipatia que lhe inspiras? observou Carvalho depois de um silêncio que durará alguns segundos.

— Que mal me fez? Menosprezou um amor que eu lhe oferecia com toda a efusão da minha alma — esmagou meu coração sob a maca do mais aviltante desprezo — fez de seus lábios chover sobre

mim amargas injúrias — pretendeu extinguir a esperança em meu peito, evitando-me todas as vezes que visito sua mãe! Chamais atroz à vingança que premedito? Mas porque não quer ela amar-me? Se é porque eu não sou próprio a inspirar-lhe um sentimento de affecto, porque — em vez de lamentar-me — me expulsou de maneira a revoltar o meu orgulho?

— E o que foi que te sugeriu a ideia da revolta como a mais conducente à realização dos teus projectos? — perguntou José Joaquim.

— Primeiramente a necessidade de sair de uma posição na qual abortariam todos os meus projectos sobre a mulata — depois a precisão de dinheiro, sem o qual nada se consegue — finalmente uma cena de escravos — que vou contar-vos — veio firmar-me na ideia da revolta que já em Lisboa me fora sugerida, pelo desejo que tinha de ser bom aos meus amigos officiais. Ontem à noite andava eu lá para as bandas da Boa Vista — no fim da Vila — quando passou por pé de mim uma preta que reconheci logo por pertencer à minha jovem africana. Calculei que a intervenção da escrava muito me podia servir para com a sua senhora. Fui-lhe no alcance, e como a visse entrar na casa onde se dava um batuque, tratei de aí lhe falar. Entrei.

Lopes relatou a cena a que dera lugar a história contada pela velha feiticeira, descreveu o entusiasmo, que se desenvolvera nos escravos, quando no acesso de loucura ela bradara vingança. Depois continuou dizendo:

— Esta sede de sangue, que despertara nos escravos a tristíssima história da velha, veio segurar em meu cérebro os projectos de revolta que estavam abalados pelo receio de que, resistindo aqueles, ela pudesse ser sufocada. Contudo uma consideração diminuí bastante a segurança que de princípio o grito dos negros me havia incutido; porque minutos depois eu vi da rua — para onde tinha ido observar os acontecimentos — esses mesmos escravos deporem as demonstrações hostis, para se entregarem totalmente ao prazer da dança. Calculei que neles o entusiasmo era de pequena duração; e que com a facilidade com que naquelas cabeças se acendiam os fogachos do ódio, o mais leve sopro podia dar aos mesmos fogachos uma direcção própria a queimar aqueles que os tivessem acendido. Mas a ideia da revolta tornara-se-me tão mimosa que muito me custava abandoná-la. Um pensamento acudiu à minha perplexidade: na velha feiticeira, a vingança era a ideia

única que neste mundo ainda lhe sorria: eu vira-a nos paroxismos da loucura manejar uma linguagem profética, cheia de quanto entusiástico furor pode criar uma imaginação escandecida. Considerei pois que essa preta — que eu adivinhei ser a própria heroína da sua história — estava no caso não só de arraigar no coração dos escravos sentimentos de rancor contra os brancos, mas ainda de desenvolver-lhes na ocasião precisa um furor de canibais, que muito podia concorrer para o bom êxito da minha empresa. Entendi que ela abraçaria qualquer projecto — uma vez que este lhe provesse aos meios de vingar-se. Feito este raciocínio dispus-me a esperar com paciência, até que ela saindo da casa do batuque, me desse lugar de falar-lhe. Era manhã, e já todos os escravos tinham deixado a casa, quando a velha saiu. Segui-a até lá baixo à vargem da Companhia: aí não tive medo de ser observado, e chegando-me a ela toquei-lhe no ombro. Quando, ao voltar-se, deu com os olhos em mim, notei que uma expressão de viva repugnância lhe invadira o rosto. Esta manifestação em vez de acovadar-me deu-me ânimo; e entendendo de mais efeito o chegar logo sem rodeios ao meu fim, disse-lhe: Júlia, queres que eu te vingue? — Ouvindo tais palavras ela não pôde evitar que um leve estremecimento lhe percorresse o corpo; e depois — completamente sossegada — perguntou-me em lugar de responder: Como sabes o meu nome? — Ouvi-o da tua boca — lhe respondi. — Não és tu a vítima infeliz de Pimentel? não foste a desditosa amante do preto Luís? não choras a morte desse desgraçado, vítima do amor que consagravas a teu filho? — Oh! sim, sim, tudo isso é verdade! Eu sou Júlia: — eu quero vingar-me: é esse o desejo único que me faz viver. Mas a minha vingança deve exercer-se sobre todos os brancos; — sobre todos, entendes? — Entendo, respondi com o maior sangue-frio — queres dizer que eu, igualmente, não devo escapar. E eu compreendo que existam ódios com a força de esmagarem toda uma raça. O meu ódio — continuei eu — também é imenso! a minha vingança deve igualmente ser espantosa: — pretendo, nada menos, que aniquilar todos os homens que não quiserem ajudar-me na destruição que premedito! Já vês, Júlia, que os nossos desejos, nascidos de diversa origem, tendem ao mesmo fim. Ordena à tua voz que auxilie meus planos, e meu braço ajudará os teus. — Oh! — disse ela — ainda é cedo: é preciso que eu encontre alguma vítima, digna de oferecer-se aos manes de Luís. Tenho esperado bastantes anos, esperarei mais tempo; porque o demónio não deixará de apresentar-me um Pimentel, sobre o qual

eu possa satisfazer a minha ira. — Mas ao menos — tornei-lhe eu — não poderás tu obstar a que os teus — armando-se em defesa de seus senhores — venham estorvar a minha vindicta? — E que proveito — observou ela — me resultará de anuir ao teu pedido? — Ah Júlia! se acaso a execração que votaste à raça a que pertence aquele que te preparou sorte tão mofina, é tal qual te ouvi descrever — eu reservo-te um espectáculo que fará dilatar teu peito à tanto tempo comprimido: este lugar em que estamos vê-lo-às tinto de sangue humano; e os cadáveres que observares aqui, provar-te-ão que esse sangue pertencia a brancos. — A velha pareceu reflectir; e depois ouvi-lhe dizer, como se estivesse pensando, em voz alta: Ele é branco e odeia a sua raça — quer assassinar seus irmãos, oh! como ele é mau!... E serão assim todos os brancos? Confesso que ao escutar-lhe esta reflexão estive à uma e às duas para mandar a velha ao diabo; porém a precisão que tinha dela fez-me conter. Júlia rompeu outra vez o silêncio para perguntar-me: E quando imaginas dar à execução os teus projectos, sejam eles quais forem? O mais breve possível; logo que me afiances não ter que recear a opposição dos escravos. — A velha recolheu-se alguns momentos. — Pois bem — disse ela — de amanhã em diante podes contar — não com a protecção dos escravos — mas unicamente com a sua completa indiferença à guerra entre os brancos. — Juras-mo? — Juro. — Pelas cinzas de Luís. — Sim, pelas cinzas de Luís. E em seguida deixou-me. Vistes como esta manhã eu promovi a exaltação dos soldados; — como lhes fiz notar que a farinha jamais faltava na ilha, e que contudo o pão lhes era vedado, obrigando-os a alimentarem-se — como os soldados pretos — dessa comida composta de milho quebrado, cozido com toucinho, a que chamam «cachupa?» Sabem que essa exaltação chegou a um ponto, que obrigou a chibata a visitar as costas de alguns; e tu mesmo, Aleixo, não escaparias se te não valesse a boa alma do teu tenente Serrão, que pediu por ti ao Tenente Coronel. Camaradas, o descontentamento lavra no batalhão, o comandante é odiado, porque a par da indolência que lhe é habitual, tem-se tornado tirano e injusto para com os soldados; os officiaes de princípios políticos opostos a todo o batalhão, não merecem as simpatias deste; por tanto para homens como nós, que temos a necessária influência nas companhias, revolucionar o batalhão é empresa mais fácil que levá-lo à disciplina: e depois arvorando o estandarte miguelista, daremos à revolta um carácter político, que nos valerá uma amnistia em caso de desgraça. Eia,

mãos à obra; a América do Norte nos oferece o seu solo, o seu clima, a tolerância do seu governo, para vivermos ali em paz e na abundância, com o dinheiro que daqui poderemos levar.

Os três companheiros de Lopes haviam escutado este com profunda atenção. Eles que de princípio só deixavam de abraçar o plano revolucionário pelo temor de que o Prefeito pudesse dispor de forças superiores às deles, fazendo armar os escravos — vendo pelo discurso de Lopes desfeito esse receio — não hesitaram em oferecer ao Sargento a coadjuvação que ele lhes pedia.

— Tratemos pois — diz Lopes — de coordenar o plano, que convém dar à execução o mais breve possível; por quanto haveis de concordar em que tornado o nosso segredo do domínio dos soldados, não se lhes deve dar tempo para reflectirem. — Vejamos, pode-se contar com os impedidos?

— Talvez — disse José Joaquim.

— Talvez — não basta — tornou Lopes; é deles que mais carecemos. Como haveremos às mãos os officiaes, se não estivermos seguros dos seus impedidos? O primeiro que resistisse em sua casa, protegido pelo camarada, daria o alarme pela Vila, e quem sabe o que aconteceria! O que convém é que de nada se suspeite, antes que uma cena de horror haja de intimidar ainda os mais animosos, dando-lhes a consciência da nossa força.

— Eu respondo por dois — disse Carvalho, que conheceu a justiça do raciocínio de Lopes.

— E eu respondo pelos restantes — acrescentou Aleixo, que não queria ficar atrás.

— Bem — diz Lopes — tendes amanhã o dia todo para os comprometer, de forma que eles não possam eximir-se na ocasião. Tu, José Joaquim, encarregar-te-às do Prefeito.

— Pois quê? Entendes que se deve fazer mal ao Prefeito? — Perguntou José Joaquim.

— Bem pelo contrário: quero que hajam para com ele as maiores atenções. Uma guarda de dez homens deverá impedir que alguém — seja quem for — saia ou entre sem autorização nossa. Mas é preciso ameaçá-lo, intimidá-lo, a fim de que o medo o leve a descobrir e ordenar tudo quanto carecermos, e que para o alcançar a nossa força não baste. Tu, Carvalho, encarregar-te-às do Tenente Coronel; e à meia-noite de amanhã a procissão descerá à vargem da Companhia.

— Uma procissão! exclama Carvalho, o qual não entendia.

— Sim, uma procissão de penitentes oficiais, ligados dois a dois, e aos quais a nossa generosidade concederá a palma do mártirio.

Estas frases manifestavam tanta perversidade, que ao ouvi-las os próprios cúmplices de Lopes estremeceram.

— Oh! — observou Aleixo — matar a sangue-frio homens indefesos, é uma covardia, a que eu jamais me prestarei.

— E quem disse aqui — tornou Lopes — que éramos nós quem os havia de matar? Não, nós não seremos os carrascos: entregá-los-emos ao furor da tropa — deixaremos que cada soldado ceve neles a vingança de uma injúria, de uma ofensa, de um castigo — que não foram eles tão parcós em distribuí-los aos pobres soldados. Além disso, a salvação deles seria a nossa ruína; e neste caso devem os sentimentos de generosidade ceder aos da própria conservação.

— Seja — disseram os três.

Neste ponto os sons dos tambores e cornetas fizeram-se ouvir em roda da praça, anunciando as nove horas. Os soldados das outras mesas levantaram-se, a fim de obedecerem ao toque de recolher. Alguns fizeram notar, com expressões pouco convenientes, o seu desgosto por serem assim interrompidos nas suas libações básicas. Lopes aproveitou-se deste descontentamento; e dirigindo-se a eles: Camaradas — disse — está nas vossas mãos o não serdes mais vezes incomodados nas vossas distrações.

— Como? — perguntaram alguns.

Lopes levou o dedo à boca com ar misterioso, e disse-lhes: — No quartel falaremos. Voltando-se depois para os três companheiros, convidou-os a retirarem-se.

— Eu fico esta noite fora — disse Carvalho — tenho licença.

— Também eu a obtive para dormir sempre fora do quartel; mas esta noite convém-me ali ficar para conversar com os nossos amigos.

— Pois eu preciso ficar fora, e aproveito o ensejo para falar com o impedido do comandante.

— Então, adeus.

E os três amigos separaram-se de Carvalho, o qual pouco depois deixou também a taverna.

X

INOCÊNCIA, AMOR E CIÚME

Esta noite, em cujo princípio se tramou a conspiração, que nos deu matéria para o capítulo antecedente, era a mesma em que Luiza — segundo a sua promessa — devia conduzir João a essa contemplação muda, que o escravo aguardava, como a realização de uma sonhada ventura.

Já tinham dado onze horas; e contudo Maria — bem contra os seus antigos hábitos — ainda estava levantada. A noite era calmosa a ponto de tornar insuportável o leito; e por isso ela — que já havia procurado conciliar o sono — resolvera levantar-se, porque se sentia abafar entre os lençóis. Sentou-se à janela, e espriando os olhos pelo vasto campo, buscou respirar o ambiente que se lhe dificultava no interior do quarto. A mudez da noite, o silêncio da natureza, fizeram rolar em seu cérebro melancólicas ideias: lembrou-se de seu pai que estava em Guiné; Guiné cujo clima insalubre tantas vítimas conta! E seus cuidados eram tanto mais fortes, quanto que ela sabia seu pai entre dois perigos — o da guerra e da doença — qual deles era mais temível, não o podia ela julgar!

— Oh! — exclamou — se eu pudesse tornar-me em ave da noite, como transporia veloz a extensão que nos separa! Como — em vez de suspiro que lhe mando, e que vai perder-se na imensidade, sem que mesmo ele o suspeite — eu fora pedir-lhe a bênção, e colher em sua boca um sorriso e um beijo! Quando te verei eu, ó meu pai!

E a saudade — que no peito de Maria encontrava uma desvelada cultura — mais se fortaleceu naquele instante com a rega copiosa das lágrimas, que derivaram dos olhos da jovem africana.

O bulir de seus lábios veio indicar que uma reza seráfica, uma oração fervente, levava ao céu as preces de um anjo. Depois, como se a oração lhe tivesse serenado o peito tribulado pela ausência de seu pai, ela foi sentar-se a uma mesa, e abrindo uma linda secretária de jacarandá, sacou dali um caderno, cujas folhas voltou sucessivamente, até deparar com a primeira em branco.

Se possuíssemos os óculos maravilhosos que o diabo forneceu ao barão de Luizzi — a fim de que este pudesse ler as memórias da infeliz esposa do capitão Félix — daríamos conta ao leitor do que continham essas folhas escritas, as quais ela volveu com uma rapidez, que impossível nos fora decifrar a menor palavra. Na falta pois dessa diabólica vista, contentar-nos-emos em devassar somente o que ela vai escrever com destino a seu pai.

«Perdoa, ó meu pai! se deixei passar tantos dias sem te escrever. Não atribuas esta minha falta a um olvido que tu não mereces — não a julgues filha de quebra no affecto que te consagro — não a tomes, eu te peço — por um indício de que meu pensamento se ocupe — quando estou só — de outro objecto, que não sejas tu!

«Acredita, ó meu pai, que tu e minha mãe são os entes únicos que preenchem meu coração. Não há dia em que teu nome não venha deleitar nossas bocas; e quantas vezes o pranto que escurece meus olhos, vai desprender as lágrimas que minha mãe buscava segurar, para com elas não pungir tua filha!

«Deixei de escrever-te, porque a minha alma sofria — não do inocente pesar que lhe move a tua ausência — mas sim por um desgosto que eu não devera experimentar.

«Hoje, ó meu pai! eu mesma me admiro, como num coração sobre o teu modelado, pôde entrar uma sensação de cólera, como pôde nutrir um sentimento de rancor, gerado pela soberba!...

«E eu temi de confessar-te esta culpa; não porque duvidasse da tua indulgência, mas pelo receio de ir promover-te mais um pesar. Reflectindo porém melhor, conheço hoje, que fora agravar a culpa o encobri-la por mais tempo àquele a quem devo o ser; e por isso eu vou contar-te a causa do meu desgosto».

Maria relata a seu pai todo o acontecido com Lopes; e neste ponto sua mão escreve veloz, como que desejando livrar-se, o mais breve possível, de um mister penoso. Depois ela continua:

«Conheço hoje que fiz mal. Eu devia conter-me; e em vez de dar expansão à minha ira, contentar-me em mandar um olhar de desprezo ao impudente, que me ultrajava de uma maneira tão torpe.

«Mas que quereis? Ele falava-me dessa paixão, a qual eu ainda bem não compreendo, com quanto me lembre de tuas palavras, respondendo à observação que te fiz, de que não acreditava que existisse sentimento com a força de suplantar o affecto filial. Recordo-me perfeitamente de que te vi sorrir; e as frases que então soltaste ficaram — assim como acontece a todos os teus conselhos — impressas na minha memória: para prova do que consente que as reproduza aqui.

«Maria — me disseste — o amor é uma necessidade da vida: ele faz as delícias da existência, quando a alma recebendo-o pouco a pouco, pode firmar-se sobre as virtudes do ente que no-lo inspira: santificado depois pelo altar, ele promove o deleitoso viver que disfrutamos, eu e tua mãe. Quando porém ele se apresenta frenético, fogoso e deslumbrante, falando à sensualidade e não ao coração; quando ele nasce de pensamentos impuros e arrasta a vítima inocente ao crime — a que muitas vezes se deixa conduzir pela ignorância em que a conserva um falso princípio de educação — então esse amor criminoso é a origem de imensos males, faz sofrer mil torturas o coração daquela que lhe não soube ser superior — torturas pungentes, às quais só a morte pode pôr termo.

«Fácil te será acreditar, ó meu pai! que certa de teus conselhos, eu classifiquei as palavras de Lopes como filhas do amor criminoso, que tu me descreveste com tão feias cores; e pensando — injustamente talvez — que ele não se animara a fazer-me uma declaração tão prematura, se não supusesse que o ser branco lhe dava sobre a mulata uma superioridade indisputável, eu não pude conter as palavras amargas que me ministrou o orgulho ofendido.

«Não querendo afligir minha mãe, nada lhe contei. O miserável tem aqui voltado; porém eu só lhe apareço, quando não posso evitá-lo sem que o perceba aquela que me deu o ser».

Maria cessou de escrever; correu com a vista as expressões que traçara; e, como mais sossegada de espírito, escondeu o caderno — que era uma espécie de registo, onde lançava as cartas com destino a seu pai — depois agitou com força a campainha. Luiza obedeceu ao metálico som que a chamava: entrou; e — em quanto tratava de dar à luz aquela melancolia que tanto convida ao repouso — Maria, despindo o roupão, subiu ao leito para de todo se entregar às delícias de um sono ameno.

Segundo o costume, Luiza sentou-se em um pequeno degrau aos pés da cama, para aí esperar que sua senhora dormisse. As

ideias que então se desenvolveram na cabeça da escrava participavam da tristeza da sua alma. Ela ia em poucos momentos cometer uma falta bem grave; comprometer o decoro de sua senhora; concorrer para que João devorasse com os olhos os encantos da virgem, que negligente se deixava vencer pelo sono, sem que de nada suspeitasse. Mas o suplício doloroso que ela própria ia experimentar, não seria demasiado castigo? não lhe valeria a expiação da culpa? E depois não estava ela aí para evitar, prevenir qualquer tentativa do escravo que de alguma forma pudesse profanar a inocência de Maria? Tais reflexões que rápidas lhe borbulharam na mente, sossegaram-na um pouco, e o remorso — que esteve quase a subjugar-lhe o coração — fugiu para longe do seu pensar. E Luiza levantou os olhos sobre Maria: viu-a tão bela, considerou-a tão formosa, que esteve a ponto de arrepender-se da promessa que fizera; por quanto, ela tentava a cura de João, e não seria agravar-lhe o padecimento, deixá-lo enlevar-se na sublime contemplação de encantos próprios a duplicar-lhe os desejos, a irritar-lhe o amor, a exacerbar-lhe a paixão? E que aconteceria quando a reacção se fizesse sentir no peito do escravo? Ela não o podia prever. Mas já não era tempo de recuar. Levantou-se, aproximou o ouvido da boca de sua ama — escutou: — o sossego da respiração de Maria foi convencê-la de que esta já tinha cedido ao sono.

Deu dois passos para a porta; parou, como se a suspendesse a desconfiança do seu ânimo — ou antes a voz da sua consciência; — mas a irresolução foi momentânea, e após um gesto determinado, corre à porta que faz girar sobre os quícios, e por três vezes bate as mãos uma de encontro à outra.

João ansioso aguardava este sinal; não se fez por tanto esperar. Ao transpor a porta ele quis apoderar-se da mão de Luiza, para beijar-lha com o mais vivo reconhecimento. Luiza porém recuou dizendo: Não... não, faltar-me-iam as forças. Depois apontou para o leito de Maria, e foi encostar-se à cômoda, com o rosto nas mãos, olhando para um espelho, graças ao qual ela podia, sem voltar-se, observar tudo quanto ia ocorrer.

João ficou imóvel; temia avançar. O coração batia-lhe a ponto de se aperceberem externamente as pulsações, tanto mais que ele tinha a camisa aberta no peito, como para deixar aí penetrar o ar, que nessa noite mal se fazia sentir. Os joelhos tremiam-lhe, e sua mão convulsiva correu a testa para enxugar o suor que dali se destilava em frias e abundantes bagas.

E Luiza notava a hesitação do escravo; observava-lhe as feições que tomavam alternadamente a expressão do prazer, do receio e do desejo — do desejo, cuja veemência tanto se traía no chamejar de seus olhos. E quanto ela sofria não o diremos nós, que não cabe tanto em nossas forças. Imagine-o quem estiver afeito ao padecer de amor; avalie-o quem tiver presenciado carinhos — que muito para si os quera — dispensados a um feliz rival!... Luiza não chorava, porque as feições de João — reflectidas pelo espelho, de sobre o qual ela não tirava os olhos — obrigavam as lágrimas a subirem-lhe ao cérebro, onde, tornando-se de fel, transmitiam a seus pensamentos o amargor que possuíam.

Era um magnífico, quanto melancólico quadro, o que ofereciam estas três personalidades, ao qual dava em parte um lúgubre aspecto a débil luz do candeeiro, coada pelo verde transparente!

De um lado João, que podia tomar-se pelo amor arrebatado na essência, mas tímido em pronunciar-se; João, que permanecia indeciso, sem se atrever a chegar-se para onde seu coração o chamava.

De outro lado Luiza, personificando o ciúme pungente, acerbo e tenaz; não daquele que, nascido do orgulho, não sabe esconder-se, sofrer e calar; não daquele que só medita vingança em vez de produzir sensações generosas que levem a vítima resignada a buscar — assim como Luiza — os meios de serenar a tempestade na alma que não quer ser nossa; mas sim o ciúme — qual o sente o verdadeiro amor — que encontra refrigério nas lágrimas, que se suaviza com o pensamento de que é feliz o ente que nos foge.

Por último sobre o leito — ignorando as paixões que a seu lado se debatiam — Maria, simbolizando a inocência, a inocência que exprime a candura dos sentimentos, e não a ingenuidade estúpida, com quem o crime tantas vezes se diverte. Maria, cujo repouso era talvez embalado pelos bons génios que presidem ao sono dos anjos.

Luiza viu no espelho a figura de João mover-se nas pontas dos pés, chegar-se à extremidade do leito, ao qual ele se segurou para resistir à comoção que o fazia vacilar; depois, como se o respirar de Maria vibrando em seus ouvidos, qual terno suspiro de aragem em serena noite de estio, fizesse reviver o ânimo que lhe falecia, ele deu dois passos, que o colocaram em frente da senhora.

Luiza, observando João tão próximo de Maria, sentiu uma dor aguda atravessar-lhe o coração; e não podendo ser superior por

mais tempo ao ciúme que lhe despedaçava o peito, deixou cair os braços sobre a cómoda, e descansou a testa em fogo sobre as mãos ainda mais frias que a pedra onde pousavam.

E João aproximara-se do leito da virgem; e tanto, que podia aspirar o hálito dela... notar-lhe o sereno arfar do seio. Ela deitada, não completamente sobre o lado direito, conservava a dextra debaixo da face. Seu braço esquerdo, ao sair do abrigo do lençol, empuxava este de modo a deixar patente a extremidade superior do peito. Um de seus pequeninos pés havia repellido a cobertura, e colocara-se de maneira, que parecia querer espreitar as ocorrências, através da meia, que era tão fina que em nada lhe alterava o esmero da forma. Os olhos, não completamente fechados, reflectiam — por entre a pequena abertura que se lhes devisava — um fulgor de lapidado diamante preto. Finalmente a seus lábios prendia-se interessante sorriso, que brincava sem dúvida com um fagueiro sonho de virgem.

Tudo quanto a graça tem de mais suave — tudo quanto a inocência possui de mais divino — e a candura de mais docemente luminoso, apresentava-se aos olhos de João com toda a poesia, que a imobilidade do repouso ministra ao rosto da mulher! E, ele contemplava tudo isso! Abrasava-se no vulcão que acendiam em seu peito tão mágicos atractivos! Via a viçosa saudade descansando por entre lírios de candura — sem que pudesse colhê-la — sem que mesmo ousasse afastar esses lírios, para correr os olhos — se não os lábios — por sobre a linda flor, que se lhe mostrava como desabrochando ao sopro infantil da primavera!

O que ele então sentiu, compreendê-lo-eis vós, ó leitor, se acaso o vosso génio é mais imaginário que positivo — se o vosso amor é de natureza a bastar-lhe — considerando isso um supremo gozo — os sonhos deleitáveis fecundados pela esperança que se sustenta, fortalece e idealiza com risos, olhares e meneios que respondam ternura aos vossos pensamentos de amor.

Mas se não possuis a imaginação de poeta — que se cria ideais de ventura — que fertiliza o pensamento, e se cerca de génios, silfos e espíritos, os quais lhe trazem a jovem que idolatra, a fim de que seus lábios possam roçar-lhe as faces. Se pertenceis à classe daqueles que só vêm nas lides de amor o prazer material — a realização de desejos, não purificados por essas contrariedades que de mais em mais exacerbam, exaltam e nobilitam o affecto. — Se finalmente os vossos pensamentos de amor têm por móvel a sensualidade mais

que a honra, mais que o sentimento puro que deveis à que vos entrega ingénua um coração sem mancha; — se vós sois destes — o que nós não cremos — então a nossa pena — por melhor aparada que fosse — não poderia fazer-vos acreditar no puro, magnífico deleite que João experimentou nesses curtos instantes! Porque no escravo não havia uma ideia impura, um pensamento que não participasse da adoração sublime que dedicava àquela que jamais podia ser dele. Dera-lhe um beijo — ordenasse-lhe depois que morresse para sossego dela — vê-lo-eis gostoso dar fim à existência repetindo com Bocage:

Adoro, beijo a mão que me fulmina.

.....
João insensivelmente inclinara a cabeça sobre a mão de Maria — e... ó sacrilégio! seus beijos em fogo tocaram aquela mão que ele desejara mil vezes comprimir em seu peito! Seus lábios juntaram-se mansamente, mas, ao desunirem-se, produziram um som que fez voltar Luiza. Esta sentiu-se desfalecer ao certificar-se de que fora aquele som a suavíssima vibração de um beijo! E quando ela viu succederem-se a este um segundo, um terceiro, tentou, para não cair, segurar-se à cómoda; mas a pedra — humedecida pelas lágrimas que profusamente ela aí derramara — deixou resvalar a mão, que lhe pedia amparo, e a infeliz caiu no sobrado, o qual estremeceu produzindo um som forte que retumbou pelo vácuo do edificio. João voltou o rosto, sem contudo se resolver a abandonar a mão de Maria.

Que espectáculo se oferece à sua vista! Luiza, a sua confidente, a sua amiga, estorcendo-se em horrível convulsão! Tratou de ir socorrê-la — mas antes disso quis dar um último beijo sobre a mão que segurava. Mas — ó desgraça! — Maria tinha acordado, e João viu-a estupefacta — os olhos hirtos — como querendo certificar-se se, ainda dormindo, não era presa de um extravagante sonho.

XI

BANIDO!

Como dissemos — Maria ficara estupefacta; — não podia explicar-se o que se passava em torno dela. Diante de si elevava-se como um espectro — a que o medo dava formas gigantescas — a figura do escravo, imóvel como uma aparição — sombrio como o desgosto — gélido como a morte! Ela sentia uma mão fria segurar a sua, que ardia nos sítios onde os lábios de João haviam tocado; — uma espécie de entorpecimento colava-a ao leito, do qual embalde tentava levantar-se — tal era o pavor que lhe infundia esta cena, à qual, a tenuidade da luz, a hora avançada da noite, e mais ainda os gemidos que a espaços chegavam a seus ouvidos, e que partiam de Luiza — revestiam de um fantástico, que faria tremer o mais animoso!

Ela fechou os olhos — soltou a mão que João lhe segurava, e avançou para a frente, como se pretendesse afastar de si a terrível visão, que contrastava tanto com os lisonjeiros sonhos a que fora arrancada.

João ao sentir separar-se da sua mão a de Maria, compreendeu a dificuldade da posição em que o colocara o seu desmesurado amor. Ao observar Maria acordada, ele ficara sem força, sem acção, e unicamente seguro pela atracção que o olhar da senhora sobre ele exercia, preso por essa mão, que era para ele o mesmo que o tesouro é para o avaro. Vendo-se desamparado dessas duas forças — únicas que o sustentavam — caiu sobre os joelhos — tapou os olhos com as mãos confrangidas — e bradou, traíndo na voz tudo quanto o desgosto tem de mais aflitivo e pungente:

— Perdão! Perdão!

Este grito de perdão, pronunciado de uma maneira tal, arrancou Luiza do estado de torpor que sucedera ao seu acesso de nervoso. Ela correu para João; mas o olhar severo de Maria — a qual tendo recobrado todo o império sobre si mesma, se sentara sobre o leito — fê-la recuar, e dirigir confusa os olhos para o chão.

— Que significa tudo isto, Luiza?

Esta pergunta tão simples e natural não achou contudo resposta pronta. Que responderá Luiza? Contar a verdade? isso não faria ela por caso nenhum deste mundo: inventar uma mentira? fora essa uma baixeza bem imprópria ao seu carácter. E contudo a necessidade de responder era tanto mais evidente, quanto que ela bem avaliava o muito que o seu silêncio iria comprometer João. Que fazer pois? Como salvar o infeliz que de joelhos aguardava, com uma triste resignação, a sentença terrível que ia sem dúvida ser pronunciada por Maria?

As ocasiões desesperadas são como as pedras de ensaio, aonde se dão a conhecer os quilates das grandes almas: Luiza — que a possuía de um toque superior a toda a expressão — não hesitou em abraçar o único meio que se lhe apresentava para afastar a procela que ia prestes estalar sobre a cabeça do escravo. Resolveu, para salvá-lo, sacrificar-lhe uma reputação que até ali voz alguma tinha ousado manchar; — apresentar-se aos olhos de Maria como indigna, não só do bom conceito que sempre lhe merecera, senão que também da estima que soubera granjear-lhe.

Quando Maria com voz austera repetiu a pergunta, acrescentando: Então, não respondes? Luiza, sem levantar os olhos, disse:

— Perdoai, senhora; João veio aqui por minha causa, fui eu que lhe abri a porta; porque eu... eu amo-o.

João ao ouvir tais palavras levantou-se — não como um homem subjogado pela desgraça — não como o réu a quem intimida a perspectiva do cadafalso: — mas sim como aquele cujo ânimo sabe ser superior ao infortúnio — como o homem a quem a consciência de que faz o que deve, dá a necessária força para expressar aquilo mesmo que mais o pode condenar. O escravo, pois, com voz firme, forte e clara pronunciou estas palavras, que de antemão previa como próprias a precipitar-lhe o anátema dos lábios de Maria; — mas nas quais devia encontrar o deleite que produz sempre a confissão de amor, feita àquela que no-lo merece.

— Luiza, agradeço-te o queres desculpar-me, tomando sobre ti a responsabilidade do audacioso passo a que me arrastou a pai-

xão que me atassalha; mas eu não posso... oh! não... eu não devo consentir que tu sacrifiques por minha causa o mais precioso de uma mulher. Vistes-me, senhora, ajoelhado ante vós, ouvistes-me bradar, pedir um perdão, que estou longe de merecer: este brado, a posição humilhante que conservei em frente de vós, deve provar-vos que eu sou muito mais criminoso do que vos fariam crer as palavras de Luiza. Fui eu, senhora, que por meio de uma mentira verosímil a dispus a abrir-me a porta; fui eu que depois de entrar no vosso quarto suspendi o grito que ia escapar-se-lhe, empregando para isso a violência, o que lhe promoveu o nervoso ataque em que há pouco se debateu.

Neste ponto a energia do escravo chegara ao seu fim: ele apresentava o seu crime revestido das circunstâncias mais agravantes; mostrava-se aos olhos de Maria como um ente só digno de desprezo. Saber-se desconceituado no peito daquela que se adora é o maior suplício nos padecimentos de amor; e por isso João — vexado pelo que havia dito — abaixou a cabeça, como para esconder o pejo que lhe requeimava as faces, e foi recalcar mais esse desgosto no coração que já tanto sofria.

E ele considerou-se tão superiormente infeliz, que desesperou do lenitivo; e arrojado como o é sempre o homem sem esperança, foi dar a seus lábios o deleite que lhes havia prometido, dizendo:

— E tudo isto foi para inebriar-me na contemplação de vossos encantos; devorar com os olhos perfeições a que o sono redobrava a poesia — perfeições em tudo semelhantes aos predicados da vossa alma — perfeições que eu conservo constantemente ante meus olhos, porque eu, senhora... oh! eu amo-vos muito!...

João ia desfalecer, porém Luiza estava já ao pé dele; e, amparando-o, disse para Maria:

— Não o acrediteis, senhora; o receio de experimentar a vossa cólera, o respeito que vos deve, fá-lo delirar a ponto de julgar-se criminoso, quando realmente o não é: creia-me, senhora, sou eu unicamente a culpada; sou eu que o amo a ponto de não duvidar de sacrificar-me por ele; fui eu que para aqui o conduzi; fui eu que a despeito da consideração que se vos deve, instei com ele para que viesse onde o chamava o meu violento amor. E dirigindo-se a João acrescentou: Oh! diz, meu amigo, não é verdade que a mim só é que tu amas? Diz, não foi por meu respeito que te abalançaste a entrar neste quarto? Depois, de maneira a ser ouvida só dele, disse-

-lhe: Desgraçado, que te perdes! Mas Luiza não imaginava que João tivesse chegado ao ponto, em que um homem — sabendo-se perdido — não hesita em apressar o complemento da sua ruína: estava no caso daqueles jogadores que — havendo já perdido uma avultada soma de dinheiro que lhes não pertence — arriscam de uma só vez os únicos recursos que lhes restam, pondo o fito numa desforra, que raras vezes alcançam.

Luiza — para dar mais visos de verdade às suas palavras, que em parte não era, mais do que a expressão ingénua dos seus sentimentos — agarrara nas mãos do escravo, cobria-lhas de beijos, e olhava-o manifestando-lhe a mais simpática ternura; e convencida de que João não deixaria escapar o meio de salvação que ela lhe oferecia, esperava ansiosa que dos lábios deste partisse a frase que ela tanto anelava ouvir-lhe; esse «eu te amo» que — apesar das circunstâncias — fora para ela uma compensação ao seu muito padecer. João, porém, desfez-lhe breve esses assomos de prazer. Ele admirara a abnegação de Luiza; mas por isso mesmo entendia que fora uma indignidade o deixar vergar aquela alma generosa sob o peso de injustas suposições; demais, querendo fazer compreender a Maria toda a dedicação que ele lhe tributava — não pensando no castigo atroz que, na sua posição de escravo, tal arrojo lhe podia promover — levantou a cabeça, à qual o preto do semblante, tornado sem brilho pelo excesso do desgosto, em nada lhe diminuía a majestade, e pronunciou desassombrado estas palavras:

— Para que hei-de eu enganar a senhora da minha vida? Para que encobrir por mais tempo um sentimento que faz simultaneamente o deleite e dissabor do meu viver? A confissão, senhora, que vou fazer-vos, é de um arrojo, de uma temeridade, que deve valer ao cativo o mais horrível dos suplícios! Porém, por maiores que sejam as torturas que imaginardes; por mais dolorosos que vos pareçam os tormentos por que houverdes de fazer passar o escravo, acreditai que esses tormentos parecer-me-ão bem suaves comparativamente ao padecer que até hoje tem atormentado meu peito! Porque eu amo-vos, senhora! amo-vos com todo o fogo da paixão; adoro-vos como o idólatra o seu ídolo, como o maometano o Alcorão, como o puritano a santa Bíblia, como Jacob a Rachel, como a imaculada Virgem, cujo Nome possuis, ama a Cristo, seu filho!... Amo-vos com todo o entusiasmo da minha alma, com toda a força do meu sentir, com todo o poder da minha vontade! Este amor apossa-se dos meus sonhos, assenhoreia-se do meu pensar, domina

finalmente todas as sensações da minha vida! Oh! sabei que na terra, por vossos pés calcada, eu escrevo mil vezes vosso nome; lá em baixo, o escondido limoeiro, vê-lo-eis mais copado, viçoso e belo depois que seu tronco se pavoneia com o vosso nome, que ali gravei; de noite eu me sirvo das estrelas para compor com elas cintilantes letras, que sobre o azul da celeste abóbada, me deixam ler o vosso nome; finalmente, o mangericão, de pequeninas folhas — o mangericão que vegeta do lado oposto aos vossos canteiros — eu o aparei e cortei de maneira a poder soletrar-se o nome de Maria!... E estes têm sido os meus únicos instantes de prazer; porque nesses momentos eu posso transportar-me a esses ideais todos de amor, dos quais sois vós a rainha!... Mas quando a reflexão me arremessa para o positivo acerbo, para a realidade pungente, que se me descerra cercada de espinheiros bravios, de lúgubres chorões, que me não mostra regato límpido que mitigar possa o ardor da minha alma, onde não vejo oásis que dêem a meu peito a esperança, cuja falta o tem constantemente atribulado, oh! então, senhora, eu perco-me num labirinto de sinistras ideias, procuro banir do coração um amor sem esperança; e reconhecendo a impossibilidade de encontrar sossego para a minha alma, volvo a afogar-me no tempestuoso pego de minhas angústias!... Hoje conduzido por... pelo delírio — pelo instinto que para vós me chama — eu pude gozar do único prazer real que neste mundo me fora permitido. Oh! eu pude embebecer-me na sublime contemplação de vossos encantos! Meu Deus! meu Deus! quanto sois bom! demorastes seu sono de maneira a deixar-me repousar a boca sobre a mão que vai fulminar-me! E contudo, meus olhos, minhas acções, e meus pensamentos não ousaram poluir perfeições, que jamais poderão ser minhas! Eia, senhora, tendes ouvido a confissão de um crime que vós não podeis deixar impune — a vossos pés está o delinquente — feri, senhora: dai-me a morte que mereço; dai-me a morte, que eu aceito com reconhecimento; dai-me a morte, que considero preferível ao meu viver; dai-ma, mas por piedade! seja a vossa mão que me fira; matai-me vós mesma para que eu morra dizendo-vos quanto vos amo; para que possa acabar conservando vosso nome sobre meus beijos!...

A voz do escravo — segura de princípio — tomara neste ponto uma inflexão pela qual fácil fora avaliar da insofrível paixão que o dominava; e as lágrimas que banhavam suas faces — quando de joelhos pedia a morte a Maria — ministravam à sua fisionomia um

patético tão insinuante, que fora preciso não ter alma para deixar de sensibilizar-se à vista de um tão profundo penar.

E Maria não se ofendeu por ouvir as apaixonadas expressões do escravo: ela compreendeu quanto amor era preciso, quanta dedicação e affecto, para que a reflexão se paralisasse no cérebro daquele que se abalançava temerário a uma confissão, que — nas circunstâncias do escravo — a razão devera tornar impossível. E naquela — que rachaçara a declaração de Lopes de modo tão desabrido, que ela mesma se arrependera depois — falecia o ânimo para fazer sentir ao escravo quanto havia de criminoso no atrevido passo a que se arrojava.

Depois de alguns segundos de um silêncio atterrador para o escravo, a bela mulata fechou as cortinas do leito, que só abriu quando pôde levantar-se completamente vestida.

Ela corre à cômoda — afastando o verde transparente faz reviver a luz — e firma em seguida o cotovelo sobre o mármore; reclinando depois a cabeça nas costas da mão esquerda, considerou por alguns momentos o rosto do escravo, que triste e abatido conservava os olhos pregados no chão. Depois fitou Luiza que se segurava a um dos balustres do leito — boquiaberta — os olhos pasmados — patenteando todos os sinais do idiotismo. E a penetração de Maria — ou antes, o instinto da mulher — leu no coração da escrava — porque disse consigo: Infeliz, ela ama-o tanto quanto ele me adora!

Aproximando-se então do escravo deu-lhe a mão para levantar-se; e sem que de sua boca de anjo soltasse uma censura — sem que mesmo sua voz manifestasse o acento do desprazer — ela lhe disse:

— João, és forro; dou-te a liberdade: sai desta casa, onde jamais buscarás entrar.

Quem não verá nas palavras de Maria mais um prémio, que um castigo? Quem? João, que ao ouvi-las caiu de joelhos exclamando:

— Piedade! Piedade!... De que me serve a vida longe de vós? Oh! dai-me a morte... eu vo-lo peço... Banido, meu Deus! Se a morte instantânea vos parece castigo muito leve, em relação à enormidade do meu delicto, ordenai a tortura física: dai ao menos ao escravo a consolação de presumir que seus queixumes serão ouvidos por aquela, cuja presença é o único bem, que até aqui lhe tem sustentado a vida! Já que é impossível pertencer-vos pelo amor, dei-

xai-me — como cativo — continuar a ser vosso. Não, eu não posso obedecer-vos! ficarei aqui a vosso pesar; e então a minha contumácia vos obrigará a ordenar o castigo que com tanta ânsia vos peço!...

— Insensato! — disse Maria apoderando-se de um tom severo, que prestes abandonou. — Não ficarás aqui, porque eu o não consinto; serás forro, porque eu o ordeno; viverás porque eu o quero; obedecer-me-às, em fim, porque o meio mais seguro de provar o amor, não é de certo rebelar-se contra os desejos de quem se ama.

João encarou Maria: por entre a expressão severa que assumira seu rosto percebia-se a comoção que ela debalde buscava esconder. Ele levou aos lábios a orla do roupão da senhora; depois — levantando-se resolutamente — arremessou-se à porta e desapareceu.

XII

INGRATO! — INFELIZ

A aurora já de carmesim orlava o firmamento, quando João desorientado saiu do quarto de Maria. Dirigiu-se para o lugar dos canteiros; sentou-se: toda a acção da sua vista exercia-se sobre seus pensamentos; pois que ele nada via além dos objectos que sua imaginação criava; e estes eram de natureza a mostrar-lhe todo o horror da sua posição desesperada! Ele não podia dar, com a existência, fim a seu padecer: as regiões desconhecidas para as quais desejava voar; essas regiões onde se nivelam o rei e o mendigo — onde o escravo ombreia com o senhor, se a virtude regulou as acções de ambos — fechara-lhas Maria com impenetrável muro de bronze! Ele tinha de obedecer à vontade daquela que idolatrava, e para isso era mister sustentar uma existência que se lhe tornara de insuportável peso!...

Olhou para os canteiros: Ah! — disse ele — o gosto indizível que eu experimentava todas as manhãs em que a via tratar dessas flores — verdadeiros retratos da sua alma — nunca mais me será concedido! Oh! nunca, nunca mais ouvirei os suaves acentos da sua voz, harmonia deliciosa que fazia dilatar meu peito, e que era para as úlceras de meu coração um bálsamo divino que lhes mitigava as dores!

E ele volveu os olhos em redor de si, como para procurar um objecto que simpatizasse com a sua mágoa — algum desgraçado que enviasse um queixume esposar os seus gemidos! Mas o espectáculo que se oferecia à sua vista era o contraposto de quanto se passava em sua alma! Tudo lhe sorria — tudo se lhe mostrava alegre, como

o dia que despontava, sem que a mais leve nuvem lhe interrompesse o brilho! Alegres as árvores, cujas folhas, deixando-se abraçar pela viração, manifestavam nos aprazíveis sons que desprendiam, quanto lhes eram gratos os bafejos da aragem; — alegres as plantas, em cujas recortadas folhas se reflectia o sol, tornando fulgentes as lágrimas de orvalho derramadas durante a ausência dele; — alegres as borboletas que, cruzando-se em sentidos diversos, buscavam as flores predilectas, as quais se balouçavam sorrindo ao receberem aqueles tão ternos, quanto volúveis carinhos; — alegre a abelha, beijando com visível meiguice a púdica rosa, que — nem por isso se prestava menos que suas louças companheiras a permutar o mel de seus lábios pelos terníssimos beijos que a tornavam ainda mais rubra; — alegres as *passarinhas*, que buscando-se mutuamente, uniam os alaranjados bicos, transmitindo-se assim ternos eflúvios de amor; — finalmente folgaríeis vós, ó leitor, ouvindo a deliciosa harmonia, que produzia ali o gorjeio de alegres avesinhas, acompanhando o mavioso cantar do rouxinol; — encantar-vos-ia ver linda mariposa azul, de cujas asas se destacavam croceos salpicos, prodigalizar seus mimos a uma elegante perpétua roxa, que a disseréis mimosa saudade, tal era o aveludado de suas miudinhas folhas, o garbo da sua haste, o donaire com que sobressaía a suas companheiras, quando oscilava ao receber o embate da viração!

Ao notar o contento da natureza, a sublime poesia que o cercava; ao ver que tudo em roda dele respirava ternura, prazer e amor, o escravo não pôde reprimir agudo suspiro, acompanhado de uma exclamação que podia tomar-se por um grito de inveja. Ai de mim! — disse ele — tudo goza — tudo se deleita — tudo encontra mais ou menos quem lhe dedique um sentimento de affecto — quem dulcifique as sensações do seu peito! Mas eu!... ver-me-ei sempre só, só entregue à minha dor!!...

— Ingrato, que deslembreste Luiza! aquela que por ti se sacrificou, aquela que só cuida em minorar teu padecer!

João voltou o rosto, e deparando com Luiza — que o observava havia instantes — exclamou:

— Tu! Tu minorar meu padecer? oh, maldição sobre ti, que desfizeste a ilusão que tantas vezes adoçou a minha existência! Maldição sobre ti, que me engodaste com a perspectiva da ventura, para que mais facilmente me despenhasse no abismo da dor! Se tu não fosses, ainda hoje a veria — ainda hoje me seria dado beijar os sítios que suas mãos houvessem tocado — se tu não fosses, eu não

me abalancara a dar esse passo temerário, que aniquilou para sempre os meus sonhos de prazer. Oh! maldição, maldição sobre ti!

Para responder às injustas recriminações do escravo, Luiza não teve força. As palavras de João eram bem próprias para fazer estalar de desgosto o coração de uma amiga, quanto mais o daquela que lhe votava um affecto tão puro como um pensamento de virgem! Mas ele também sofria muito: aquelas palavras eram a expansão do desespero, que — assim como a pólvora comprimida, na qual a mais leve faísca desenvolve a explosão — se incendiara ao ouvir a sentida repreensão de Luiza: era a desesperança reagindo sobre tudo quanto a imaginação pode criar de lisonjeiro.

— Ó meu Deus! — disse a escrava elevando os olhos para o Céu — ele não vê as minhas lágrimas, não compreende quanto eu o amo! não avalia quanta ternura lhe reserva o meu coração que ele retalha!

Desgraçada! como podia aquela alma obcecada pelo desgosto soletrar em tua fisionomia um amor, cujo segredo tens posto o maior empenho em guardar?

Era a voz da própria consciência que desculpava João aos olhos de Luiza; mas nem por isso era menor o sofrimento desta.

— Desculpa-me, João — disse-lhe ela comovida — eu também sou muito desgraçada!

— Não te creio: as mulheres jamais são infelizes; elas podem, sem receio de ser desprezadas, manifestar suas afeições a quem quer que seja. E quantas vezes vêem as escravas cair a seus pés os próprios senhores!

— Enganas-te, João; nós temos mais resignação — eis aí tudo. Amamos muitas vezes aquele que não pode ser nosso, porque em seu coração domina outra; — e por quanto esse homem — ainda que simpatizasse com o nosso affecto — só podia dispensar-nos um amor impuro, nós preferimos esconder-lhe a nossa estima, a desvirtuar-nos a nossos próprios olhos, alimentando um amor criminoso; e pedimos a Deus nos dê a resignação precisa, a fim de que possamos ser superiores a um sentimento que não haja de ser santificado; porque nutrir a esperança de alcançar no futuro a posse daquele que outra ocupa, fora esse um pensamento pecaminoso, nada menos que uma ideia homicida. Já vês, João, que nestas circunstâncias, as mulheres devem sofrer bastante; e por isso quantas noites de vigília não experimentam algumas! quantas noites um não interrompido pranto não vai impedir o cerrar de seus olhos!

A coitada falava de si: a sua voz, de princípio segura, perturbava-se tanto, que ela foi obrigada a parar. Pouco depois continuou:

— Em quanto ao sermos apetecidas por aquele a quem devemos ilimitada e cega obediência, bem longe de ser para nós um bem, é isso uma desgraça tanto maior, quanto é certo que — sendo raro o poder-lhe tributar o sentimento que de nós se reclama — vamos aceitar de outros impuros afagos, como compensação ao desprazer que nos motivam as carícias daquele a quem é forçoso obedecer. E sabes tu qual é o resultado dessa desmoralização, cujo veneno são algumas compelidas a beber, logo ao sorrir da juventude, e pela taça que lhe oferece seu senhor? A escrava que podia escolher um ente que fizesse a ventura da sua vida — ligar-se-lhe ante o altar — e neste enlace abençoado por Deus, bem-dizer o Criador, quando, animada pelo esposo, sentisse menos a triste condição em que nascera — agradecer ao Altíssimo, quando, nas horas de descanso, lhe fosse permitido passar das suas para as mãos do marido o tenrinho fruto dos seus amores; — dedicar uma afeição toda pura ao senhor, que consentira naquela tão doce união — que recompensara mesmo o bom serviço dos dois esposos, concedendo-lhes um dia em cada semana para adquirirem pelo seu trabalho meios de poderem pagar em algum tempo o valor de suas cabeças ou da de seus filhos; — a escrava — digo — que podia antever um futuro lisonjeiro; a escrava — desmoralizada de criança, entrega-se aos excessos de uma vida devassa; estraga a saúde, e finda prematuramente seus dias sobre uma miserável esteira — sem o consolo da religião — sem que um olhar de piedade segure o arrependimento em sua alma — sem que a mão de uma amiga venha cerrar-lhe as pálpebras! Ah não! a afeição exagerada de um senhor não faz a felicidade da escrava: — essa afeição caprichosa, tirânica e efémera, quase sempre encontra vítimas em lugar de amantes. Recorda a história da feiticeira; lembra-te do que experimentou a infeliz Júlia, e lastima a nossa sorte!

João — ao ouvir as últimas palavras de Luiza — levantou-se rápido como a cuidadosa mãe quando ouve chorar o filho — seus olhos dilataram-se procurando o Céu; e bradando: Minha mãe! minha mãe! eu te havia esquecido, ele correu ao muro que cerca a fazenda — saltou-o qual destro galgo — e desapareceu, deixando Luiza absorta, sem poder explicar-se a súbita fuga de João.

XIII

O ANTRO DA FEITICEIRA

Oh! quanto é insuportável neste país o ardor do sol, quando a prumo dardeja seus raios sobre a roxa terra, que escalda os pés de quem a pisa! Quem se animará a caminhar à hora do meio-dia por essas *achadas*, onde se não depara com um regato que mitigue o fogo que nos devora — que humedeça nossa língua impregnada do pó subtil que os pés levantam; onde se não encontra uma árvore, cuja sombra nos ofereça um aprazível abrigo; onde os olhos não acham um objecto grato em que se fixem, variedade que os distraia — ponto escuro, ao menos, que lhes minore a mortificação de um penoso deslumbramento!

E no dia 21 de Março de 1835, nem sequer a brisa — que tanto costuma soprar neste mês — vinha afagar a testa do infeliz, que a largos passos caminhava pela achada de São Pedro. Seu traje consistia numa larga calça de *ruço*, camisa branca, cujos colarinhos caíam sobre um lenço de seda preta — jaqueta de ganga azul, e calçado contra o costume habitual dos escravos e maior parte dos indígenas. Apesar do ardor do sol trazia a cabeça descoberta, e parecia haver perdido o chapéu, por quanto as mãos nada seguravam. Caminhava, como dissemos, apressado; e visíveis mostras de enfado dava seu rosto, quando os *vadios*, voltando do mercado — onde tinham ido vender as produções da sua cultura — o faziam parar com o sacramental *nhô passa*, cuja resposta é sempre um *comodado*, que podia dizer-se filho da preguiça, tão pausado costuma ele ser. Este cumprimento pouco demorara o caminhante, se não fosse acompanhado do indispensável toque de mão, que ambos

levam depois à frente dos beiços, tocando com a extremidade dos dedos a ponta do nariz; cerimonia que — conforme o maior ou menor grau de estima ou parentesco — se repete até três vezes.

Ora João — que este era o caminhante — tinha muitos conhecidos, por ser o bem parado, quando faltava aos rendeiros — no tempo próprio — o dinheiro para o pagamento das rendas, porque tanto a João como aos demais domésticos de Cláudio — com quanto escravos — nem por isso deixava seu senhor de arbitrar-lhes uma soldada. Nestas circunstâncias pois via-se forçado a parar muitas vezes, o que sobremodo o contrariava. Finalmente, como chegasse à Fonte Ana, parou para respirar o frescor que a vegetação aí desenvolve na atmosfera: porque na Fonte Ana — que fica encostada à Vila da Praia, pelo lado do Sul; e que, situada ao nível do mar, se estende até quase à vargem da Companhia — tinham alguns proprietários conseguido cultivar pequenas hortas, cujas regas tiravam de poços ali abertos, os quais naquele tempo abasteciam igualmente de água os habitantes da Vila; se bem que faltassem àquela água as qualidades de potável. De 1835 para cá tem crescido sensivelmente a cultura naquele ponto, onde hoje campeiam alterosos coqueiros, e vingam diversas árvores a par das laranjeiras, com quanto seja para estas ingrato aquele solo.

Após um descanso de alguns minutos, João seguiu seu caminho. O escravo — permita-se-nos que continuemos a dar-lhe este nome, porque, se bem que Maria o forrasse, nem por isso ele deixava de considerar-se cativo daquela a quem tanto amava — o escravo, pois, transpôs, a vargem chamada da Companhia, por ser ali que a do Grão Pará e Maranhão construíra armazéns, os quais já não existiam na época a que nos referimos. Impossível nos fora seguir os pensamentos de João, tão multiplicados e vacilantes eram eles: ora encurtava os passos para entregar-se à lembrança das peripécias da noite antecedente; ora os apressava de modo a tomarem a velocidade da carreira, quando reflectia no objecto que o chamava a estes lugares.

Ei-lo que sobe a ladeira que conduz ao caminho do Palmarejo, que leva à Lapa da coruja, e que confina com a estrada do pitoresco São Martinho; vivenda aprazível, de onde os jorros de água, despenhando-se de escarpadas rochas, formam cascatas naturais, que deleitam a vista, e aformoseiam o pensamento. Chegou ao fim da ladeira — cuja inclinação sensível, e pedra miúda, não macadamizada, torna sobremodo violenta aquela subida. Em vez de seguir

direito, João tomou à esquerda; e chegando à base do monte chamado Vermelho — em razão do rubro da sua terra, que jamais manifestou sinal algum de vegetação — o escravo parou, para expandir o peito ministrando-lhe o ar que reclamava. Pequeno, porém, foi o seu descanso; porque minutos depois ele começou a subir aquele morro, que se diz rico de minerais.

A ascensão do escravo foi bastante difícil, não só pelo inacessível do monte, mas ainda por ignorar o sítio de habitação que ia procurar, o que o obrigava a subir a montanha em espiral.

Em fim um ponto negro que devisou quase no cimo do monte, fê-lo criar ânimo, e em breve chegou a uma cova, onde supôs morar a feiticeira.

Já atravessasteis a serra de Sintra, para visitar o conventinho dos Capuchos? Já fostes alguma vez conhecer essas pequeninas celas, para entrar nas quais seríeis constringido a curvar-vos de modo a receardes cair? Se admirastes a Ermida, cujo tecto é formado de uma só pedra; aquela Ermida tão pequenina, quanto elegante na sua estrutura sem arte; aonde tudo convida ao recolhimento e à oração; onde nenhuma das galas e pompas mundanas vem distrair nossas ideias do pensamento religioso; que nos faz cair de joelhos sobre aquelas lajes frias, e adorar o Criador, não com vaidade, mas sim e unicamente com a devoção, amor e respeito que lhe devemos; se vos custou a acreditar que tão minguadas casinhas, formadas de cortiça, fossem por muitos anos habitadas por homens, havia de maravilhar-nos ainda muito mais a cova onde Santo Onofre viveu quinze anos, segundo o espelho ali gravado. Entrastes lá dentro? Oh! havíeis de sair com o coração contristado! Aquela cova, onde ninguém pode estar senão sentado ou deitado, deve ter sido espectadora de bastantes angústias! Quantas lágrimas no espaço de quinze anos não sofreu aquela terra! Quantas, que hoje acrediteis ver resumir na constante humidade daquele solo, e na água que filtram continuamente suas paredes! Pois sabeis que essa cova parecer-vos-ia uma habitação bem alegre, em comparação daquela a cuja entrada João se conservava indeciso, sobre se seria verdadeiramente uma habitação o antro que devisava. Para certificar-se, ele inclinou a cabeça para dentro, nada viu, porque a caverna, a uma certa distância, torcia à direita — escutou, nada ouviu — gritou, voz alguma lhe respondeu. Anima-se a descer; dá a custo três passos, mas o escuro era tal que teve de parar, a fim de habituar os olhos à escuridão. Em breve conheceu que não tinha

muito que andar para chegar ao fim deste princípio de mina, aberta talvez por algum naturalista, ou escravo fugido. João notou que, para continuar as suas investigações, precisava arrastar-se para assim transpor uma garganta que se lhe abria ao lado. Disposto a levar a cabo a sua empresa, não duvidou de atravessar de rojo aquela estreita guela, que felizmente não tinha de uma braça de extensão; feito o que, ele pôde sentar-se: levantou a mão direita, e a dois palmos da cabeça encontrou a rocha — volveu para o lado a extremidade do indicador, tocou a parede — alongou a esquerda, não pôde distanciá-la além de um palmo; para a frente foi preciso estender-se completamente, para encontrar o fim da caverna. Minutos depois seus olhos viram claro. Oh! mas antes não ver! Aquele antro era medonho! Aí não moravam os morcegos, os mochos, as corujas, nem as demais aves sinistras, lúgubres e agoureiras, que costumam habitar os lugares funestos; nada que significasse a vida; nada que fizesse persuadir, que de fora existia um mundo povoado. Aí não podiam nutrir-se ideias de ventura; a imaginação sucumbia ao lúgubre aspecto do nada; e aquelas paredes sepulcrais pareciam dizer ao ente que lá entrava: Infeliz, cuida na morte!

— Oh! não é possível — exclamou João — que este pavoroso lugar seja a habitação de uma mulher; e apressando-se em sair daquele antro horrível, espraçou-se-lhe a fisionomia ao receber os raios do sol. Percorreu todo o monte, mas não encontrou sinal algum de habitação; e ele subira, subira até chegar ao pináculo do morro. A natureza forte do escravo cedia ao cansaço — vacilaram-lhe os joelhos e ele sentou-se exclamando: Minha mãe! minha mãe! não me será dado saber onde estás? — e caiu numa sombria meditação. Ele reflectiu sobre se seria a feiticeira aquela cujo destino buscava saber, mas repeliu prestes tal suposição, porque não podia acreditar que em peito humano coubesse tanto padecer. Oh! já era muito o que Pimentel fizera experimentar à infeliz Júlia, para ser possível que a desgraça tanta, se reunisse ainda o martírio de uma existência, como a da que se dizia habitar aquele monte. E Maria? Oh! a imagem dessa vinha sempre apresentar-se por entre os pensamentos que João dava ao amor filial. Só a desgraçada Luiza era esquecida no turbilhão de ideias que referviam na mente do escravo! Mas três noites de completa insónia, era demasiado para uma organização enfraquecida pela dor; e por isso o sono não achou resistência nas pálpebras do escravo: e o bom anjo deste

mandou uma nuvem sombria antepor-se ao sol, ao passo que agradável aragem — produzida talvez pelo movimento de suas seráficas asas — vinha mitigar o ardor da testa de João; tornando assim mais ameno um repouso, que do contrário participava das tribulações daquela alma, que sangrava por mais de uma ferida.

Quando João acordou já o sol em declinação pouco distava do horizonte. O escravo esfregou os olhos e voltou-os em torno a si, como para certificar-se se tudo quanto por ele havia passado — nos dois últimos dias — não eram efeitos de um doloroso pesadelo. Encarou o oceano, que se estendia a seus pés, qual planície imensa, atapetada de azulado cetim; — a ilha do Maio a leste, mostrava-se-lhe como um sofá, cujos encostos eram formados por dois morros alvacentos, colocados um em cada extremidade; — ao sul a ilha do Fogo, ostentava-se orgulhosa pelo seu imensurável pico, que se empertiga como querendo alcantilar-se às nuvens, as quais umas vezes consegue beijar, e outras repele com vorazes chamas — que disséreis saídas das fráguas dos Ciclopes. Voltou-se, e deparou com o Pico d'Antónia, famoso gigante, que abre a disforme boca ao seu fronteiro rival, o qual se lhe vence em altura, cede-lhe no desmesurado das proporções: se subirdes lá cima um frio polar vos tolherá os membros; e se o observardes nos seus dias tristes, vê-lo-eis com a cabeça envolvida num crepe de cinzento fumo. Mas, se sois europeu, fugi dele; porque o luto que o vêdes trajar indica a aproximação do tempo em que ele cobra o tributo das vidas, que devem pagar-lhe os europeus residentes na ilha em que ele domina: e quem sabe se, nesse ano, será a vossa uma das vidas escolhidas?... Fugi, oh! fugi do Pico d'Antónia! vos dirá o povo da ilha de São Tiago; fugi — vos diremos nós — porque ele — o Pico — tem um cobrador inexorável, que não atenderá às vossas reclamações: pais decrepitos — filhos adolescentes — irmãos, parentes valetudinários, de quem sois o único amparo, a quem servis de esteio e arrimo, nada disso obstará a que se cumpra a sentença fatal; e sua mão implacável virá arrancar-vos aos braços da esposa, para fazer-vos entrar no tributo que deve levar a seu senhor. Esse cobrador terrível é a perniciosa febre endémica do país! Para o lado do norte oferecia-se a João a achada grande, onde campeia — para anunciar os navios que demandam a Vila da Praia — o monte Faxe — bojudo anão, que nada figurara, se a elevação da achada em que nasceu não lhe desse uma consideração que não fruía em outro local mais baixo.

— Foi deslizando a vista, e fitou a ponta das Bicudas, a qual visa a da Temerosa; — aquela altiva e soberba, desafiando as vagas, que se esmigalham por entre as sinuosidades de sua rocha viva; — esta tímida como seu nome, abaixando-se toda, para não sofrer o embate das ondas, que por isso se divertem a saltar-lhe por cima. E depois os olhos de João caíram sobre o ponto escuro, que marcava o antro da feiticeira: suas ideias distraídas pela majestade do que a vista acabava de observar, reassumiram a melancolia que lhes era habitual.

Esperaria ele a feiticeira? E porque não? Descer a montanha, ir para outro local, de que lhe servira? Chorar aqui ou acolá, era sempre chorar. Fora-lhe fechada a casa de Maria, que lhe importava por tanto o resto do universo? E demais ele simpatizava com o monte em que estava; porque lá nenhum bulício, nenhum rumor ia ferir seus ouvidos — ninguém ia escarnecer da sua dor — ninguém ia insultar a sua mágoa com o riso da alegria!

Foi sentar-se à boca do antro, a fim de que a feiticeira não entrasse sem que ele a pressentisse.

XIV

A MÃE E O FILHO

Bem adiantada ia a noite, quando João sentiu um leve rumor, como de pessoa que mal ousava tocar o terreno: pouco depois, um vulto chegou a pouca distância da cova. João levantou-se e mandou estas palavras aos ouvidos da recém-chegada: Boa velha, recolhes hoje bem tarde!

— E tu — quem quer que sejas — disse a velha com voz áspera — como ousaste permanecer num sítio, onde, além da feiticeira, ninguém se anima a demorar-se?

— Precisava falar-vos — tornou João — careço de vós; estou aqui desde a manhã.

— Oh! deve ser bem forte o motivo que te conduz, para te não cansares de esperar-me até uma hora tão adiantada da noite!

— Nada menos que pedir-vos notícias de minha mãe.

— Tua mãe! conheço-a eu por ventura? E quando a conhecesse, acredito que me ocuparia a espiar-lhe os passos?

— É tão vossa conhecida que até lhe sabeis a história. Eu sou o desgraçado filho da infeliz Júlia!

— Tu!... tu o filho de Júlia!... E a feiticeira interrompeu-se como para considerar na possibilidade do que ouvira. Desgraçado — continuou ela com voz despedaçada — se o que disseste é um engano, urdido para fins que eu desconheço, toda a cólera do inferno deve cair sobre ti! Se — depois de me fazeres nutrir a esperança de uma ventura, única que podia compensar vinte anos de não interrompido pesar — vieres lançar meu peito nas trevas em

que até aqui tem permanecido, o teu crime será de natureza a chamar sobre ti quanto de mais doloroso pode haver no remorso! É Júlia que te escuta; fala pois.

— Minha mãe! minha mãe! não vos engano, eu sou vosso filho, eis a cicatriz, que no meu seio imprimiu o punhal do vosso algoz.

E João abraçava os joelhos de Júlia; pegara-lhe na mão para que ela verificasse em seu peito a cicatriz em que falara. E as sombras da noite não permitiam que eles fossem descobrir nas feições um do outro as agradáveis comoções que devia produzir-lhes o patético desta cena!

— Oh! — diz Júlia, manifestando na voz toda a ternura, todo o suave contento, que lhe ministrava a ideia de ser seu filho aquele que tinha entre seus braços — tu és o meu filho; é meu filho que eu uno a meu peito! E nem um relâmpago sequer — claridade alguma vem — ainda que fosse por momentos — dar-me a ventura de ver teu semblante!... Filho de Luís! deixa, oh deixa que eu empregue sobre teu rosto milhões de affectuosíssimos beijos!

E Júlia estreitava João de encontro ao seio, com um frenesim, com um furor, com entusiasmo quase selvagem. Ora lhe corria a mão descarnada por sobre o rosto, como querendo pelo tacto descobrir nele as feições de Luís, ora depunha um sem número de beijos sobre a boca do escravo. Umás vezes tomava-lhe ambas as mãos, e comprimia com elas as rugosas faces, outras obrigava a cabeça do filho a repousar-lhe sobre o ombro, e ela, inclinando a frente, conservava o rosto encostado à face de João.

— Ó meu filho! que me não seja agora permitido o ver-te! Mas tu esta noite não me deixas, não é assim? Esperarás o dia, a fim de que eu possa contemplar à luz do sol tuas feições uma por uma; tuas feições cuja formosura debes ter herdado de teu pai. E tu vives; respeitaram a tua existência, salva por mim à custa da vida daquele que eu tanto amei!

— Ai de mim! minha mãe: respeitaram-na para meu mal. Oxalá houvesse o punhal de Pimentel atravessado meu coração!

— Então tem sido muito forte teu padecer? Oh! bem disse o Bispo: este viverá para expiar neste mundo o suicídio do pai. Mas conta-me todas as tuas penas: venderam-te, não é assim? És escravo de algum senhor tirano, que de continuo te martiriza? a ti, que debes ter alma de pomba como a de teu pai.

— Não, minha mãe; não é o cativo que me penaliza, porque eu sou forro.

— Forro! então poderás estar sempre comigo. Oh! que dias felizes eu vou passar! Será aqui tua morada: dormirás, umas vezes ao luar, outras afagado pelo sopro da brisa; e o meu regaço ser-te-á de travesseiro; e em quanto te prender eu velarei, a fim de afastar para bem longe os maus espíritos que quizerem aproximar-te. E quanto me serão deliciosas essas vigílias consumidas a teu lado! Como serão gratas a um coração até aqui atormentado por pungentes insónias! Ó meu filho! deixa que eu novamente te abraçe — como te chamas, onde tens vivido? Conta-me a tua vida; isso me fará parecer menos longa esta noite, que de contrário julgara sem fim.

— Ah minha mãe! a história de João, teu filho, limita-se a bem pouco. Não sei em que idade me trouxeram para esta ilha; na minha meninice alguns dissabores por mim passaram, mas esses depressa os esqueci, como sempre acontece nas tenras idades. Depois a senhora de teu filho cultivou a inteligência do escravo; e eu fui feliz até que o amor veio tornar tempestuoso o céu da minha alma.

— E quem são esses entes que trataram o escravo de uma maneira tão oposta à regra geral?

— Quem? um filho vosso, uma neta, cuja existência ignoráveis; finalmente um irmão meu, de quem já não seu escravo por circunstâncias que depois vos contarei.

— Um outro meu filho! teu irmão!

— Sim, Cláudio Pimentel, o vosso primeiro filho.

Se o escuro da noite não escondesse a expressão de ira e desgosto, que tomou o rosto de Júlia, João teria medo de sua mãe. Esta guardou silêncio por alguns instantes, e depois exclamou:

— Não, o filho do meu algoz não é meu filho: é tanto meu, como o peru o é da galinha que o fez nascer. Soubesse-os eu tão perto, e o sangue dessa raça maldita já teria vingado a morte de Luís Meu filho!... — continuou ela, dando uma dessas gargalhadas que mais parecem o uivo da hiena esfaimada — oh! ele não; tu sim, tu filho de Luís, tu és o meu único filho! Aquele, eu o odeio e aborreço com toda a cólera da minha alma; aquele terá herdado o criminoso carácter de seu pai, há-de ser como ele perverso.

João sentiu um suor frio percorrer-lhe o corpo ao ouvir as palavras de Júlia. Aquelas ideias de sangue compadeciam-se tão pouco com os seus generosos sentimentos, que ele não pôde

eximir-se a um desgosto profundo, descobrindo pensamentos de morte na mulher que lhe dera o ser.

— Minha mãe — disse ele — Cláudio é tanto vosso filho quanto eu o sou. Não o trouxestes em vossas entranhas assim como a mim me trouxestes? Como pois votais um ódio de morte àquele em cujas veias corre o vosso sangue?

— O meu sangue! Sim, a parte impura dele, tornado mais corrupto em suas veias, onde foi juntar-se ao de seu pai. O meu sangue!... Quando a lanceta rasgar a veia do enfermo para tirar-lhe o sangue corrompido, que o faz padecer, devemos apreciar esse sangue como uma coisa que foi nossa, ou convém extingui-lo como objecto altamente nocivo? Não, Cláudio Pimentel não é meu filho.

Estes sofismas que Júlia debitava com a ênfase da convicção, atormentavam o escravo. Ele como que se envergonhava de ver, naquela a quem devia a existência, um coração a tal ponto impregnado do fel da barbaridade; e por isso ele não pôde conter esta exclamação:

— Oh! quão fortes devem ter sido seus sofrimentos, para que o coração se lhe cegasse a ponto de não considerar quanto há de horrível nas suas palavras! Depois pegando nas mãos de Júlia, disse a esta com o tom da mais humilde súplica:

— Minha mãe, se não quereis envenenar estes momentos, que há pouco foram de um suave refrigerio para as minhas dores; se não quereis, ó minha mãe! que eu maldiga a hora em que o ser me destes, arremessai para longe de vosso peito os ferinos sentimentos que tendes manifestado; esquecei a causa de vossas mágoas; e em vez de uma vingança, que vos tornara parricida, restitui ao vosso primeiro filho toda a afeição, todo o affecto que ele vos merece; porque Cláudio não herdou os vícios do pai; Cláudio é bom e humano, e sua filha é um anjo, cujos dotes de alma marcham de perfeito acordo com as graças de seu corpo. A ideia de que me salvaram, a mim, o vosso filho querido, deve desvanecer os rancorosos pensamentos que vos possuem: os cuidados que dispensaram àquele que vos está falando, reclamam da vossa parte o reconhecimento mais que a execração a que os votastes. Sou eu que vo-lo peço; eu, aquele cuja existência estará de ora avante ligada à vossa!... Minha mãe! minha mãe! respondi-me ao menos — respondi-me por piedade! Pois a voz de João, o filho de Luís, não comove vosso peito? Está vosso coração de tal modo endurecido pelo desgosto, que hajam de resvalar por ele as súplicas de um filho, sem que o pene-

trem as minhas lágrimas? Não vos revelam minhas palavras que o sossego de meu coração depende da vossa resposta?

E Júlia conservava-se muda; seus lábios cerrados não desprendiam o mais leve som. João, aterrado por este silêncio obstinado, calou-se por alguns momentos. Ele não pôde eximir-se a uma sensação de repugnância pela mulher que se lhe elevava na frente, e cujo coração parecia que uma influência infernal havia tornado inacessível às inspirações de bondade: e era aquela que se dizia sua mãe, que resistia a seus rogos no próprio momento em que se reconheciam; a seus rogos que se limitavam a pedir um pouco de amizade para o primeiro filho dela! Oh! não, aquela mulher não merecia a sua estima; ele julgou-a indigna da afeição que inspira uma carinhosa mãe; e por isso um sentimento de cólera trouxe-lhe à boca estas palavras:

— Não; vós não sois minha mãe; eu vos amal...

— Suspende, infeliz! não renegues tua mãe. Ó meu Deus, meu Deus! o coração de Júlia não estava ainda bem retalhado, era mister que este novo golpe viesse abrir-lhe mais uma ferida. Luís, tu que me escutas, desculpa se o amor materno me vai constituir perjura. Eu jurei oferecer a teus males uma vingança capaz de satisfazer-te; mas — do local de onde estás — olha para teu filho, e diz-me se no meu lugar não ordenarás também a inacção ao teu braço quando a vingança lhe ordenasse: fere! João, ama tua mãe, ela jura-te que não promoverá a infelicidade de Cláudio.

João caiu de novo aos pés de Júlia; e, com a expressão da mais afável ternura, ele lhe disse: — Obrigado, minha mãe! o reconhecimento duplica o affecto que me mereceis.

— E tu — continuou ela — não podes avaliar toda a extensão do sacrificio que te faço. A vingança era a única ideia que me sorria durante as minhas noites de amargos delírios! Tu não conheces a minha história; não sabes quanto eu amava teu pai. Se ele te apparecesse — como a mim se manifesta — apontando para a larga ferida que abrira em seu peito, tu em vez de tratares de adormecer a vingança que eu alimentava, como o pensamento mimoso que devia, quando realizado, serenar a tempestade de meu peito, oferecer-te-ias para auxiliar o meu braço. E tu, ó meu filho, eras escravo dessa raça vil dos Pimenteis; em quanto que eu — esperando encontrar um dia o autor de minhas desgraças, que me diziam ter vindo para esta ilha — eu tratava talvez com a sua prole maldita, sem que o soubesse — sem que uma voz amiga viesse dizer-me ao

ouvido: — é tempo de ferir. Ó meu filho, eu julgava-te morto; assim me o disseram, e fácil me foi persuadir-me de que te haviam assassinado. Hoje tenho quem me ame, quem possa apertar ao meu coração, quem o faça palpitar, movido por sensações deliciosas, que em vinte anos havia desconhecido, penetrado do terníssimo affecto que me inspiras tu, ó meu filho!

E Júlia abraçava João, como a mãe carinhosa costuma abraçar aquele que lhe deve o ser; e o escravo sentia dilatar-se-lhe o peito ao inferir das palavras de Júlia, que em sua alma — ainda há pouco tão nimiamente cruel — haviam penetrado sentimentos mais benignos.

— Ah minha mãe! eu conheço quanto sois digna de lástima; eu sei que em vós o padecer começou aos treze anos: eu ouvi a vossa história quando a contastes naquele batuque dado por Cacilda; foi ouvindo-a que eu me soube filho de Júlia; e trouxe-me aqui o desejo de me informar onde podia encontrar minha mãe.

— Onde? Neste monte árido, em cujo solo nem a venenosa purgueira ousa aparecer; aqui, habitando horrível caverna, a qual minha imaginação povoa de espíritos infernais, que se divertem a espicaçar-me o peito; aqui onde mando meus suspiros em resposta ao horrido bramido do oceano em fúria! Sim, tu conheces parte das minhas desgraças; mas enganas-te se supões que elas parassem aí. Escuta-me, João, e admira como em humano peito coube tanto padecer.

XV

CONTINUAÇÃO DA HISTÓRIA DE JÚLIA

Quando em casa do Bispo recobrei os sentidos, o meu primeiro cuidado foi chamar por Luís. A voz comovida de um escravo respondeu-me: Não chames pelos mortos. Porquê — disse eu — mataram-no? Não — tornou o escravo — ele é que se matou a si mesmo. Ah! exclamei — o desgraçado deu-se à morte para evitar os tormentos. E a ideia de que existindo ele era mais infeliz, deu-me coragem para suportar com resignação esta triste nova. Mas quando ao perguntar por ti — ó meu filho! — ele respondeu que não sabia ao certo, mas que suponha haveres succumbido ao golpe que receberas no peito, eu senti desvairar-se-me a razão; e sem atender às reflexões do escravo que me vigiava — repeli suas mãos, que tentavam segurar-me, e fugi para os montes. Sustentando-me só de frutos silvestres, passei um ano a correr por sobre as escarpadas rochas daquela montanhosa ilha, chamando continuamente meu filho!

Um dia — estando ao pé de um precipício incomensurável — eu vi ao longe um cavaleiro, que marchava para mim ao passo do seu cavalo. A tal ver o peito comprimiu-se-me de modo a não me deixar dúvida de que era aquele o autor de meus males: uma ideia horrível me passou pela mente. Escondi-me, e aguardei que ele passasse à borda do abismo: em quanto esperava, o bater de meu coração era tão apressado, que dirias querer-me sair do peito. Quando Pimentel passou pela minha frente, eu saltei do meu esconderijo, e firmando com toda a minha força as mãos de encontro ao cavalo, tentei lançá-lo no medonho precipício que se abria a

seu lado; mas iludiram-me as forças: o impulso que dei ao cavalo não fez mais que obrigá-lo a parar. Pimentel encarou-me, e, ao reconhecer a sua vítima, um riso feroz encrespou-lhe os beiços. Saltando ligeiro em terra, agarrou em mim, que debalde tentei fugir-lhe; e atravessando-me sobre o dorso do seu cavalo, saltou sobre a sela, e durante a jornada até à povoação eu senti sua mão de ferro carregar-me sobre o peito de modo a dificultar-me a respiração: quis repeli-lo, mas ah! minhas tentativas foram inúteis. Conduziu-me perante o Bispo, e eu ouvi perfeitamente o meu veredugo dizer a seu tio: Eis a vossa protegida, que me teria hoje assassinado a não serem suas mãos tão débeis.

O Bispo fitou em mim um olhar de cólera; mas em breve seu rosto serenou-se, sem dúvida porque a alteração que notou em minhas feições fez nascer em seu peito um sentimento de piedade.

— Infeliz! me disse ele — querias por um assassínio chamar sobre ti a cólera celeste! As tuas desgraças são grandes; porém Cristo sofreu mais, e contudo ele abençoou os seus algozes. Júlia, ajoelha e pede perdão a Deus da tentativa de morte, que o teu bom anjo impediu.

E a doçura destas palavras — tão opostas ao azedume de meus pensamentos — fez-me curvar os joelhos e bradar: Perdão! perdão, ó meu Deus! E eu sentia o arrependimento calar-me no peito, produzindo aí uma doce melancolia que lhe suavizava as dores. O Bispo deu-me a mão, a qual eu lhe beijei com infável reconhecimento.

Pimentel, que observava esta cena, não pôde conter o desespero que lhe provocara a benevolência do Bispo; desespero que se traiu nestas palavras, que ele pronunciou dirigindo-se a seu tio:

— Teimais em poupar esta negra: pois bem, a minha vida, ameaçada, impõe-me o dever de tomar as precauções que o caso pede. Meu tio, eu não respondo pelo que pode vir a acontecer. E, dizendo isto, saiu acompanhado de um olhar severo, que o Bispo lhe fulminou.

Oito dias depois desta ocorrência, ao entrar da noite, estava eu sentada à porta da rua, toda entregue às reminiscências de Luís. Da esquina fronteira um escravo do Bispo acenou-me, como quem tinha alguma coisa a dizer-me. Levantei-me maquinalmente, e fui ter com quem me chamava. Quando estava ao alcance da sua voz, ele disse-me: O que tenho a revelar-te, Júlia, é um segredo que só de ti deve ser ouvido; segue-me, pois, a fim de escolhermos um sítio

mais retirado. Obedeci-lhe seguindo-o; mas, depois de dar vinte passos, o escravo assobiou, e eu sinto-me agarrada por mais três, que reconheci logo como de Pimentel. Não me deram tempo para gritar; taparam-me a boca, e assim me conduziram à torre alta da Matriz: ali amarrando-me duas cordas à cintura, passaram-nas em volta de meus braços junto aos ombros; e arreando-me depois até uma certa altura, deixaram-me pendente naquela estreita quanto profunda torre, que era como uma manga formada por quatro grossas paredes!

No outro dia pela manhã, eles fizeram descer o meu corpo até à extremidade da torre, e mandaram-me um pedaço de *cuscus* de milho, e uma infusa com água. Oh! eles queriam alimentar-me a existência, a fim de que o meu martírio pudesse ser mais prolongado. À noite tornaram-me a içar; e todos os dias subsequentes repetiu-se a mesma manobra — suspensa durante a noite, no terreno firme enquanto dia.

E, ó meu filho! mal imaginas tu quanto era doloroso um tal tormento! Um sem-número de *cem-pés*, ratos e mosquitos procuravam, durante a noite, alimentar-se em meu sangue. Asquerosos insectos, répteis venenosos, vinham passear por sobre o meu rosto — e um insuportável fétido corrompia o pouco ar que deixava ali penetrar a única abertura na extremidade da torre junto ao sino. E eu resisti a tais torturas! pude ser superior a um martírio que durou meses!...

Foi porque eu descri de Deus e da justiça do Céu! reneguei o Criador, que assim me desamparava, e evoquei em meu auxílio as potências infernais! Foi porque de noite Luís me aparecia, dizendo-me com sua voz sepulcral: Vive para me vingares!...

Uma manhã — à hora em que costumavam descer o meu corpo — eu vi, com pasmo, que me faziam subir. Chegada ao lugar dos sinos, um preto tirou-me as cordas, feito o que, me disse: és livre, podes fugir. Perguntei-lhe quem era o meu benfeitor. Respondeu-me: Aproveita-te do benefício, e não te importe saber a quem o deves. Será ao Sr. Bispo? lhe tornei eu. O Bispo não está na ilha. E o sobrinho? perguntei, sentindo fender-se-me o coração. — Também partiu. — E para onde? oh! diz-me, bom escravo! — Mas este olhou-me em ar de piedade; e sem dizer mais palavra desapareceu à minha vista. Eu reflecti sobre qual fosse o motivo desta inesperada liberdade: em breve compreendi que a devia à humanidade daquele escravo — o qual me não conservaria na torre tanto

tempo, se a presença de Pimentel não mandasse o medo sopitar-lhe a compaixão. Não tinha por tanto que duvidar da partida do meu algoz; — a minha vingança não achava sobre quem exercer-se: mas na ilha alguém me informaria da terra para onde ele fora residir; e em qualquer parte meu braço o alcançaria.

Desci a torre, vagueei pela povoação; mas à minha vista as crianças fugiam espavoridas — tanta hediondez havia no meu rosto, outrora belo! Os adultos encaravam-me com desgosto, ou voltavam a cara — tal era a repugnância das minhas feições!

Um dia encontrei uma mulher anteriormente minha amiga; aproximei-me, e chamando-a pelo seu nome, pedi-lhe que me dissesse para onde havia partido Pimentel. Em vez de me responder, ela fugiu de mim com horror, gritando: Eis ali a escrava que quis matar seu senhor! Depois todos me evitavam, todos me fugiam, como se tivessem receio de que meu hálito os contaminasse!...

Vendo que ali nada podia saber, parti para a Ponta do Sol: os patrões ou marinheiros das pequenas escunas e *lambotes* que navegam entre as ilhas, melhor que ninguém podiam satisfazer o meu desejo. Mas a Ponta do Sol, constantemente árida, não me fornecia para alimento da existência os frutos que me ministravam as férteis árvores de ao pé das ribeiras; por tanto eu tinha de caminhar todos os dias mais de uma légua, para encontrar o sustento da vida!

Durante três anos nenhum dos navios que chegaram me soube dar notícia de Pimentel. Considerava já impossível a minha vingança, quando o patrão de uma escuna, que saíra deste porto da Vila da Praia, me disse que existia aqui um Pimentel, com quem havia negociado.

Ouvindo esta notícia, meu primeiro, meu único pensamento foi o de transportar-me a esta terra, e por isso perguntei ao patrão se voltava à Praia. — Sim — me disse ele. — Levais-me a vosso bordo? — Nenhuma dúvida terei, uma vez que me pagues a passagem. — Oh! em quanto a isso não receeis, tereis em mim uma escrava para tudo quanto vos for mister; buscarei tornar-vos o meu serviço tão útil quanto eu possa. — Boa mulher, o navio não é meu; e portanto sem me trazerdes três mil e duzentos réis não poderei receber-vos a bordo.

Este obstáculo jamais por mim previsto; nunca havia pensado que me seria preciso dinheiro: não o tinha, e por isso me aterrou a exigência do mestre. Reflecti: minha esperança ia-se esvaecendo à proporção que mais reconhecia a impossibilidade de arranjar aquele

dinheiro. Mas uma ideia súbita veio em meu auxílio. — Em quantos dias partis? perguntei ao patrão. — Em não menos de vinte. — E quantos cruzados são precisos para fazer a conta que me pedis? — Oito. — Em oito dias eu posso arranjar esse dinheiro; mas prometei-me de não sairdes sem mim. — Decerto, se me aparecerdes antes de vinte dias.

Eu corri como louca para a povoação, e fui oferecer-me à penitência por alma dos finados! Oito noites — em frente dessa Igreja, cuja torre me recordava o que nela tinha sofrido — minha dextra mandou às costas nuas as dolorosas disciplinas, cujas pontas — armadas de rosetas de ferro — rasgavam minhas carnes! E eu não era só; alguns desgraçados me acompanhavam neste pungente sacrifício, a que se sujeitavam para receberem dos parentes do finado o cruzado, cujos reais eram inferiores em número às gotas de sangue, que resvalavam por nossas costas! E quando com uma esponja levavam às feridas, que eu própria tinha feito, o vinagre e sal que devia sará-las, eu não soltava um queixume, porque a ideia da vingança tornava-me insensível à dor!

Cheguei a esta ilha, onde não conhecia ninguém: que fazer pois? Esmolei; fui pedir o óbolo da caridade a uma taberna onde estavam reunidos alguns escravos. Ao aproximar-me, um deles disse para os companheiros: Olhem, olhem, aquela é de certo uma feiticeira! E todos — em vez de me atenderem — fizeram-me figas, repetindo *a mim não*. Minha razão estava já muito abalada para poder resistir a este novo choque! Havia vinte e quatro horas que eu nada comia — pois o dia anterior eu o tinha gasto em procurar algum sítio, em cujas árvores a natureza me oferecesse alimento; porém nada encontrara! Era por tanto com bastante necessidade que eu pedia apenas algum bocado de cuscus ou mandioca, e uma sede de água — nada mais; e aqueles de quem alguma coisa podia esperar, nem ao menos se dignavam de prestar-me atenção! Como te dizia, minha razão não pôde resistir a este novo golpe: vítima de uma alucinação desesperada, eu corri ululante, e vagueei até que de cansaço caí inanimada. Quando tornei a mim achei-me sobre um charco — era o pântano da Fonte Ana. — A sede em mim era tanta, que não hesitei em sorver alguns tragos daquela água imunda; depois os *craces* vieram como oferecerem-se-me de iguaria à horrível fome que me devorava — e eu engoli alguns daqueles caranguejos assim mesmos crus! Reanimada por aquele insalubre alimento, caminhei ao acaso; deparei com esta eminência, e subi ao

seu cume para ver se dali avistava algum lugar próprio para viver; descobri a cova ao pé da qual estamos; entrei: a sua escuridão, a tristeza que nela se respirava, coincidia tanto com a taciturnidade de meus pensamentos, que a olhei desde logo como morada própria a ser por mim habitada: em quanto ao sustento, os *cacres* não faltavam — restava-me só procurar aquele por quem unicamente viera até aqui. Suas feições estavam bem impressas na minha memória, para que o não conhecesse em qualquer parte que o visse; e minhas tenções eram descobrir-lhe a morada, e, quando o soubesse recolhido, lançar fogo à casa, e fazê-lo perecer com todos os seus.

O povo foi-se habituando à hediondez do meu rosto; e já não me expulsavam, quando, à hora da missa, eu me sentava à porta da Igreja, ou quando permanecia longas horas nos lugares mais frequentados; porém na Igreja, nem noutros lugares, nunca me foi possível descobrir o meu algoz. Agora conheço que o Pimentel, em que me falou o patrão da escuna, devia ser Cláudio, e que o meu verdugo habita sem dúvida satisfeito e feliz em alguma grande cidade.

Aqui Júlia fez uma pausa; pouco depois ela continuou:

E esses que me fugiam quando cheguei, vieram posteriormente consultar-me sobre o seu futuro; e apesar do muito que me esforçava para convencê-los de que eu não era feiticeira, eles não me criam, e antes sim me instavam para que lhes predissesse o seu porvir. Creio que o acaso verificou algum dos meus vaticínios, de forma que em poucos meses me vi cercada de uma clientela considerável, a qual tinha o cuidado de me trazer o milho, os cocôs, as bananas e muitos outros frutos que me fizeram esquecer dos pobres *cacres*.

XVI

NÃO IRÁS!

Júlia acabara a sua narração; lágrimas abundantes resvalavam por suas faces, mirradas pelo desgosto: ela agarrara na mão do filho, o qual comovido ao último ponto, não achava frase com que pudesse exprimir a sua mãe a viva parte que tomava em seus desgostos: mudos os dois, ambos se compreendiam; as suas mãos, em contacto, parece que comunicavam ao coração um do outro as sensações que os possuíam. Júlia, em fim, rompeu o silêncio, e, abraçando João, disse:

— Agora, ó meu filho! podes avaliar se o juramento que te fiz não será um sacrifício bem doloroso para a minha alma! Tenho perto de meu braço a prole de Pimentel; minha vingança podia ser satisfeita; e contudo tuas palavras suplantaram os sentimentos de rancor que o inferno soprara em meu coração. Infeliz! infeliz que eu sou! Hoje a ideia da vindicta não virá minorar o acerbo pungir que motiva em meu peito a lembrança das angústias passadas!...

Ainda mal ela não tinha pronunciado estas palavras, quando dois longínquos tiros vieram romper o silêncio da noite, e como responder aos pensamentos de Júlia.

João levantou-se, e olhou para o sítio de onde lhe pareceu terem partido os tiros. Nada viu durante um minuto; mas findo ele, um clarão brilhou para as bandas da vargem da Companhia, e em seguida uma detonação de seis ou oito armas disparadas à uma, chegou a seus ouvidos — enfraquecida pelo espaço que percorrera. Depois ouviu uma espécie de gemidos — uns ais lastimosos, tão ao longe, que a não ser a mudez da noite, não os pudera ele distinguir. A par desses gemidos, João percebeu uns sons de instrumentos

musicais, os quais acreditou partidos da Vila. O escravo pensava sobre o motivo dos tiros, da música e dos gemidos, quando a lua — em minguante — saindo detrás de uma montanha, lhe mostrou sua mãe em pé, os braços estendidos, conservando na boca um riso infernal!

Júlia dava graças — não a Deus, que d'Esse renegava ela quando se sentia dominada pelo espírito da vingança — mas sim aos demónios, que, naqueles momentos de vingativo delírio, acreditava ver voltejar sobre sua cabeça!

— Eu te agradeço — exclamou ela — espírito das trevas! Eu esquecera que tu me havias mandado quem gratuitamente se quisesse encarregar da minha vingança! Corre, vai tocar com a tua influência infernal o coração de Lopes e o de seus sequazes, a fim de que eles se não saciem de sangue em quanto não derramarem o da prole de Pimentel!

Ao ouvir tais palavras, João estremeceu; e agitando com força sua mãe, para a tirar da contemplação em que a via imersa, ele lhe disse:

— Minha mãe, minha mãe! explicai-me as vossas palavras. Que significam estes tiros? De onde partem os gemidos que ainda há pouco chegaram a meus ouvidos?

— São os brancos que se degolam, meu filho. É Lopes que cumpre a sua palavra de extermínio!

— Lopes! Ó meu Deus! Salvai Maria, e permiti que eu chegue a tempo de morrer por ela.

E João, persuroso, ia descer o monte, mas ele deteve-se sentindo o pulso agarrado por uma mão como de ferro. Olhou, viu sua mãe — cujo rosto conservava a expressão horrível que o inferno imprime nas feições do réprobo — sua mãe que o segurava com uma força de que ele a julgara incapaz!

Oh! antes a lua não tivesse aparecido; antes ele não visse aquela cabeça de eriçada grenha; aqueles olhos esgazeados, orlados de vermelho, e despedindo chispas de intensa cólera; aqueles beiços trémulos de raiva! Oh! antes ele não visse o rosto de Júlia; porque, observando aquela fisionomia de nequíssima expressão, ele teve horror da mulher que lhe havia dado o ser!... Empregando desmedidos esforços para soltar-se daquela mão, que — bem qual precinta de aço — lhe atarracava o pulso — o escravo bradou no cúmulo da aflição:

— Deixai-me ir com meus irmãos cativos salvar os inocentes.

— Não — disse Júlia com voz desabrida — não; porque eu jurei que obrigaria os escravos a conservarem-se indiferentes à carnificina dos brancos; e não há-de ser a voz de meu filho que — impelindo-os a faltarem-me à promessa — me faça parecer perjura aos olhos do meu vingador.

— Mas vós também jurastes ao filho — que ainda há pouco chamáveis querido — que sepultaríeis no esquecimento o ódio que votáveis ao outro vosso filho.

— Não, eu não sou perjura. Jurei que meu braço não levaria o punhal ao peito do filho do meu algoz; e tu bem vês que não sou eu que o firo; é o inferno que se encarrega de vingar-me.

— Mas, Deus é justo, e ele não permitirá que vossos desejos execráveis se realizem. Ele protegerá a cândida pomba, que todos os dias lhe manda ferventes orações. Não, Lopes não conseguirá poluir com sua baba impura a casta virgem em cujas veias não gira gota alguma de teu sangue perverso.

Júlia deu uma gargalhada, e, fitando João, disse-lhe:

— Insensato, crês por ventura que Deus tome conta da raça maldita, a cujo nascimento preside o diabo?

João chegara ao cúmulo da aflição. As palavras de sua mãe dilaceravam-lhe o peito. Cada minuto de demora era para ele um ano de martírio. E a mão de Júlia não o largava. Oh! havia de que pasmar na imensa força daquela óssea mão!

— Minha mãe, minha mãe! se não pode vencer-vos a cólera que a meu pesar tem minha boca exprimido, comova-vos ao menos as lágrimas que vedes em meus olhos! A minha vida depende da vida de Maria, vossa neta. Sabei que Lopes não cuida de vingar-vos, mas sim de apossar-se e seduzir aquela que eu amo como vós amastes meu pai. Minha mãe, perdão! perdão para ela!

— Pois quê? Cláudio tem uma filha que Lopes tenta seduzir! Ó Luís, Luís! a nossa vindicta passa além das minhas esperanças! Teu filho — ó meu Luís! — pede perdão para ela! E quem intercedeu pela infeliz Júlia — pela criança — no momento em que um monstro a profanava? Eu também era formosa; também possuía a candura da virgem, que sorri e se embala por entre mil sonhos de inocentes prazeres! E contudo as flores da minha juventude ninguém veio salvá-las! Não, não haverá perdão para a raça por mim amaldiçoada!

E neste coração — que não havia muito se abrandara a ponto de sopitar os sentimentos ferozes que de tanto tempo nutria — de-

senvolveu-se o apuro da maldade ao ver próxima uma vindicta superior à que ela meditava!

Mas em João o desespero chegava ao seu auge. Oh! — exclamou ele — eu hei-de salvá-la a teu pesar; em despeito mesmo das potências infernais que te possuem.

E ele tentou de novo desprender-se da mão de Júlia; esta porém não largava a sua presa.

— Lembra-te de como morreu teu pai! Não sentes cair-te sobre o rosto gotas do sangue que verte sua ferida? E sabes o que compeliu sua mão a levar o punhal ao próprio seio? Foi o agradável espectáculo de ver a amante covarde e vilmente prostituída: e sabes quem era essa amante? A mulher que passou noites — tantas, que nem eu sei — suspensa por cordas — respirando o ar infesto de comprida e pétrea manga! Era tua mãe, desgraçado! tua mãe, ainda mais infeliz por te haver dado o ser! tua mãe, que suspendeu o golpe que ia atravessar-te o peito, sacrificando com isso a existência de teu pai! Oh! a educação pode em ti mais que a natureza: eles haviam de ensinar-te a odiar tua mãe!...

E João compreendeu que a razão não pudesse resistir a tanto padecer. Ele olhou Júlia de um ar de piedade, porque reflectiu que o coração de sua mãe fora como o dele, se o desgosto dificultando-lhe o raciocínio, lhe não houvesse invertido a índole. E o escravo desejava infiltrar naquela alma algum consolo, lançar algumas gotas balsâmicas sobre as chagas daquele coração, que soçobrava em penas. Mas para isso era mister que ele se demorasse junto de sua mãe, ao passo que a imagem de Maria se lhe apresentava exprobrando-lhe o tê-la esquecido. Maria, que se lhe mostrava a ponto de ser vencida por um sedutor depravado.

A escolha foi rápida: ele tentou novamente soltar-se da mão de Júlia; mas esta cada vez o agarrava mais forte, dizendo: — Não irás — e como embriagada pelos tirânicos pensamentos que a agitavam, ela saltava de contente, repetindo: Não irás, não irás, não irás!

João sentia-se desfalecer: mas quando Júlia — no maior acesso de loucura — exclamou com um riso feroz: — Vitória! Vitória! lá a vejo debater-se nos braços de Lopes — ele juntou suas forças, duplicadas naquele momento pelo ciúme, e puxou o braço com toda a força de que podia dispor.

Júlia não soube resistir a um tão violento choque, caiu; mas como não largasse o pulso de João, arrastou este na queda, e ambos foram rolar pelo íngreme declive do monte.

XVII

REVOLUCIONÁRIOS, OU ASSASSINOS?

Em quanto que, na crista do Monte Vermelho, se passava a cena trágica que tentámos esboçar, um outro espectáculo, não menos horroroso, tinha lugar na vargem da Companhia.

O plano traçado por Lopes, na taberna do tio Tesoura, saíra à medida dos desejos do Sargento e dos seus três companheiros. Os impedidos dos oficiais nenhum escrúpulo tiveram em cumprir o que deles se exigia. O resto do batalhão abraçou com entusiasmo o projecto de sublevação, que Lopes lhe apresentou fácil — rico de esperanças — e de reconhecida impunidade. Nada transpirou; sentimento algum afugentou o sono dos infelizes, sobre cujas cabeças adejava o anjo do extermínio.

Às duas horas da madrugada do dia 22 de Março de 1835, uma escolta de dez homens saiu do quartel, e foi postar-se às entradas da habitação do Prefeito. Logo em seguida uma outra de vinte — comandada por Aleixo — foi correndo as casas dos oficiais, os quais enganados pelos impedidos, davam-se pressa em vir fora cair na ratoeira que se lhes armara. E estas prisões fizeram-se sem que o mais leve arruído interrompesse o silêncio da noite: parece que os soldados iam descalços; parece que os prisioneiros ainda dormiam, porque nem um grito se lhe escapou de surpresa, nem um grito que chamasse um socorro qualquer, que sempre se espera, por mais desesperadas que sejam as circunstâncias.

A casa do Tenente-Coronel foi a última a que se dirigiram: este acordado para ir receber as últimas disposições de um moribundo oficial que o chamava — segundo lhe dissera o seu impedido — foi

agarrado, logo que pôs o pé na rua, por quatro soldados, os quais o empurraram, sem cerimónia, para dentro do círculo onde já estavam — amarrados dois a dois — todos os oficiais do batalhão. Terror ou coragem, ele gritou; mas a música, desprendendo os sons naquele momento, foi com o *rei chegou* abafar seus gritos. Ao começar da música, a tropa, formada no quartel, rompeu em um entusiasmo viva a el-rei D. Miguel I: depois saiu toda fazendo-se acompanhar da música, e levando na sua frente Lopes, elevado à categoria de comandante — foram assim percorrendo as ruas da Vila. Se nessa ocasião alguma janela se abriu, foi para deixar o terror alcançar o leito do mais destemido.

Após este passeio militar — graças ao qual muita coisa se pôde subtrair à rapina dos revoltosos — parte do batalhão marchou para a vargem da Companhia com os desgraçados oficiais. No trânsito milhões de improperios, pungentes sarcasmos, choveram sobre os infelizes votados ao martírio. Morrer, sem poder desnudar a espada e vender caras vidas tão juvenis, era horrível! Oh! não se morre de desespero — a aflição não mata — o terror não paralisa a vida, porque naquelas almas havia terror, aflição e desespero, e não obstante eles chegaram por seu pé ao local da matança! Aí a soldadesca calou-se: ouvia-se apenas um ciciar de falas em segredo. Mas a conferência foi de curta duração, e o grito de morte veio prestes penetrar o coração das vítimas. O Tenente-Coronel foi o primeiro a quem se dirigiram: uma voz áspera e forte mandou a seus ouvidos — um ajoelha e prepara-te para morrer — próprio a desvanecer a esperança da súplica. Contudo dos lábios por onde em breve ia evaporar-se a vida partiu um «que mal vos fiz, para assim me assassinares» que indicava a mansidão que costuma ministrar a certeza da impotência própria.

Dezenas de vozes responderam: Olha para as nossas costas, lembrar-te-às do que nos fizeste. Assim como as vagas, que vendo infrutíferos os beijos com que animam a rocha, a fim de que esta as deixe passar pelo sítio que ela obstrue, vão de mais em mais redobrando os brios, até que em fúria batem no seu contrário, que se ri fazendo-as recuar espavoridas — assim o Tenente-Coronel, ao ver esvaecer-se a esperança que nutria de apiedar aqueles corações, mudou em raiva a mansidão — a súplica em vitupérios, e bradou: — Cobardes! só manietados é que sois capazes de assassinar homens, dos quais um só vale trinta mil vezes mais que vós todos juntos.

Ao ouvirem tal exclamação, os demais oficiais, como obedecendo à voz do comando a que estavam habituados, romperam em vilipêndios contra a soldadesca enfurecida.

Morram! foi o grito unísono que respondeu àquelas palavras; e a coronha de uma espingarda foi cair sobre a cabeça do infeliz Tenente-Coronel! Após este golpe, dois tiros deram fim àquela existência, que tão útil havia sido à pátria — àquela existência que deixava sem amparo esposa e filho!...

A vista do sangue deste infeliz parece que refinou a fereza daqueles canibais, porque a matança continuou com a crueldade que não se contenta só com a morte, senão que precisa da tortura para poder inebriar-se com os suspiros das vítimas. Eles sabiam que um tiro no ouvido é bastante para dar fim à existência; mas a morte dada por tal forma, tornava a tragédia de um vulgar insípido; — e eles queriam encher de episódios a sua obra; queriam, como bons actores que eram neste género, demorar o desfecho quanto possível: — graduar o tormento pelos gemidos do padecente — derramar o sangue gota a gota, de forma que seus olhos pudessem gozar por largo tempo dos mananciais do sangue que brotavam das feridas; gostavam de ouvir o agudo, íntimo suspiro da dor, casando-se ao baixo estertor do moribundo; e se naquelas hienas sanguisodentas se viam aparecer assomos de pesar, era de certo por notarem em roda de si um tão pequeno número de entes, sobre os quais pudessem cevar a sua ferocidade! Mas afinal o seu génio inventivo chegou ao ponto de não saber criar nova espécie de tormentos; — porque faltava-lhes o fogo — a água — a roda — a polé — as tenazes — as unhas — e os demais instrumentos de que a Inquisição sabia tirar tanto partido. Eles já tinham pelos cabelos arrastado as vítimas — já com os pés lhes haviam esmagado as faces — haviam-se já servido da coronha da arma e baioneta — já tinham com as espadas cortado mais de uma língua! Seus recursos, por tanto, estavam esgotados — o que lhes fazia experimentar o fastio que promove quase sempre a falta de variedade; já sentiam a espécie de dissabor, que costuma suceder ao sumo deleite!...

.....
E não cuide o leitor ser isto pura ficção de romance; nem tão pouco creia haver poesia na descrição que temos feito: por quanto infelizmente tudo aconteceu como deixamos relatado.
.....

O Tenente Serrão, segurando-se a uma esperança que o Céu soprou em seu peito, encarou Aleixo, e disse-lhe com o acento próprio das circunstâncias:

— Ó Aleixo, tens alma de me deixares morrer!

Aleixo lembrou-se de que a voz — que tão sentida chegava a seus ouvidos — era a mesma que lhe valera numas certas chibatadas que ele esteve a ponto de levar; e a piedade ou talvez o orgulho de mostrar a influência que entre os seus devia exercer, fê-lo avançar, pôr a mão sobre o ombro do Tenente, e dizer em tom de quem se julga com direito a mandar: Este salvo eu. Esta acção generosa achou imitador, porque um dos soldados que estava mais próximo de Aleixo, disse agarrando-se ao Alferes Sanches: Este também eu salvo. E talvez os dois restantes, ainda vivos, encontrassem padrinhos, se alguns soldados mais ferozes não se apressassem a descarregar as armas sobre eles. A esta descarga um caiu ferido de morte; e o outro, que era o Alferes Duarte, tombou igualmente, como sem vida.

Durante a matança as pessoas abastadas da Vila tratavam de esconder alguns objectos de valor, e punham-se a caminho sem saber para onde, deixando suas casas entregues aos escravos, aos quais muitos devem a conservação de algumas jóias, e várias peças de valor.

O saque começara com todos os excessos de que é capaz a soldadesca desenfreada. A alfândega foi arrombada, fazendas e dinheiro tudo caiu em poder dos sublevados. Os escravos eram vítimas — pela sua fidelidade — dos brutais tratamentos dos soldados: estes ameaçavam-nos com a morte, para que declarassem aonde estavam escondidas as jóias e dinheiro. Alguns houve que, intimidados, descobriram tudo; a maior parte, porém, conservou-se firme em seus deveres. O Prefeito — que não pudera fugir — via-se abardado com as exigências dos revoltosos, os quais — como não achassem o que esperavam — faziam recair a sua cólera sobre aquele coração duplicadamente pungido pelo pranto de suas filhas. Compeliam-no a escrever para fora aos seus amigos, a fim de que estes enviassem avultadas somas aos insurgentes, único meio de escapar à morte, com que estes constantemente o ameaçavam. Finalmente — nestas dias de ominosa recordação para Cabo Verde — tudo quanto não pertencia ao batalhão, sofreu mais ou menos as consequências da revolta.

Lopes — no seu quartel-general — dava as necessárias ordens, e recebia parte do produto da rapina. Chamejavam-lhe os olhos, e na expressão do rosto notava-se-lhe uma alegria, qual a do capitão de salteadores, após a possessão de um magnífico espólio.

O Tenente Serrão e Alferes Sanches foram-lhe apresentados por Aleixo, o qual lhe disse em tom breve e seco: — o batalhão não quer a morte destes dois. — Lopes, ao ouvir tal, franziu o sobrolho, e, dirigindo-se aos dois oficiais, disse-lhes com um riso irónico:

— Bem, já que o batalhão não quer que os senhores morram, não morrerão: no entanto será bom que substituam esses bonés por estes, — e apresentou-lhes outros de lista amarela (*).

Os oficiais fizeram uma vénia, e saindo para a rua, trataram de fugir para o interior, a reunir-se à demais gente da Vila.

Lopes ainda se demorou na sala algum tempo: destinou os pontos para sentinelas, deu o Santo, e regulou o serviço da maneira que julgou mais própria para a sua segurança. Depois entrou no gabinete, aonde por sua ordem alguém o esperava.

— Estão cumpridas as minhas ordens? perguntou Lopes, apenas entrou, ao soldado que o aguardava.

— Sim, Comandante: seis homens dispostos a tudo, e que mais facilmente se deixarão matar do que atraiçoar-vos.

— Bem — tornou Lopes — dirige-te com os nossos amigos a B..., procura a dona da casa, e diz-lhe que a sublevação dos soldados nesta Vila me obriga a mandar-lhe — para sua segurança — essa pequena força, suficiente, porém, para evitar qualquer tentativa dos insurgentes contra a sua casa. Terás para com ela as maiores atenções, e obedecerás a todas as suas ordens; somente te deves opor a que saiam para fora dos limites da fazenda, dizendo-lhe que é isso uma medida de precaução; cumpre pois que tenhas sempre uma vigia alerta. Corre, que eu serei contigo, logo que haja disposto tudo para a partida.

O Soldado saiu: e Lopes — passeando agitado pelo quarto — disse como respondendo a seus pensamentos:

— Veremos agora, orgulhosa mulata!

(*) Histórico.

XVIII

A ENFERMEIRA

Conduziremos o leitor ao sítio de B...; mas em vez de o levarmos à casa elegante de Cláudio, fá-lo-emos entrar numa pequena choça, coberta de colmo, quais costumam ser as habitações de escravos. É um paralelogramo regular — de paredes caiadas — e onde dentro respira o mais desvelado asseio. Uma mesa de pinho, dois bancos, um pequeno espelho, e uma cama preparada com alvíssimos lençóis, formavam a mobília desta modesta habitação.

É noite: sobre a mesa está um candeeiro de metal amarelo, de tipo português, cuja luz se dificulta em razão da bandeira que lhe cai na frente. Sentada num banco, os cotovelos encostados à mesa, e o rosto entre as mãos, está — simbolizando o dissabor — uma preta, na qual dificilmente reconheceremos Luiza: — dizemos dificilmente, porque nela havia-se operado uma mudança considerável; — triste e abatida, Luiza já não era a esbelta e picante escrava de outrora: em seus ressequidos lábios já não ousava aparecer o sorriso; o preto acetinado de suas faces tornara-se sem brilho; e seus olhos entumecidos davam claras mostras de que o seu emprego era de há muito o chorar. Oh! o sopro da desgraça tinha por ali passado! e o sopro da desgraça definha e seca!... Um raio de luz, escapando-se pelos lados da bandeira, vai reflectir-se sobre uma lágrima que deslizava pela face da escrava.

Estremeceu! — escutou — não se enganara; um gemido fraquíssimo chegou até ela. Levantou-se, dirigiu-se para o leito, e tomando a mão do enfermo, que ali descansava, perguntou com uma inflexão de voz, que exprimia seguramente mais que a ternura de uma carinhosa enfermeira: — Como estás?

— Boa Luiza, a cabeça parte-se-me — um fogo intenso queima-se o peito — e por todo o meu corpo eu sinto horríveis dores.

— Como não — observou Luiza — se a queda foi tamanha! Mas tu já não tens febre: sossega.

— Por quem és, Luiza, dá-me água; sinto-me arder.

A escrava trouxe-lhe um copo com uma bebida escura. O enfermo bebeu a longos tragos, e só depois de esgotar o copo, é que se apercebeu do engano. Ele fez um gesto de repugnância.

É o remédio, meu João — disse Luiza; — a água ser-te-ia prejudicial: não fales muito, que o teu peito não pode.

— Mas eu quero saber — observou João — o motivo porque estou aqui: de nada me lembro, desde essa noite em que ela me banuiu.

— Ora, que te aconteceu?! Deste uma queda que te podia ser fatal: porém tu vives, estás livre de perigo, que importa o resto?

— Mas — redarguiu João — é que eu fiz um sonho horrível. — Maria estava em perigo — quis correr para salvá-la, mas um ente infernal me segurava o pulso; depois... depois... ai de mim! a minha cabeça perde-se.

— Delírio da febre, meu João, e nada mais.

— Mas, onde me encontraste tu? Como me trouxeste para aqui?

— Contar-te-ei tudo, mas está sossegado: se continuas a agitar-te assim, virá novamente a febre, e retardas a cura oito dias, pelo menos. Olha, João, há três dias não teria eu a fraqueza de dizer-te que algumas vezes creio nas feiticeiras, isto é, estou certa de que sabem tanto do futuro como qualquer de nós; mas o que eu acredito é que elas conhecem algumas plantas virtuosas, com as quais compõem bebidas próprias para sarar... sim, para curar doenças do coração. Tu também crês nisso, não é assim? Para que irás tu lá senão para o mesmo fim que lá me levou! Mas não, eu não quero saber o motivo que te chamou ao local onde ias perdendo a vida. Há três dias — era uma manhã bem linda — resolvi-me a ir consultar a feiticeira do Monte Vermelho.

A este nome, João estremeceu: lembrou-se de tudo quanto houve de horroroso nessa noite passada ao pé de sua mãe. Caiu numa morna apatia; e escutou atentamente Luiza, que continuou desta sorte:

— Quando cheguei à vargem da Companhia, um espectáculo medonho se ofereceu à minha vista. Sobre lagos de sangue, eu vi — ó meu Deus! — cadáveres mutilados! Não pude avançar, os

joelhos dobraram-se-me, e eu orei — orei por aqueles infelizes tão cruelmente assassinados! Depois de rezar, achei-me com mais ânimo, e sem olhar para o lado fui costeando aquele grande largo. Ouvi um gemido, estremei e apressei o passo; mas em seguida uma voz lastimosa fez chegar a meus ouvidos estas palavras: Socorrei-me, boa mulher. A piedade pôde em mim mais que o medo: olhei e vi um homem ajoelhado, com as faces tintas do sangue que da cabeça lhe caía. Ele juntava as mãos, e havia em seu rosto uma expressão tão dolorosa, que a compaixão arrastou-me para ele. Que vos posso fazer — lhe disse — que vos seja de utilidade? — Salvar-me: primeiro amarra-me um lenço sobre esta ferida. Bem, agora dizei-me aonde estão os meus assassinos, e ensinai-me os meios de fugir-lhes. Não sei quem vos feriu, senhor — lhe respondi eu — devia ser porém uma banda de facínoras; porque — vede — de todos os vosso companheiros fostes vós o mais feliz. O oficial olhou em roda de si. — Todos mortos! — reflectiu ele — cobardes assassinos! Boa mulher, bem vedes que a vida devo-a às aparências que lhes fizeram persuadir que eu tinha caído morto; (*) mas se lhes torno a ir às mãos eles me matarão deveras. Dizei-me pois para onde hei-de dirigir-me, que não receie encontrá-los. Senhor — lhe tornei eu — não sei o que aconteceu na Vila, porque chego neste instante de fora, e ignoro mesmo de quem é que tendes a temer. — Boa mulher, foram os soldados que espalharam o sangue que vedes, é deles pois que eu quero fugir. — Ah! então vinde comigo; e eu vos indicarei caminho, seguindo o qual nada tereis a temer dos vossos inimigos.

Ele levantou-se: e em vista do sangue que perdera, era para admirar a agilidade e força que desenvolvia. Caminhámos ambos silenciosos, e nutrindo talvez bem diversos sentimentos. Eu ia tão distraída que o esqueci; e só ao pé do Monte Vermelho, é que me recordei de que fizera andar o meu ferido mais do que carecia para seguir a São Martinho, estrada que tencionava indicar-lhe. Tratava de remediar a minha distracção, quando — ao olhar para o meu companheiro — notei em seu pálido rosto visíveis sinais de terror; alongou o braço, e apontando para a base do monte, disse-me: — Vede! ali também há sangue; fujamos deste sítio. — Olhei, e o meu assombro não foi inferior ao seu medo, quando devisei dois corpos cobertos de sangue, e ligados por assim dizer, um ao outro. Não

(*) Histórico.

sei que força invencível me atraía para onde estava o objecto de terror para o meu companheiro; o caso foi, que, sem reflectir, eu caminhei até que meus olhos puderam distinguir num dos corpos as feições engelhadas da feiticeira do Monte. Mas, ó Céus! ao chegar-me mais, eu vi o teu rosto, meu João, o teu rosto salpicado de sangue — os teus olhos fechados — o teu corpo sem movimento, sem sinal algum de vida! O que a tal vista eu experimentei, não o podes tu compreender; porque era preciso que tu soubesses ler no meu coração, para te ser possível avaliar devidamente tudo quanto por ele se passou nesse momento!

Luiza limpou uma lágrima. João silencioso escutava-a sempre.

— O meu companheiro ficara imóvel no sítio em que o deixei: acenei-lhe para que viesse ajudar-me a desunir os dois corpos. Em quanto ele não chegava, coloquei a mão sobre teu peito; um raio de alegria fulgurou na minha alma; teu coração palpitava — por tanto tu ainda vivias. A feiticeira porém estava morta com uma grande ferida na cabeça.

Neste ponto João — com pasmo de Luiza — caiu de joelhos, e juntando as mãos, rompeu nesta exclamação: Minha mãe, minha mãe! alcance o teu muito padecer neste mundo o perdão do Céu para as tuas culpas!

— Tua mãe! Mas, João, quem fala aqui em tua mãe?

— Luiza, Luiza! a feiticeira, que já não existe, era a mesma Júlia, cuja história lhe ouviste contar: e Júlia é mãe de teu senhor, Júlia é aquela a quem igualmente eu devo o ser!

— Tu, irmão do *senhor!* então és tio de *nhanhinha!* nas veias de ambos gira o mesmo sangue! Logo a afeição que lhe consagra é pura, natural, ordenada por Deus — filha da simpatia que vai ligar a alguns corpos a porção cortada desses mesmos corpos! Ó João! será verdade que tu podes amar-me quanto eu te adoro?

E ao passo que Luiza mais e mais se inebriava nos lisonjeiros pensamentos, que tal descoberta lhe despertara, João não sabia explicar-se as palavras da escrava. Mas bem depressa ele compreendeu tudo; porque Luiza tomara-lhe as mãos — beijava-lhas — e dizia com aquela efusão de ternura que somente fornece o amor, esse «eu te amo» que significa todo o muito sentir de que é capaz o coração, que assim se manifesta. E o escravo não sabia que responder-lhe; por quanto, por muita afeição que a escrava lhe merecesse, estava esse sentimento bem longe de significar o extremo, que Luiza reclamava. Mas ele reflectiu que, desenganá-la imediatamente

fora pagar-lhe bem mal o muito que ele lhe devia. Resolveu, pois, conservar por em quanto Luiza na doce ilusão em que se embalava; e pedindo mentalmente perdão à imagem de Maria, por ir dizer a outra o que a ela só dizer devia, ele respondeu: — Sim, Luiza, eu quero-te muito.

Luiza — na alucinação que a possuía — não reparou que este «quero-te muito» não participava do fogo apaixonado que vira transpirar nas expressões que o escravo, naquela noite fatal, dirigiu a sua senhora. E depois, crê-se tão facilmente naquilo que se deseja; encara-se com tanta alegria um cantinho do Céu que nos sorri por entre as densas nuvens da tempestade, que não deve admirar ver Luiza segurar-se ao raminho, que a esperança lhe oferecia, sem calcular primeiro, se nele haveria a necessária força para a sustentar; e por isso ela confessou tudo ao escravo — a paixão que ele lhe inspirara, o muito que essa paixão a tinha feito padecer. E aconteceu que, ouvindo-a, João sentia-se comovido, por saber-se objecto de uma paixão que corria parelhas com a que ele tributava à interessante Maria: admirou o sublime daquela alma; e se não pôde outorgar a Luiza um affecto qual ela o desejara, votou-lhe contudo esse sentimento sem nome, que inspira o reconhecimento, e que, sendo menos que o amor, é todavia superior à amizade vulgar.

— Luiza — disse o escravo — continua a tua narração interrompida; conta-me como pudeste salvar-me.

— O que me resta a contar-te é breve; mas não tanto que deixe de roubar-me momentos, que eu muito quisera empregar em repetir-te quanto te adoro. Custou-nos muito a desembaraçar-te de Júlia, a qual te segurava o pulso com uma força espantosa: afinal conseguimos libertar-te daquela prisão; e observei com prazer que não estavas ferido. Persuadi-me naquele momento que Deus despenhara a feiticeira em castigo de seus malefícios; e que no excesso de sua maldade ela te arrastara consigo, mas que o Céu, sempre justo, permitira que seu corpo te servisse de amparo na horrível queda, da qual fora ela a única vítima. Os movimentos, que demos ao teu corpo, fizeram-te abrir os olhos; falaste, porém tuas palavras eram incoerentes e ininteligíveis.

Sereis tão bom — disse eu ao oficial — que me ajudeis a levar este moribundo até onde encontre gente que possa conduzi-lo? — Com todo o gosto — respondeu ele — mas não por ali, e apontava para a Vila. Ele tinha razão, mas eu fiquei desesperada. O caminho, pela Poeira, além de ser mais longe, é tão escabroso e

solitário, que dificultava sobre modo a minha empresa. Pedi que me auxiliasse, e colocando-te entre nós ambos, pusemos teus braços por sobre nossos ombros, e assim te fomos arrastando, até que a pouca distância encontramos por felicidade dois escravos, os quais, à promessa de um bom pagamento, aceitaram o encargo de trazer-te aqui.

No caminho o meu oficial — que se chama Duarte, segundo me disse — encontrou brancos que fugiram igualmente da Vila; por meu conselho juntou-se a eles e partiu. Fiz com que te trouxessem para este teu antigo quarto; e os meus cuidados estão recompensados com as sensíveis melhoras que tens experimentado nestas vinte e quatro horas. Um cirurgião que passou por aqui, fugido também da Vila, disse-me — quando te observou — que não tinhas lesão considerável. Indicou-me o tratamento a seguir, e afiançou-me que em oito dias estarias curado.

Agora ansiosa aguardo o momento em que possamos dirigir-nos a nossa ama, a fim de que ela te perdoe sabendo-te seu tio, e consinta na nossa união.

— Ah! — diz o escravo — declarar-lhe que sou seu tio! não cuides em tal; fora isso envergonhá-la; teríamos de contar-lhe o crime de seu avô; era entristecer-lhe a existência, que hoje lhe sorri sem vislumbre de cuidados. Diz-me, Luiza, que aconteceu depois daquela noite tão... fatal? Despediu-te do seu serviço particular? Proibiu-te dormires no seu quarto?

— Não, nada disso aconteceu: nem uma repreensão, invectiva alguma saiu de sua boca. E se nestes dias não tenho dormido no quarto dela, é porque lhe pedi licença para velar a cabeceira de um doente.

— Cândida pomba! Deus há-de protegê-la. Deus não há-de permitir que um vil sedutor contamine com seu hálito infesto aquele anjo de pureza e bondade.

— Não de certo: e a ela quem lhe há-de querer mal?

— Luiza — tornou João — a revolta dos soldados, os assassínios cometidos na Praia são obra de Lopes; — e Lopes jurou que Maria havia de pertencer-lhe.

— Como te enganas — observou Luiza — esse, que tu receias, foi justamente o que mandou para aqui seis soldados, a fim de nos protegerem contra os revoltosos. E esta guarda parece ser composta de homens bem dedicados, por quanto vejo sempre um ou outro de vigia constante.

João abanou a cabeça em ar de dúvida. Queira Deus que eu me engane — reflectiu ele — mas parece-me que Lopes não deixará de fazer das suas. Porém, Luiza, a manhã está quase a aparecer — vai dormir um pouco, de que bem precisas, atentas as vigílias a que eu te terei obrigado.

— Oh! não, eu não tenho sono: não obstante encostar-me-ei a esta mesa, e dormirei se tu dormires.

Momentos depois, tudo naquele quarto recaiu num silêncio só interrompido pelo respirar dos dois escravos.

.....
A queda de João não tivera resultados funestos; só algumas contusões, que nem mesmo o levariam à cama, se a febre — produzida pelas comoções violentas daquela noite — se não tivesse apossado dele durante doze horas. Três dias depois, João podia dizer-se convalescente.

XIX

AO PÉ DA CALABACEIRA

Começava a despontar o dia 26 de Março de 1835 — três depois da conversação relatada no capítulo antecedente: — Luiza encostada à mesa — como soía passar as noites durante a doença de João — gozava de um sono delicioso, afagado por alegres esperanças. João sobre o leito dormia também; mas como se o atormentassem desagradáveis sonhos, o seu dormir era desassossegado.

Um grito de desespero — o galopar de um cavalo — e os passos de pessoas que entravam aflitas no quarto em que dormiam João e Luiza, foram despertar os dois escravos.

Acudi, acudi! — gritavam várias bocas femininas — levam a senhora. E a estas vozes ia juntar-se uma outra mais aguda — mais estridente — mais desesperada, que dizia: Salvem, salvem minha filha das mãos daquele assassino! E ninguém corre — acrescentava a lacrimosa mãe — ninguém se anima a ir disputá-la ao covarde sedutor!

João começara a vestir-se, logo que ouviu os gritos: quando Mariana acabou a sua justa lamentação, ele saltou da cama com agilidade superior à que devera esperar-se de um convalescente, e bradando: tragam-me uma espingarda carregada e uma espada, ele seguiu à cavalaria. Soltou o famoso Lasão — cavalo assim chamado, pela sua cor alazã clara — e, como lhe tivessem trazido as armas que pedira, saltou-lhe sobre o dorso — bateu-lhe os calcanhares — e o feroso animal, livre de freio e sela, fez estalar debaixo dos duros cascos o chão, que só tocava para fugir-lhe. A pouca distância, seis baionetas se lhe cruzam na frente; de um pulo ele

transpôs aquele obstáculo — e continuou a veloz carreira, sem cuidar das balas, que sibilavam às orelhas de João. Desce a montanha, que forma um ângulo vertical com a sua imediata, e não obstante o grande declive desta, quase que a sobe de um salto o fogoso Lasão. Após ela o terreno que se lhe oferece é plano, mas cheio de pedra solta; debaixo dos cascos — que se não doem apesar de desferrados — saltam as pedras, e despedem-se, como se fossem atiradas por bem manejada funda; algumas mesmo vão bater-lhe na testa, outras açoutam-lhe as ancas; mas o fogoso cavalo nada sente, ou se o sente, é como estímulo que lhe redobra os brios, e faz duplicar a força da carreira.

João vê sobre a achada de São Pedro o raptor galopando naquele liso terreno. Ah! meu Lasão — diz o escravo — mais um bocadinho de esforço, e seremos com ele. Mas o cavalo, em vez de obedecer, enfraquece a carreira, e a perna esquerda dobra-se-lhe como cedendo a uma dor violenta. João atingiu num relance a causa que fazia sofrer o cavalo: saltou em terra, observou-lhe a pata; não se enganara, uma pequena pedra aguda estava entalada na fenda que divide o casco. Tirou-lha; mas por mais ligeiro que andasse, não foi tão pouca a demora que o não obrigasse a perder de vista o raptor. Porém não desespera. O cavalo, como de agradecido, sacode a cabeça — relincha de satisfação — e parte, como se visse adiante de si a esquiva companheira. Chegado sobre o macio e plano terreno da achada de São Pedro, o Lasão, sem parar, levanta a cabeça, e alarga as ventas como para fornecer-se do ar que a corrida dificultava em seus pulmões; depois estremece, e corta o vento — que desgraçadamente lhe é contrário — com a rapidez da seta fendendo os ares.

João torna a avistar aquele a quem persegue; o peito dilata-se-lhe de gosto; em breve vai salvá-la ou morrer. Mas de seu lado direito, um galope desesperado chega a seus ouvidos, e, instantes depois, vê na frente um cavalo preto, que se lhe apresenta fogoso, e como desafiando o Lasão, o qual rincha de raiva, e se dispõe a ferir o seu contrário.

João não repara no perigo, atende só à demora que de tal combate vai resultar. Os dois cavalos já se têm dado furiosos couces: o preto completamente livre conservava toda a vantagem sobre o Lasão, que além de cansado, sustentava um cavaleiro. Já sobre o cachaço do Lasão estão ferrados os dentes do preto; aquele já cede à dor, já dobra o pescoço, e sucumbirá se João lhe não acode. Mas

o escravo não pode dispôr senão de um tiro, e esse reserva-o ele para maior momento. Que fazer pois? Ele vê-se perdido; dali à Praia o caminho é muito curto, qualquer pequena demora destruía a vantagem da carreira. Toma uma resolução súbita; agarra a espingarda pela extremidade do cano, e — com o perigo de matar-se, ou de perder o tiro de que julgava carecer, se a arma disparasse — ele descarrega uma enorme coronhada sobre a cabeça do cavalo preto: este e o Lasão deram em terra. João desembaraçou a perna, puxou da espada, e duas vezes a escondeu no ventre de seu inimigo. O Lasão ficara bem ferido no pescoço; João barrou-lhe com terra a mordedura a ver se lhe estancava o sangue — e depois de o afagar montou, gritando: — Eia, Lasão! O agradecido animal, obedecendo à voz de quem o tinha salvado, tomou a carreira que suas forças lhe permitiam. Cinco minutos depois, João avistou Lopes — cujo cavalo já não corria, fatigado pelo duplicado peso de dois corpos — avistou-o quase chegando à *Calabaceira*.

Esta formosa árvore, cujo tronco — com dezassete braças de circunferência — conserva milhares de nomes que ali têm gravado quantos a têm visto de perto, convida por seus copados ramos a gozar da sombra que ela oferece ao cansado viandante, deslumbrado pelo sol intenso que o acompanhou todo o caminho (*).

Porém — como é de presumir — Lopes não se dirigia para a majestosa árvore a fim de descansar; mas João, vendo-o tão próximo, criou ânimo, e apertou os flancos ao Lasão. Este ainda deu uns vinte passos, mas as forças desampararam-no — o sangue que perdera aniquilara-lhe os brios — e caiu, lançando sobre João um olhar que podia traduzir-se por um «perdoa-me, que eu não posso mais».

Oh! mas João, ao ver-se a pé, chegou ao cúmulo do desespero! Correu, mas fraco como ainda estava, em breve cansou: que fará? Lopes estava-lhe a tiro de espingarda; mas disparar sobre ele fora comprometer igualmente a vida de Maria, a qual Lopes segurava diante de si. Todas estas reflexões correram na mente do escravo em menos tempo do que nós temos levado em escrevê-las — e ele caminhava sempre. Põe a espingarda à cara e desfeca; cavalo e cavaleiro envolveram-se numa nuvem de pó. João abandonou a espingarda que já de nada lhe servia, e com a espada em punho correu sobre Lopes. Este não estava ferido, por quanto João atirara

(*) Vide no dicionário da língua portuguesa de Constâncio a palavra *Baobad*.

sobre o cavalo, e por isso Lopes, desnudando a espada, esperou o inimigo. Ao ver aproximar-se-lhe um só indivíduo, ele admirou-se; pois que ao ouvir o tiro e ao observar o cavalo mortalmente ferido, julgou que uma tropa o perseguia. Na impossibilidade de escapar-lhe, preferiu vender cara a vida, a uma fuga que seguramente em nada lhe aproveitara, se, como ele supunha, os que o perseguiam vinham montados. Mas à vista de João, ele considerou-se salvo; e atacou-o com a fúria de quem deseja acabar depressa com o combate.

Maria apenas viu os ferros *engajados*, levantou-se e fugiu — qual rola perseguida — a esconder-se numa das cerradas moitas de purgueira que ficam dali perto.

João nunca tinha jogado as armas, por isso Lopes levava-lhe grande vantagem. O escravo evitava os golpes, fugindo agilmente com o corpo; mas se conseguira até ali defender-se, ele não tinha podido ferir; e em breve o cansaço o iria pôr à disposição do seu inimigo.

João não teve tempo de reflectir sobre o partido que devia tomar, porque, um tiro que se disparou do lado, fê-lo cair com uma bala no peito. Lopes dispunha-se a acabar com um golpe de espada a vida daquele que tanto se empenhava em destruir-lhe os seus projectos, quando se sentiu agarrado: voltou o rosto e reconheceu José Joaquim, o qual lhe disse: Foge, senão estamos perdidos.

— Fugir — observou Lopes — de quê?

— Olha; e José Joaquim apontou para o lado do Monte Tagarro: densa nuvem de pó deixava adivinhar uma multidão de cavaleiros. Não temos tempo a perder — continuou ele — aquele pó que vês levantado é o povo do interior — são os foragidos que regressam armados. O seu número deve ser considerável; resistir-lhe fora loucura, fora perder tudo quanto temos ganhado — e talvez as vidas.

— Mas hei-de eu abandonar a posse de Maria, a melhor jóia do meu tesouro? Ela deve estar por aqui perto: um momento para que eu a procure.

— Mas tu não vês que a coluna avança, e que, por falta de lanchas, não podemos quanto convinha apressar o nosso embarque para os dois navios tomados; e que nestas circunstâncias quaisquer minutos de demora podem custar-nos a vida? Lá de cima eu vi-te caminhar para a Vila; e quando notei que te perseguiam, corri a socorrer-te. Já vês que sou teu amigo: eu podia ter já embarcado

sem esperar-te — não o fiz, porque, como já disse, tenho-te afeição; e não poria agora embaraço aos teus desejos se os julgasse oportunos e de realização possível. Vem, abandona essa mulata, que pode ser a causa da tua perdição: se teimas, adeus.

Lopes resolveu-se a partir, porque considerou que ainda mesmo que chegasse a haver às mãos a mulata, o povo que vinha sobre a Vila lhe arrebataria a sua presa, para buscar a qual ele teria de consumir um tempo precioso.

.....
Maria, apenas os viu longe, saiu do seu esconderijo. O primeiro, o único pensamento dela, foi procurar aquele que a tinha libertado, o escravo que ela vira cair ferido, talvez de morte. João conseguira arrastar-se até à *Calabaceira*; ele encostou-se àquele enorme tronco, e comprimindo a ferida com a mão, buscava dilatar a vida, porque uma esperança lisonjeira lhe vaticinava a aproximação de Maria. E de feito, esta chegara-se comovida para junto do escravo, o qual — vendo o interesse de que era objecto — empregou nela um inefável olhar de reconhecimento. E depois — como tendo por impossível tanta ventura — julgando ver no rosto de Maria a vaporosa imagem que tantas vezes se lhe representava no pensamento — ele fechou os olhos para demorar-se quanto possível na contemplação do anjo, cuja presença ele tomava como filha de um formoso ideal.

Porém Maria em breve lhe fez acreditar na realidade; porque, tomando-lhe a mão perguntou com todo o carinho, com toda a meiguice de que pode dispor a mulher que sabe amar: — João, meu amigo, meu libertador, aonde estás ferido?

João abriu os olhos, encarou o semblante da virgem, cuja proximidade lhe permitia aspirar o hálito puro que se exalava daquela boca de anjo! E a sua alma, presa por um fio à humanidade, como que se dilatava para dar cabida à imensa ventura do presente; porque nos grandes deleites o passado não lembra, o futuro não existe!

Mas este silêncio, esta muda contemplação — que similhava o espasmo — assustou Maria, a qual perguntou novamente:

— Meu João, não me faças sofrer por mais tempo: diz-me, onde estás ferido?

João satisfez ao pedido daquela voz, que vibrava a seus ouvidos com toda a melodia de um coro angélico: tirou a mão do peito, e uma golfada de sangue foi salpicar as vestes da virgem.

Maria ao observar a enorme ferida do escravo, soltou um grito de pungente aflição. Meu Deus! meu Deus! — disse ela. — Permiti, Senhor, que a minha liberdade não custe a vida àquele que me a deu. E correndo para ele, foi com o lenço ver se estancava o sangue que, a largos borbotões, saía da ferida: para o conseguir ela não duvidou de sentar-se ao lado do escravo, o qual soltou a custo estas palavras:

— Vossos cuidados, senhora, são inúteis. Eu sinto aproximar-se a morte.

— Oh! — disse Maria — e não haver quem o socorra!... ninguém, ninguém aparece!... e ele vai finir-se nos braços impotentes de uma fraca mulher!...

— Maria, expirar nos teus braços, era quanto neste mundo podia apetercer. Se tu soubesses quanto neste momento eu sou feliz! Olha, olha para mim: notas acaso no meu rosto algum sinal de sofrimento? algum indício de susto por ver aproximar-se a hora do passamento? Não, porque o gozo que desfruto é indizível! A morte, senhora, vai tornar-me teu igual; o anjo da agonia, que eu vejo adejar em torno a mim, diz-me que eu posso, sem ofender-te, apertar entre as minhas esta mão, sobre a qual tu permites — não é assim? — que eu descanse muitas vezes meus lábios... Eu amo-te, Maria... oh! eu posso dizer-te sem pejo, porque a morte vai purificar o amor do escravo... Estas lágrimas que humedecem tua mão são de ventura...

E nisto a cabeça do escravo caiu sobre o seio da virgem; e ali os seus beiços procuravam o calor que já lhes ia faltando. Depois, apontando para o Céu, ele disse com a desfalecida voz do moribundo:

— Adeus!... espero-te lá em cima... ali amar-me-às tu? Ah! diz... diz que sim... Maria, virgem pura... Maria, senhora da minha alma, um beijo... um beijo teu... em quanto vivo...

E Maria chorava, não menos que o escravo, mas as lágrimas dela eram amargas; traduziam o doloroso transe por que passava a sua alma. E ela já o amava! Amava-o e de maneira, que, se lhe fosse possível arrancar o escravo das garras da morte, ela orgulhosa o apresentara ao mundo, como dono e senhor absoluto do seu coração; porque Maria compreendeu quanto havia de puro, delicado e sublime no amor que João lhe dedicava.

E seus lábios, quais folhas de descorada rosa, orvalhadas pelo rocío da manhã, foram unir-se à pálida boca de João; e os beiços

deste, estremecendo a tão delicioso contacto, deixaram exalar-se a vida por entre um sorriso de estreme prazer. E aquela alma, tão pura, transportava-se ao Céu, arrebatada nas asas daquele primeiro e último beijo de amor!

.....
A vanguarda do povo, cuja vinda obrigou Lopes e a sua banda a fugirem tão precipitadamente, ao aproximar-se da Calabaceira, devisou dois corpos que não davam sinal de vida. Alguns ao chegarem-se mais, exclamaram: — Oh que desgraça! Aquela é a bela Maria, a interessante mulata do sítio de B.... Apearam-se, e prestaram os cuidados possíveis naquele momento à infeliz, cujo coração ainda palpitava. Os espíritos, que a fizeram respirar, chamaram-na à vida; e ela — sem ter a consciência do que se passava — deixou-se conduzir sem dificuldade.

Ninguém fez caso do cadáver do escravo!...

XX

A SEPULTURA

É noite: o céu, coberto de nuvens, não deixa aperceber estrela alguma: o vento solta-se arrebatado do sudoeste, e levanta redemoinhos de pó: o escuro é perfeito — porém não; de vez em quando os horizontes iluminam-se, mas súbito tudo recai nas trevas momentaneamente dissipadas pelo relâmpago que aparecera, como para fazer mais sensível a escuridão. Um som longínquo — lúgubre — imitável — interrompe o silêncio do espaço: é o trovão que muge ao longe.

Oh! a noite é medonha!

A trovoada que se anunciara rebombando a uma distância imensa, já a pino sobre a ilha de São Tiago, provoca com seu fúrido estampido o eco das montanhas: — já estala, brame, e rola-se estrepitosa por sobre as nuvens, que se fendem, e despedem à terra raios de fogo e água!

Orai pelo viajante, que a tempestade apanhou no meio da selva. Orai, porque ele caminhará léguas e léguas sem encontrar o convento hospitaleiro — a choça do camponês — a morada do coureiro, onde possa esconder-se à fúria da borrasca! Oh! sim, orai, porque neste país ele terá de percorrer campos imensos, achadas sem fim, antes de encontrar tecto que o abrigue: terá de subir às cristas dos montes, de descer ínvias e escarpadas rochas, de contínuo atemorizado pelo precipício, que se mostra a seus olhos, como

esperando o resvalar de um pé para o tragar! ameaçado pelas pedras que a chuva desliza do cume das rochas.

Mas, quem é que nesta noite horrível caminha pela vargem da Companhia? Quem, tão perto da Vila, foge aos abrigos que ela podia fornecer-lhe, para assim afrontar a tempestade? É uma mulher! Será Herodiade acompanhada da maldição do Senhor! Herodiade que caminha sempre! impelida pelo furação que a empurra, arrebatada e fustiga por entre as areias movediças do deserto — por cima dos gelos da Sibéria — por sobre os areais da abrasadora África? Não: um relâmpago deixa-nos ver as feições dessa mulher, que por semelhante tempo se dirige a tais desoras para o lado do Monte Vermelho. É Luiza, a jovem preta que caminha a largos passos à luz da lanterna que ela própria conduz. Não vai só, a pouca distância segue-a um hercúleo preto, que verga ao peso de um cadáver que traz sobre os ombros.

Luiza começara de subir o monte, quando tropeçou; levou a lanterna ao obstáculo que se lhe antepunha — mas ao descobrir o que era, recuou horrorizada: — reconheceu o cadáver da feiticeira, já decomposto e em parte devorado pelos corvos. Tomando por outro caminho, continuou a subir o monte. Parou, e voltando-se para o seu companheiro, disse-lhe: É aqui — fez uma pausa, depois continuou: — Tomás, já ganhaste as orelheiras de ouro que te prometi; toma-as. Agora para alcançares as bonitas contas de coral, sabes qual é o nosso ajuste — é preciso que metas o cadáver naquela cova, a qual depois deves encher de pedras e terra até à boca: estás ainda pelo ajuste?

Tomás não respondeu logo; chegou à entrada da cova, deitou para dentro o cadáver, que foi rolando até ao fundo da caverna; depois disse para Luiza:

— Dá-me o colar.

— Não — observou Luiza — faz o serviço.

— E quem me afiança — replicou Tomás — que, em quanto eu vou em cata das pedras, tu não foges depois da cova estar meia entulhada?

Luiza alongou o colar ao preto; este guardou-o, e afastou-se resmungando.

— Vou gastar nisto o resto da noite. Diabo! não ter trazido um balaio — poupava-me metade do trabalho.

Luiza não o ouviu; porque mal entregara o colar, ela entrou na caverna; e ajoelhando em frente do cadáver, colocou a lanterna

de modo a esclarecer as feições do escravo. E ela fitou aquele rosto, em cujos lábios ainda se apercebia o sorriso inefável, que nos seus últimos momentos ele dera ao amor. E ela julgou, por momentos, que era o sono e não a morte que tinha sem movimento aquele corpo, em cujo peito reclinou a cabeça para escutar-lhe o bater do coração. Mas, ó Deus! seu rosto encontrou uma pasta de sangue que se congelara sobre a ferida do escravo! E ela levantou cabeça, tendo estampada no semblante a mais intensa aflição. Buscou o Céu, a fim de obsecrar um consolo, um refrigério, que só dali podia esperar; mas seus olhos — deparando com a lúgubre abóbada da caverna — volveram-se rápidos para o rosto, que tantas lágrimas lhe havia feito derramar.

E ela foi juntar os seus lábios aos lábios frios do escravo — beijou-lhe as pálpebras inanimadas — roçou-lhe a boca por sobre as faces sem vida — e, como se ele ainda pudesse ouvi-la, exclamou com o acento da mais sublime resignação:

— João, eu quero ir ter contigo. Tu esperas-me ansioso, não é assim? Chamas-me, porque sabes que o meu amor deverá fazer-te feliz nessa outra vida sem lágrimas. Quanto tempo estarás tu sem mim? Se me fosse permitido encurtar a existência, eu seria bem depressa a teu lado! Mas, dar-me a mim a mesma morte, era um crime que me fecharia as portas do Céu. Oh! e eu quero ter entrada no Céu! porque é lá que tu deves estar; é ali que tua alma sem mancha deve estar gozando da recompensa prometida aos escolhidos do Senhor. E por ventura te consideras tu feliz sem mim? Não, porque assim como eu careço dos teus afagos, tu hás-de precisar dos meus carinhos. E estes beijos que eu emprego em tua boca, em vez de se gelarem — como agora acontece sobre teus frios beijos — terão duplicada força — serão mais ardentes, quando lá em cima os permutar pelos teus. Ah! João, pede ao Criador do mundo que me chame para si tão breve, quanto o deseja meu coração; e...

Não pôde acabar, uma grande pedra, despedida da entrada da gruta, foi esmagar-lhe a cabeça de encontro ao peito de João.

Era a primeira pedra que Tomás lançava na caverna.

E ele cumpriu a promessa que fizera a Luiza; — o antro ficou entulhado de modo, que hoje, no Monte Vermelho, não à vestígio de semelhante caverna; nem tão-pouco se depara com sinal algum, que dê a conhecer a sepultura dos dois infelizes escravos.

Os corvos acabaram de consumir o cadáver da feiticeira, cujos ossos, talvez alguns, ainda hoje se encontrem disseminados pela base do monte.

Dois meses depois das cenas que — por mímica de engenho — tão mal deixámos descritas, Maria e sua mãe transportavam-se no... para Bissau, onde as esperavam os braços de um carinhoso marido, e pai extremoso.

ÍNDICE

	Pág.
Notícia	7
Dados bibliográficos	9
Prefácio — Uma leitura plural	11
I João — O escravo	25
II Explicações precisas — Maria	33
III A visita — Conversações	39
IV Luiza	49
V Uma amiga	55
VI Reunião de escravos — Uma história	61
VII A história da feiticeira	71
VIII O torno	77
IX Na taverna do tio Tesoura	81
X Inocência, amor e ciúme	89
XI Banido!	97
XII Ingrato! — Infeliz!	105
XIII O antro da feiticeira	109
XIV A mãe e o filho	115
XV Continuação da história de Júlia	121
XVI Não irás!	127
XVII Revolucionários, ou assassinos?	131
XVIII A enfermeira	137
XIX Ao pé da calabaceira	145
XX A sepultura	153

Oficina artesanal

A) — *Colecção para a História das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*

- 1 — *Coração em África*
Obra poética de Francisco José Tenreiro
Pref. de Fernando J. B. Martinho
- 2 — *Poesia negra de expressão portuguesa*
Mário de Andrade e Francisco José Tenreiro
Introdução de Manuel Ferreira
- 3 — *Chiquinho*
Romance de Baltazar Lopes
Pref. de Alberto Carvalho
- 4 — *Mensagem* (a sair)
Revista angolana
Entrevista/introdução com António Jacinto
- 5 — *Claridade*
Revista caboverdiana
Depoimentos de Baltazar Lopes e Manuel Lopes, os dois fundadores vivos
Introdução de Manuel Ferreira
- 6 — *Os trabalhos e os dias*
Contos de Baltazar Lopes
Pref. de Arménio Vieira

A sair

- 7 — *Poemas de longe*
António Nunes
Introdução de Jaime de Figueiredo
- 8 — *João Cabafume*
Contos de Gabriel Mariano
Texto introdutório: «Gabriel Mariano visto por si próprio»
- 9 — *Almanach de Lembranças*
Toda a produção literária africana (1851-1932)
Levantamento, organização, prefácio e notas de Gerald Moser
- 10 — *O canto do Ossóbó*
Obra poética de Marcelo da Veiga
Organização, prefácio e notas de Manuel Ferreira
Introdução de Inocência Mata
- 11 — *O escravo*
Romance do caboverdiano do século XIX de José Evaristo de Almeida
Pref. de Manuel da Veiga